

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL DAMACENO DIAS

A EFÊMERA CHANCE DE ENCANTAR O MUNDO: FLORIANÓPOLIS NAS ÚLTIMAS  
DÉCADAS DO SÉCULO XX

CURITIBA  
2013

RAFAEL DAMACENO DIAS

A EFÊMERA CHANCE DE ENCANTAR O MUNDO: FLORIANÓPOLIS NAS ÚLTIMAS  
DÉCADAS DO SÉCULO XX

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em  
História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes  
da Universidade Federal do Paraná, como requisito  
parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Andreazza

CURITIBA  
2013

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Dias, Rafael Damaceno

A efêmera chance de encantar o mundo : Florianópolis nas  
últimas décadas do século XX / . – Curitiba, 2013.  
160 f.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Luiza Andreazza

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas,  
Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1. Florianópolis (SC) – História – Século XX 2. Florianópolis  
(SC) – Crescimento urbano. 3. Florianópolis – Mudança social  
I. Título.

CDD 981.641




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.  
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: [www.poshistoria.ufpr.br](http://www.poshistoria.ufpr.br)

#### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de Rafael Damaceno Dias, intitulada: ***A efêmera chance de encantar o mundo: Florianópolis nas últimas décadas do século XX***, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.


Curitiba, dezenove de fevereiro de dois mil e treze.

  
Prof. Dra Maria Luiza Andreazza (Orientadora)  
(Presidente da Banca Examinadora)

  
Prof. Dra Maria da Conceição Pereira Ramos (UP)  
1º Examinador

  
Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão (UDESC)  
2º Examinador

  
Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin (UFPR)  
3º Examinador

  
Prof. Dra Roseli Boschilia (UFPR)  
4º Examinador

**Em memória de minha mãe e de meu pai.  
Saúde gostosa dessas pessoas que encantaram meu mundo.**

## **AGRADECIMENTOS**

Há quatro anos, durante as aulas de seminário de tese, brincávamos que deveríamos anotar o nome de todas as pessoas que iriam nos ajudar na escrita de nossos trabalhos. Pois bem, isso deveria ter sido feito por mim, tendo em conta que nos registros que realizarei a seguir, certamente faltarão presenças importantes. Não obstante, quero crer que todos que contribuíram mais de perto à concretização da presente tese, terão seus nomes registrados. Nesse sentido, quero agradecer:

Aos funcionários dos diversos institutos de pesquisa pela disponibilização dos mais diferentes dados sobre Florianópolis. Nomeadamente agradeço a Anael, do IPARDES, e a Daniel, do IBGE.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e da Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho.

A todos os depoentes que generosamente compartilharam comigo suas recordações. Sem seus depoimentos essa tese não existiria da forma como é.

Aos meus ex-alunos da rede pública em Florianópolis. Jamais esquecerei do dia em que avisei que deixaria a escola para dedicar-me integralmente ao curso de doutorado. Quanto carinho. Valeu!

Às minhas queridas amigas: Regina, Virginia, Mônica, Simone e Isabel. Quantas vezes vocês me fizeram rir... Não estou chamando ninguém de palhaço, beleza?

À Maria e sua família, em especial sua mãe, Maria. Ao Silvio e sua mãe Silvia. Ao Saul e sua família, em especial, Vera, Antônio, e a doce Ecilda (quanta simplicidade). À tia Lili, ao Airton e ao Vivi. Vocês são demais!

Aos meus brothers: Saul, Cris, Crema, Patrese, Rogério, Felipão e Eraldo (que assim tão cedo foi embora, que tristeza).

À rapaziada gente fina de Portugal que me deixou sem graça com tanta hospitalidade: Margarida, Miguel, Ramos, Antônia e todos os colegas do laboratório dos doutorandos da Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Quero agradecer à Capes pelo apoio fundamental fornecido pela bolsa de doutoramento no país, e por oportunizar o estágio de doutoramento na cidade do Porto, em Portugal.

Agradeço à professora Maria da Conceição Pereira Ramos pela hospitalidade, e por compartilhar comigo seus conhecimentos adquiridos no decorrer de anos de pesquisa e de docência.

Meus agradecimentos aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, em especial à professora Roseli Boschilia.

Satisfação também em mencionar o nome de Maria Cristina, a psicóloga, digo, secretária da pós. Valeu, Cris!

Por fim, quero agradecer às pessoas que especialmente durante a reta final da escrita da tese, foram de fundamental importância.

À Inaura, que depois da morte de meus pais, ganhou mais um filho.

À minha irmã, essa linda mulher que eu vi crescendo. Quantas coisas vivemos juntos... Deixar eu apertar essas buchechas!

À Begoña, pelo apoio e companheirismo incondicional. Quero sempre poder retribuir tanta felicidade.

E, à Maria Luiza Andreazza: quanta sorte ter compartilhado uma grande parte de minha vida acadêmica com essa professora extraordinária.

- Mire, señor, que aquéllos son frailes de San Benito, y el coche debe de ser de alguna gente pasajera. Mire que digo que mire bien lo que hace, no sea el diablo que le engañe.

-Ya te he dicho, Sancho - respondió don Quijote -, que sabes poco de achaque de aventuras; lo que yo digo es verdad, y ahora lo verás.

**Cervantes**

A cidade é um chão de palavras pisadas  
a palavra criança a palavra segredo.

A cidade é um céu de palavras paradas  
a palavra distância e a palavra medo.

**Zeca Afonso**

Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo.  
Curitiba, onde o céu azul não é azul, Curitiba que viajo.  
Não a Curitiba para inglês ver, Curitiba me viaja.

**Dalton Trevisan**



DIAS, Rafael Damaceno. *A efêmera chance de encantar o mundo: Florianópolis nas últimas décadas do século XX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

**Resumo:** Nas últimas décadas do século XX, Florianópolis vivenciou um amplo crescimento populacional que teve profundas consequências na sua organização social e urbana. Esse movimento foi interpretado de diversas maneiras o que ocasionou o surgimento de diferentes representações sobre o período. Essa tese se ocupa basicamente em contrastar duas representações sobre as transformações acontecidas em Florianópolis. Uma primeira criada a partir da seleção de estatísticas, dados censitários, econômicos e sociais, e de argumentos presentes em uma bibliografia especializada. E, uma segunda, produzida por cronistas e colonistas de variedades do município a partir das seleções que realizavam diante dos acontecimentos que observavam. O objetivo geral do trabalho é perceber eventuais disparidades entre as duas representações e identificar possíveis pontos de convergência. Para a realização desse objetivo, foram escritos três capítulos. O primeiro pretende demonstrar a radicalidade da transformação sociocultural e urbana acontecida em Florianópolis na segunda metade do século XX. No capítulo 2, é examinada uma das mais importantes representações surgidas na imprensa e presente nas crônicas e colunas de variedades: aquela em que essa cidade surge dividida entre florianopolitanos e migrantes. Por fim, o terceiro capítulo se centra na identificação das principais preocupações manifestadas pelos cronistas e colonistas de variedades de Florianópolis a partir da década de 1970.

**Palavras-chave:** transformações urbanas – representações - identificações.

Dias, Rafael Damaceno. *The ephemeral chance to enchant the world: Florianópolis in the last decades of the twentieth century*. Thesis (Doctorate in History). Universidade Federal do Paraná (Federal University of Paraná), Curitiba, 2013.

**Abstract:** At the end of the 20th century, Florianópolis experienced a large population growth that had deeper consequences on their social and urban organization. This phenomena was interpreted in various ways, which caused the emergence of different representations of the period. This thesis is concerned primarily in contrasting two representations of the transformations happened last century in Florianópolis. The first one is created from the selection of statistics, census data, economic and social data and specific bibliography. The second representation is produced by writers and columnists of Florianópolis from their comments about some events they observed. The overall goal of this work is to realize any disparities between the two representations and identify possible points of convergence. In order to achieve this goal, there were written three chapters. The first one aims to demonstrate the radicality of the socio-cultural and urban transformation happened in Florianópolis in the second half of the twentieth century. In chapter 2 is considered one of the most important representations in the press, wich is also present in chronicles and columns of variety. This representation shows how the city appears divided between the people who were born in Florianópolis and the people who came from other states. Finally, the third chapter focuses on identifying the major concerns expressed by writers and columnists of variety of Florianópolis from the 1970s.

**Keywords:** urban transformations – representations - identifications.

## LISTA DE TABELAS

TABELA I - POPULAÇÃO BRASILEIRA E DOS MUNICÍPIOS DE FLORIANÓPOLIS, PORTO ALEGRE E CURITIBA (1950 – 2000) .....	21
TABELA II - PERCENTUAL DE PESSOAS NÃO NASCIDAS EM RELAÇÃO ÀQUELAS NASCIDAS EM FLORIANÓPOLIS, PORTO ALEGRE E CURITIBA.....	22
TABELA III - PESSOAS NÃO NATURAIS DE FLORIANÓPOLIS E SEU TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO .....	23
TABELA IV: NÚMERO DE RESIDENTES DOS DISTRITOS DE FLORIANÓPOLIS E PERCENTUAL DE AUMENTO POPULACIONAL, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 2000.....	25
TABELA V - DENSIDADE POPULACIONAL EM FLORIANÓPOLIS ENTRE 1950 E 2000.....	27
TABELA VI - COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS POR ESTADO DE NASCIMENTO.....	28
TABELA VII - URBANIZAÇÃO NO BRASIL.....	30
TABELA VIII - URBANIZAÇÃO EM SANTA CATARINA.....	33
TABELA IX - PROCEDÊNCIA DE PESSOAS NÃO NATURAIS DO MUNICÍPIO ONDE RESIDEM.....	34
TABELA X - AUMENTO PERCENTUAL DE MIGRANTES DAS SEIS MAIORES PROCEDÊNCIAS EM FLORIANÓPOLIS.....	35
TABELA XI - NÚMERO DE PESSOAS EMPREGADAS EM DIVERSAS ATIVIDADES ECONÔMICAS EM FLORIANÓPOLIS.....	38
TABELA XII - PERCENTUAL DE AUMENTO NO NÚMERO DE DOMICÍLIOS E DE MORADORES EM FLORIANÓPOLIS.....	50
TABELA XIII - ANOS DE ESTUDO DOS RESIDENTES EM FLORIANÓPOLIS.....	71

TABELA XIV - RELIGIÕES EM FLORIANÓPOLIS.....	74
TABELA XV - EXISTÊNCIA DE BENS NOS DOMICÍLIOS DE FLORIANÓPOLIS.....	76
TABELA XVI - PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE COM VALOR DO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL EM FLORIANÓPOLIS.....	78
TABELA XVII - TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS NOS MUNICÍPIOS DE CURITIBA, FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE.....	109
TABELA XVIII - TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS A CADA CEM MIL HABITANTES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS NA DÉCADA DE 1990.....	109
TABELA XIX – NÚMERO DE MIGRANTES E TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS NOS MUNICÍPIOS DE CURITIBA, FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE .....	111

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1. QUE FLORIANÓPOLIS É ESSA?.....</b>	<b>19</b>
1.1. CARACTERÍSTICAS DO CRESCIMENTO POPULACIONAL.....	20
1.1.1. Expansão das áreas habitadas na Ilha de Santa Catarina.....	24
1.1.2. Uma nova estrutura demográfica.....	27
1.1.3. Mercado de trabalho e migração em Florianópolis.....	36
1.2. CONSEQUÊNCIAS DO AUMENTO DA POPULAÇÃO.....	42
1.2.1. A elevação do preço dos imóveis.....	43
1.2.2. Surgimento de condomínios residenciais.....	52
1.2.3. Relações entre modernidade e urbanização.....	58
<b>2. NOVOS TEMPOS, NOVAS PESSOAS, UM NOVO MUNICÍPIO.....</b>	<b>62</b>
2.1. QUE OPOSIÇÃO É ESSA?.....	63
2.1.1. Expansão de segmentos socioeconômicos e socioculturais.....	70
2.1.2. O lugar do cronismo e do colunismo de variedades na imprensa.....	79
2.1.3. Os cronistas e colunistas de variedades de Florianópolis.....	83
2.2. A NOVA FLORIANÓPOLIS.....	86
2.2.1. Novos hábitos.....	86
2.2.2. Anonimato.....	90
2.2.3. Vida noturna.....	92
2.2.4. Os turistas.....	95
2.2.5. Novos moradores.....	98
<b>3. UMA SÍNTESE DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS.....</b>	<b>103</b>
3.1. MIGRAÇÃO E VIOLÊNCIA URBANA.....	103
3.1.1. Homicídios.....	108
3.2. UM NOVO DESAFIO.....	111
3.2.1. Florianópolis perdida.....	122
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>149</b>

## INTRODUÇÃO

De certa forma, representar também significa selecionar. Isso porque quando algo é representado realizam-se seleções com vistas a focalizar suas características consideradas mais importantes. Para Moscovici, isso acontece devido a necessidade de, em meio a uma variedade de informações, classificar e delimitar aquelas úteis para a interpretação que se deseja realizar<sup>1</sup>.

Com base nesse raciocínio, a História pode ser entendida como uma representação. Isso porque ela se constrói a partir de uma seleção de fontes e bibliografia realizada pelo profissional de História quando cria uma interpretação. Nesse sentido, fica claro a importância de novos documentos e pesquisas: eles possibilitam ao historiador ampliar o lugar em que realiza as seleções características de seu *métier*.

Contudo, não são somente os historiadores que produzem representações. Os homens no seu cotidiano, e a todo momento, as constroem baseados no que leem, assistem na televisão, ouvem na rádio ou conversam com seus amigos e familiares. Como o historiador, eles também selecionam dentro de um conjunto de informações as que consideram mais adequadas e, a partir delas, criam suas próprias representações sociais.

As representações construídas pelo profissional de História e aquelas realizadas pelo não historiador nem sempre coincidem. Em parte isso se deve ao método utilizado pelo historiador. É ele que, por exemplo, direciona as seleções realizadas pelo pesquisador conectando os fatos às suas interpretações. Para recordar uma expressão de Certeau, poder-se-ia dizer que o método utilizado pelo pesquisador seria seu gesto enquanto profissional<sup>2</sup>.

As ideias expostas acima, resumem em grande medida, o caminho a ser percorrido pela presente tese. Ela irá contrastar duas representações sobre algumas transformações

---

<sup>1</sup> Moscovici considera que a construção de representações sociais ocorre pela necessidade social de tornar compreensível fatos, acontecimentos e situações que, em um primeiro momento, são ininteligíveis. Para ele, as representações surgem associadas a dois processos: ancoragem e objetivação. O primeiro se relaciona com o esforço de encontrar no que se desconhece características semelhantes àquilo que já se conhece. Isso é feito procurando encontrar nas representações já possuídas alguma informação que seja útil na interpretação do desconhecido. O segundo processo, a objetivação, relaciona-se ao momento no qual as opiniões sobre o que é desconhecido adquirem a forma de um conhecimento adquirido, permitindo que esse conhecimento seja utilizado na interpretação de novas situações desconhecidas. Considerações realizadas a partir de: MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

<sup>2</sup> Alusão a seguinte frase do autor: “o gesto que liga as ‘ideias’ aos lugares é precisamente, um gesto de historiador”. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65.

vivenciadas em Florianópolis no decorrer das últimas décadas do século XX. Uma primeira criada a partir da seleção de estatísticas, dados censitários, econômicos e sociais, e de argumentos presentes em uma bibliografia especializada. E, uma segunda, produzida por cronistas e colunistas do município a partir das seleções que realizavam diante dos acontecimentos que observavam. O objetivo geral do trabalho é perceber eventuais disparidades entre as duas representações e identificar possíveis pontos de convergência.

Tal exercício não possui como intuito identificar mentiras, equívocos ou erros cometidos por esses comentadores do cotidiano de Florianópolis, como se a representação baseada nos dados numéricos estivesse livre de desacertos. Mas, pretende tão somente identificar qual era a matriz de suas ideias, com base no que eles emitiam as opiniões que possuíam e porque as veiculavam. Nesse sentido, a análise aqui realizada busca contribuir para os estudos sobre cultura urbana e cultura de classe média, termos longe de serem consensuais na pesquisa social<sup>3</sup>. A contribuição acontece porque o discurso dos cronistas e dos colunistas, e o alvo da análise desse trabalho, não é sobre todo o município de Florianópolis. Mas sim, está relacionado de maneira especial a uma certa camada média urbana, composta, por exemplo, de profissionais liberais, servidores públicos e funcionários qualificados de grandes empresas que possuíam hábitos como frequentar cinemas, bares, restaurantes, eventos culturais e ler jornais. Um grupo de pessoas que se distinguia não apenas por sua faixa de renda, mas particularmente por seus hábitos culturais.

Por outro lado, a importância de trabalhos como este se deve ao fato de que, na sua maior parte, as pessoas não criam suas representações de mundo a partir de dados, estatísticas, estudos mais aprofundados ou pesquisas acadêmicas. Mas sim, a partir daquilo que apreendem, por exemplo, na imprensa periódica. Tendo em vista o tamanho poder que essa imprensa tem manifestado na modernidade, vale a pena indagar-se de que modo, em uma cidade que possuía poucos jornais em circulação, uma parte dos profissionais responsáveis por opinar diante dos acontecimentos se manifestava.

...

---

<sup>3</sup> Basta, para tanto, citar os estudos de Canclini que analisam as dificuldades em falar de uma cultura urbana nos países latino-americanos que vivenciaram, ao longo do século XX, um enorme deslocamento de pessoas provenientes do meio rural para as cidades. Desse autor ver, por exemplo: GÁRCIA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro (RJ): Ed. da UFRJ, 2001. Quanto ao termo classe média, as dificuldades em defini-lo podem ser vistas nas diferentes nomenclaturas utilizadas pelos diferentes Institutos de Pesquisa.

A tese está dividida em três capítulos. No primeiro, é construída uma representação sobre algumas transformações acontecidas em Florianópolis no decorrer das últimas décadas do século XX. Para tanto, é feito uso de um conjunto de dados quantitativos e de uma bibliografia específica. O objetivo desse capítulo é evidenciar que o amplo crescimento populacional vivenciado no município teve profundas consequências na sua organização social e urbana.

No capítulo 2 é examinado de que forma os cronistas e colonistas de variedades interpretaram as transformações socioculturais acontecidas em Florianópolis no decorrer das últimas décadas do século XX. Ele está centrado na análise de uma representação, presente na imprensa de Florianópolis, na qual esse município surge tomado por um conflito envolvendo florianopolitanos e migrantes. O capítulo relaciona a provável matriz das ideias dessa representação, e identifica as disparidades e convergências entre ela e alguns processos sociais que aconteciam em Florianópolis.

O capítulo 3 centra-se na identificação de outras preocupações dos cronistas e colonistas de Florianópolis que emergiram em meio as transformações que o município vivenciava. O foco da análise está voltado para a performance dessas preocupações ao longo de 30 anos, e para a observação das questões que se mantiveram presentes ou daquelas supostamente foram superadas nesse período.

...

Para alcançar os objetivos da presente tese a seguinte metodologia foi utilizada. Na construção de uma representação sobre as transformações vivenciadas em Florianópolis foram analisados diversos dados quantitativos e revista uma bibliografia especializada sobre o período. Esse esforço inicial permitiu associar as transformações acontecidas no município a um amplo movimento modernizador que foi examinado a luz das considerações de Zygmunt Bauman e de Anthony Giddens. A partir disso, procurou-se identificar os pontos principais da modernização que as fontes e a bibliografia indicavam, e destacar quais eram suas peculiaridades em relação ao período anterior a década de 1970.

A utilização dos dados numéricos, inseridos enquanto fontes de pesquisa na metodologia descrita acima, também requeria que fossem observados alguns procedimentos metodológicos. O principal deles esteve relacionado com o cuidado de não serem vistos como expressão fiel do movimento que indicavam. Cautela a ser tomada porque, por exemplo, na coleta de informações recolhidas pelos funcionários dos institutos de pesquisa é possível a



ocorrência de enganos e omissões dos entrevistados ante as perguntas julgadas embaraçosas. Procurou-se contornar essas deficiências contrastando os dados quantitativos com uma bibliografia específica.

A exposição realizada sobre as representações dos colonistas e cronistas de variedades de Florianópolis foi elaborada a partir da leitura, análise e interpretação de seus trabalhos publicados ao longo dos anos na imprensa local. Certamente, essa exposição também se constitui em uma representação, fato que colocaria dificuldades para a realização do objetivo geral da presente tese. Isso aconteceria porque, segundo esse raciocínio, o trabalho a ser realizado seria uma comparação entre duas representações historiográficas, e não entre uma historiográfica e outra realizada por cronistas e colonistas de variedades. Com o intuito de contornar esse problema, foram utilizadas duas estratégias. Em primeiro lugar, construíram-se categorias de preocupação comuns aos observadores de Florianópolis. Isso permitiu considerar que havia representações compartilhadas se não por todos, pelo menos pela maior parte deles. O outro procedimento metodológico utilizado foi a apresentação em grande quantidade de excertos de crônicas e colunas de variedades. A pretensão dessa estratégia era fazer com que a representação criada por esse estudo a partir das representações dos colonistas e cronistas albergasse a maior quantidade de detalhes possível.

Para a comparação entre a representação oriunda dos dados numéricos e aquela presente nas crônicas e colunas de variedades, a pesquisa examinou algumas questões que foram formuladas a partir de temas abordados com frequência pelos cronistas e colonistas. Por esse motivo, é que uma grande parte do presente estudo volta-se para o exame dos contatos culturais acontecidos em meio ao aumento do número de migrantes no município. Os conflitos e negociações acontecidos durante esse movimento foram interpretados com base em autores como Homi Bhabha, Michel Maffesoli, Stuart Hall, Néstor García Canclini, Norbert Elias, Fredrik Barth e Zygmunt Bauman.

...

As fontes quantitativas utilizadas nesse trabalho foram os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e os dados econômicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Dentre elas, as que possuem maior amplitude são as do IBGE, pois abarcam todo o período problematizado e, por isso, são as que estão presentes com maior frequência.

As crônicas utilizadas nessa pesquisa foram produzidas por Flávio José Cardozo, Raul Caldas Filhos, Aldírio Simões e Sérgio da Costa Ramos. Em períodos intercalados, elas foram publicadas desde a década 1970 nos principais jornais de circulação na cidade. Dependendo do cronista, do jornal e do período em que foram publicadas, sua periodicidade era diária ou semanal, nesse caso, preferencialmente veiculadas nos sábados e domingos. As colunas de variedades analisadas foram escritas por Beto Stodieck e Cacau Menezes nos principais jornais de circulação em Florianópolis. Em diferentes momentos, desde a década de 1970, elas foram veiculadas na imprensa periódica.

Além das fontes principais, também outras foram apropriadas para corroborar com as interpretações formuladas. Nesse sentido, fez-se uso de dados da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte do Governo do Estado de Santa Catarina, e dados provenientes do Departamento de Integração e Estatística da Universidade Federal de Santa Catarina. Também foram utilizadas reportagens publicadas na imprensa periódica e depoimentos de moradores residentes em Florianópolis no período analisado.

...

Com o exercício de comparação entre uma representação historiográfica e uma representação social, essa tese pretendeu analisar algumas interpretações formuladas por um conjunto de pessoas com substancial poder aquisitivo. Foi possível perceber, ao longo dos anos, a existência de preocupações comuns entre cronistas e colunistas, as quais traduziam suas afinidades com uma determinada cultura urbana.

Ainda nesse sentido, cabe destacar que este trabalho priorizou aquilo que existia em comum nas representações dos cronistas e colunistas de variedades de Florianópolis. Ou seja, tendo em conta os objetivos almejados, pouca atenção foi dada às divergências existentes entre elas, e as que surgiram de forma explícita no decorrer da pesquisa estão abordadas no texto. Vale mencionar essa questão pois um trabalho nesse sentido poderia identificar possíveis conflitos que existiram entre esses observadores do município.

Outro problema de pesquisa que poderia ser investigado relaciona-se com a repercussão das crônicas e colunas de variedades entre a população de Florianópolis. Ao longo do texto, essa repercussão poderia ser percebida nos momentos em que seus autores pareciam querer dirimir equívocos sobre algumas de suas opiniões publicadas. Contudo, como o foco do trabalho não foi esse, as apropriações realizadas pela população das manifestações dos comentadores do município foram pouco examinadas.

## 1. QUE FLORIANÓPOLIS É ESSA?

A terra é boa. Quem disser o contrário mente.  
Como um filho da mãe.  
Flávio José Cardozo, cronista

As representações que uma parcela dos moradores de Florianópolis construiu sobre as transformações urbanas e demográficas ocorridas nesse município entre 1970 e 2000 possuem divergências que impedem uma interpretação livre de contradições sobre o período. Alguns moradores, por exemplo, cedem vazão ao sentimento de que Florianópolis teria se tornado um lugar menos prazeroso para se viver. Outros, ao contrário, entendem que viver no município se tornou algo menos difícil com o crescimento da população. O engenheiro Luiz, de 57 anos, e a professora Claudia, de 58 anos, são pessoas pertencentes ao primeiro grupo. Luiz declara que, em décadas anteriores, a cidade era *“muito melhor para se viver”*<sup>4</sup>. Para ele, a população era mais cordial e enfatiza a diferença que percebe na relação entre pessoas com idades distintas: *“os jovens hoje só faltam bater nos mais velhos”*<sup>5</sup>. Com um entendimento semelhante, Claudia destaca que na década de 1970, período em que passou a residir em Florianópolis, situações de tensão vivenciadas no ambiente de trabalho ou na esfera privada eram resolvidas de forma menos atribulada, *“sem tanto estresse”*<sup>6</sup>. E, por esse motivo, enfatiza que *“antigamente tudo era mais simples, hoje é muito complicado”*<sup>7</sup>. Entre os moradores que discordam de opiniões como as de Luiz e de Claudia, está o mecânico Jairo, de 58 anos. Para ele a maior parte das transformações acontecidas no município foram positivas: *“hoje tem mais movimento, está melhor para trabalhar”*<sup>8</sup>. De forma inteligente, mas de maneira simples, acordada com sua precária escolaridade, ele destaca que a complexificação da estrutura econômica local teria levado inclusive a melhoria das condições sociais da população de Florianópolis.

Como se pode perceber, os sentimentos expressados por Jairo são bastante diferentes daqueles manifestados por Luiz e Claudia. Diferenças que poderiam ser relacionadas, por exemplo, às suas trajetórias de vida, suas posições sociais e aos valores norteadores de suas decisões e comportamentos. Contudo, apesar da existência dessas divergências, é possível

<sup>4</sup> Luiz. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, mar. 2011. Os nomes dos depoentes são fictícios para evitar possíveis constrangimentos.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Claudia. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, out. 2010.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Jairo. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, set. 2006.

perceber que as declarações desses depoentes compartilham em um aspecto. Todos os três moradores entendem que ocorreram profundas transformações em Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Certamente, esse entendimento possui uma forte componente geracional, haja visto que todas as gerações possuem a sensação de viver em um período distinto daquele vivido por pessoas de outras gerações<sup>9</sup>. Uma constatação que faria com que a simples indicação desse entendimento compartilhado não possuisse grande valor heurístico.

Entretanto, quando se observam dados e estudos sobre Florianópolis na segunda metade do século XX, são várias as evidências empíricas que parecem corroborar a intensidade mencionada por moradores como Luiz, Claudia e Jairo. Com o objetivo de examinar essas evidências foi construído o presente capítulo. Ele irá mostrar que Florianópolis, nas últimas décadas do século XX, cresceu em termos populacionais, tanto pelo crescimento vegetativo da população residente, quanto como resultado de migrações. Conforme será visto no decorrer da análise, o crescimento urbano repercutiu inclusive no município de São José, vizinho a Florianópolis, tornando-o um prolongamento da cidade. Além disso, ele veio acompanhado da segregação do espaço urbano o que pode ser observado na construção de condomínios de luxo.

Por meio de dados fornecidos pelo IBGE e por estudiosos de processos urbanos mostrar-se-á ainda que esse movimento não foi exclusivo de Florianópolis, mas foi uma tendência nacional, especialmente no que se refere ao êxodo rural. Todavia, serão apontadas as especificidades desse município, notadamente o modo como uma cidade que não configura-se em um pólo industrial conseguiu absorver tamanho número de migrantes. Assim, esse capítulo procurará indicar de que maneira Florianópolis foi revolvida por um amplo movimento populacional e modernizante que obrigou seus moradores a se posicionarem perante as transformações que aconteciam.

### **1.1. Características do crescimento populacional**

Em 1950, de acordo com o IBGE, Florianópolis possuía uma população de 67.630 pessoas. Nos 50 anos subsequentes sua população mais do que quintuplicou, sendo registrado um aumento em mais de quatrocentos por cento (406,2%). Nesse período, em comparação com os dois municípios que sediam as outras duas capitais dos estados da região sul do Brasil,

---

<sup>9</sup> Sobre o tema das gerações ver: WELLER, Wivian. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Soc. estado. [online]. 2010, vol.25, n.2, pp. 205-224.

o incremento populacional de Florianópolis foi superior ao de Porto Alegre (245,25) e inferior ao de Curitiba (779,0%). Esses índices podem ser melhor visualizados na tabela I, que apresenta dados por décadas e indica também quais foram as taxas médias brasileiras de crescimento demográfico registradas entre 1950 e 2000:

TABELA I - POPULAÇÃO BRASILEIRA E DOS MUNICÍPIOS DE FLORIANÓPOLIS, PORTO ALEGRE E CURITIBA (1950 – 2000).

	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Fpolis	67.630	97.827 (44,7%)	138.337 (41,4%)	187.880 (35,8%)	255.390 (35,9%)	342.315 (34,0%)
Poa	394.151	635.125 (61,1%)	885.545 (39,4%)	1.125.478 (27,1%)	1.263.403 (12,3%)	1.360.590 (7,7%)
Curitiba	180.575	356.830 (97,6%)	609.026 (70,7%)	1.024.980 (68,3%)	1.315.035 (28,3%)	1.587.315 (20,7%)
Brasil	51.944.397	70.992.343 (36,7%)	94.508.583 (33,1%)	121.150.573 (28,2%)	146.825.475 (21,2%)	169.799.170 (15,6%)

FONTE: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1955; \_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1960. \_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1970; \_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1982; \_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1991; \_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 2000<sup>10</sup>.

Na tabela acima, é possível ressaltar, em primeiro lugar, a diminuição no ritmo de crescimento populacional no decorrer da segunda metade do século XX. Nesse quesito, Florianópolis se destaca entre as três capitais pois seu ritmo de crescimento foi o que teve menor oscilação. Em relação a ela, em nítida oposição estão os municípios de Curitiba e de Porto Alegre. A primeira chegou a perfazer quase 100% de aumento populacional entre 1950 e 1960, cifra jamais vista em Florianópolis. Por outro lado, o valor pouco expressivo de crescimento observado em Porto Alegre entre 1991 e 2000, tampouco foi vivenciado na capital catarinense. Outro dado a ser destacado refere-se ao fato de que as três capitais da região sul do Brasil tiveram taxas médias de crescimento populacional superiores a taxa média do total da população brasileira na segunda metade do século XX, que foi de 26,3%. Em Curitiba, entre 1950 e 2000, houve uma taxa média de variação populacional de 57,1%; em Florianópolis esse percentual foi de 38,4%, e na capital do Rio Grande do Sul a taxa média foi de 29,5%.

Esses dados percentuais indicam que todas as três capitais fizeram parte do rol de municípios que contribuíram para o desenvolvimento de dois fenômenos no Brasil no

<sup>10</sup> A exceção do ano de 2000, os dados censitários estão disponíveis em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Em relação ao censo de 2000, os dados podem ser acessados pelo Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>.

decorrer da segunda metade do século XX. O primeiro está relacionado ao movimento de criação de novas metrópoles brasileiras, como foram os casos de Porto Alegre e de Curitiba. O segundo se refere com a constituição de novas cidades médias no Brasil, dentre as quais, Florianópolis seria um exemplo<sup>11</sup>. Os dois fenômenos estão inseridos no amplo deslocamento da população rural havido no território brasileiro, do qual a tabela II pode ser vista como registro:

TABELA II - PERCENTUAL DE PESSOAS NÃO NASCIDAS EM RELAÇÃO ÀQUELAS NASCIDAS EM FLORIANÓPOLIS, PORTO ALEGRE E CURITIBA.

		1960	1970	1980	1991	2000
Florianópolis	Percentual de migrantes	16.786 (17,2%)	30.894 (22,3%)	68.436 (36,4%)	99.432 (38,9%)	153.418 (44,8%)
	Percentual de pessoas nascidas no município	81.041 (82,8%)	107.447 (77,7%)	119.435 (63,6%)	155.958 (61,1%)	188.897 (55,2%)
Porto Alegre	Percentual de migrantes	261.544 (41,2%)	397.329 (44,9%)	539.050 (47,9%)	514.361 (40,7%)	522.692 (38,4%)
	Percentual de pessoas nascidas no município	373.581 (58,8%)	488.212 (55,1%)	586.428 (52,1%)	749.042 (59,3%)	837.898 (61,6%)
Curitiba	Percentual de migrantes	137.851 (38,6%)	277.500 (45,6%)	568.782 (55,5%)	626.073 (47,6%)	756.799 (47,7%)
	Percentual de pessoas nascidas no município	218.979 (61,4%)	331.526 (54,4%)	456.198 (44,5%)	688.962 (52,4%)	830.516 (52,3%)

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.<sup>12</sup>

Os dados acima permitem observar duas características comuns aos três municípios contidos na tabela: um forte crescimento vegetativo e, especialmente, um intenso aumento populacional proveniente da migração. Em relação a esse último aspecto, nota-se que os

<sup>11</sup> Diversos pesquisadores tem destacado que as cidades médias não devem ser consideradas como um “degrau de uma escada” ou “a etapa de um caminho” para o surgimento de uma metrópole. Cidade média, por esse olhar, constitui-se em um conceito que é formulado a partir de diversos elementos. Dentre esses elementos, para além do tamanho da população residente, ganha destaque a estreita relação do distrito sede de um município com seus demais distritos e, especialmente, com outros municípios vizinhos. Essa compreensão pode ser encontrada, por exemplo, em: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (Orgs.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. E ainda, em: BRITO, Fausto. *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*. *Estud. av.* [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 221-236.

<sup>12</sup> Os dados sobre os migrantes, referentes ao censo de 2000, foram obtidos a partir dos microdados do IBGE.

percentuais referentes aos novos moradores não foram uma constante, uma vez que entre 1960 e 2000 houve momentos de aumento e de diminuição dessa taxa.

Os dados da tabela II, quando comparados entre si, apontam para uma especificidade de Florianópolis. Eles mostram que foi apenas a capital catarinense que vivenciou curioso movimento populacional a partir de 1950. Enquanto a população nascida no município aumentou, seu percentual com relação a população total residente diminuiu. O aumento percentual no número de pessoas não nascidas continuou sendo superior em todo o período em relação ao aumento no número de pessoas nascidas no município. Entre 1960 e 2000, a taxa percentual do aumento de pessoas não nascidas no município foi de 814,0% e o percentual do aumento da população nascida foi de 133,1%. Esses percentuais indicam a expressividade da migração vivenciada em Florianópolis, a qual também pode ser percebida pelo tempo de permanência dos migrantes no município:

TABELA III - PESSOAS NÃO NATURAIS DE FLORIANÓPOLIS E SEU TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO.

	1960	1970	1980	1991	2000
Menos de 1 ano	2.460	4.042	8.119	6.589	5.079
Entre 1 e 9 anos	-	-	33.226	45.822	41.482
Entre 1 e 10 anos	8.631	15.229	-	-	-
10 anos ou mais	-	-	25.842	47.021	106.857 <sup>13</sup>
11 anos e mais	5.620	11.623	-	-	-
Sem declaração	75	-	1.249	-	-
Total de migrantes	16.786	30.894	68.436	99.432	153.418

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

Na tabela III, como se pode perceber, não existem registros de pessoas que residiram em Florianópolis entre os anos de realização dos censos demográficos. Uma pessoa que, por exemplo, migrou para o município em 1971 e deixou Florianópolis em 1979, não teria como ser registrada. Caso seja desconsiderada essa característica, os registros existentes na tabela III indicam que a maior parte dos moradores que chegaram em Florianópolis tendeu a não migrar novamente. Uma consideração que pode ser realizada atentando-se aos registros

<sup>13</sup> Para o ano de 2000, não há registros sobre o número de migrantes que residiam há mais de dez anos em Florianópolis naquele momento. Sendo assim, o número 106.857 foi obtido da subtração do total registrado de migrantes nesse município naquele ano (153.418) pela quantidade de migrantes indicadas pelo IBGE que residiam há menos de dez anos em Florianópolis no ano de 2000.

relativos aos moradores não-naturais que residiam a mais de dez ou onze anos no município. Como é possível notar, essas variáveis aumentaram expressivamente ao longo dos censos realizados.

#### *1.1.1. Expansão das áreas habitadas na Ilha de Santa Catarina.*

O município de Florianópolis é constituído atualmente por doze distritos, incluso o distrito sede, denominado de cidade de Florianópolis, onde está localizado o centro do poder executivo e legislativo do município. Como essa cidade é capital de Estado, alberga também a sede do poder político estadual. O mapa a seguir permite identificar a localização dos diferentes distritos de Florianópolis:

FIGURA I: DISTRITOS DE FLORIANÓPOLIS.



FONTE: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

No final do século XIX, com o advento da República, alteraram-se algumas designações concernentes à divisão territorial do Brasil. Dentro dos municípios, por exemplo, as freguesias passaram a ser denominadas de distritos. Sendo assim, além da sede,



Florianópolis adentrou o século XX com os seguintes distritos: distrito de Santo Antonio de Lisboa e o da Lagoa da Conceição (criados em 1750)<sup>14</sup>. Durante esse século foram criados os distritos da Cachoeira do Bom Jesus (1916), Rationes (1934), São João do Rio Vermelho (1963)<sup>15</sup>, Pântano do Sul (1966)<sup>16</sup>, Campeche (1995)<sup>17</sup> e Barra da Lagoa (1995)<sup>18</sup>.

Desde a fundação de Desterro, por volta de 1675, posteriormente denominada Florianópolis, era no distrito sede que se encontrava a maior parte da população do município. Entretanto, mesmo sendo válida essa afirmação para a segunda metade do século XX, ela esconde o fato de que as maiores taxas de incremento populacional estão registradas para os outros distritos. A tabela a seguir informa sobre o aumento demográfico nos distritos de Florianópolis:

TABELA IV - NÚMERO DE RESIDENTES DOS DISTRITOS DE FLORIANÓPOLIS E PERCENTUAL DE AUMENTO POPULACIONAL, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 2000<sup>19</sup>.

		1950	1960	1970	1980	1991	2000
Fpolis	Total	51.317	78.752 (53,5%)	115.547 (46,7%)	153.652 (32,9%)	191.664 (24,7%)	228.869 (19,4%)
Cachoeira do Bom Jesus	Total	1.518	2.169 (42,8%)	2.116 (-2,4%)	3.070 (45,1%)	4.473 (45,7%)	12.808 (186,3%)
Canasvieiras	Total	1.550	1.723 (11,2%)	1.996 (15,8%)	2.431 (21,8%)	4.096 (68,5%)	10.129 (147,3%)
Ingleseas	Total	2.726	2.994 (9,83%)	2.016 (-32,7%)	2.695 (33,7%)	5.865 (97,8%)	16.514 (181,6%)
Lagoa	Total	3.589	3.613 (0,67%)	4.985 (38,0%)	7.821 (56,9%)	14.784 (89,0%)	9.849 (-33,4%)
Pântano do Sul	Total	-	-	2.102	2.379 (13,2%)	3.974 (67,0%)	5.824 (46,6%)
Rationes	Total	666	862 (29,4%)	795 (-7,8%)	902 (13,5%)	1.080 (19,7%)	2.871 (165,8%)
Ribeirão da Ilha	Total	4.365	5.261 (20,5%)	4.229 (-19,6%)	6.404 (51,4%)	14.229 (122,2%)	20.392 (43,3%)
São João do Rio Vermelho	Total	-	-	981	1.223 (24,7%)	1.867 (52,7%)	6.791 (263,7%)
Santo Antônio	Total	1.899	2.453 (29,2%)	3.570 (45,5%)	7.294 (104,3%)	12.925 (77,2%)	5.367 (- 140,8%)
Campeche	Total	-	-	-	-	-	18.570
Barra da Lagoa	Total	-	-	-	-	-	4.331

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

<sup>14</sup> Conforme consta em: CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardeli, 1970.

<sup>15</sup> FLORIANÓPOLIS. Lei nº 927, de 4 de novembro de 1963. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-municipal-da-prefeitura/4571/leis-de-florianopolis.html>>

<sup>16</sup> SANTA CATARINA. Lei nº 1.042, de 12 agosto de 1966. Disponível em: <<http://200.192.66.20/ALESC/PesquisaDocumentos.asp>>.

<sup>17</sup> FLORIANÓPOLIS. Lei nº 4.805 de 21 de dezembro de 1995. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-municipal-da-prefeitura/4571/leis-de-florianopolis.html>>

<sup>18</sup> FLORIANÓPOLIS. Lei nº 4.806 de 21 de dezembro de 1995. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-municipal-da-prefeitura/4571/leis-de-florianopolis.html>>

<sup>19</sup> No anexo I existe uma tabela com dados sobre o aumento da população rural e urbana para cada um dos distritos apresentados na tabela IV.

A princípio, merece ser destacado na tabela acima, que os percentuais negativos existentes se relacionam com desmembramentos territoriais para a criação de novos distritos a partir do seu desmembramento de outros. Assim, a diminuição do número de habitantes do distrito de Ingleses do Rio Vermelho entre 1960 e 1970 está relacionada à criação do distrito de São João do Rio Vermelho no ano de 1963. Acontecimento que levou uma parte dos moradores do distrito dos Ingleses a ser contabilizados como pertencentes ao distrito recém criado. O mesmo caso aconteceu no decréscimo da população do Ribeirão da Ilha entre 1960 e 1970 a partir da criação do Pântano do Sul no ano de 1966. A redução da população da Lagoa da Conceição entre 1991 e 2000 ocorreu devido à criação dos distritos da Barra da Lagoa e do Campeche. E a subtração do número de habitantes do distrito de Santo Antônio de Lisboa, entre 1991 e 2000, se associa ao fato de que uma parte desse distrito foi contabilizado no censo de 2000 como parte do distrito-sede<sup>20</sup>.

Para além da redistribuição populacional acima apontada, uma característica pode ser ressaltada a partir dos dados da tabela IV. Com exceção do distrito de Ratoes, que efetivamente não teve crescimento demográfico maior do que o distrito sede, em todos os outros distritos, o incremento populacional foi maior. No distrito-sede esse percentual entre 1950 e 2000 foi de 346,0%, já nos outros distritos, desconsiderando os desmembramentos e adicionando a população dos distritos mais recentes com a população dos distritos que existiam em 1950, esses percentuais foram de 743,7% no território da Cachoeira do Bom Jesus, de 553,5% em Canasvieiras, de 754,9% no distrito dos Ingleses do Rio Vermelho, de 812,5% no distrito da Lagoa da Conceição e de 500,5% no distrito do Ribeirão da Ilha. Percentuais como esses evidenciam que entre 1950 e 2000 ocorreu uma intensa ocupação de todo o território da parte insular de Florianópolis, antes circunscrita prioritariamente ao distrito sede. Essa afirmação pode ser visualizada a partir dos dados sobre a densidade populacional do município contidos na tabela V:

---

<sup>20</sup> Conforme se apreende de: FLORIANÓPOLIS. Lei complementar nº 40, de 2 de Julho de 1999. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-municipal-da-prefeitura/4571/leis-de-florianopolis.html>>

TABELA V - DENSIDADE POPULACIONAL EM FLORIANÓPOLIS ENTRE 1950 E 2000.

	Área territorial	1950	2000
Distrito Sede	74,54 Km <sup>2</sup>	688,4 hab/Km <sup>2</sup>	3.070 hab/Km <sup>2</sup> (346,0%)
Cachoeira do Bom Jesus	30,37 Km <sup>2</sup>	50,0 hab/Km <sup>2</sup>	421,7 hab/Km <sup>2</sup> (743,4%)
Canasvieiras	29,30 Km <sup>2</sup>	53,0 hab/Km <sup>2</sup>	345,7 hab/Km <sup>2</sup> (552,3%)
Ingleses do Rio Vermelho	52,15 Km <sup>2</sup>	52,3 hab/Km <sup>2</sup>	446,9 hab/Km <sup>2</sup> (754,5%)
Lagoa	95,35 Km <sup>2</sup>	37,6 hab/Km <sup>2</sup>	343,5 hab/Km <sup>2</sup> (813,4%)
Ratones	33,12 Km <sup>2</sup>	20,1 hab/Km <sup>2</sup>	86,7 hab/Km <sup>2</sup> (331,3%)
Ribeirão da Ilha	99,22 Km <sup>2</sup>	44,0 hab/Km <sup>2</sup>	264,2 hab/Km <sup>2</sup> (500,5%)
Santo Antônio de Lisboa	22,45 Km <sup>2</sup>	84,6 hab/Km <sup>2</sup>	239,1 hab/Km <sup>2</sup> (182,6%)

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

A princípio o aumento da densidade em todos os distritos da Ilha poderia ser visto como consequência da saturação da área ocupada no distrito sede. Como se percebe nos dados acima, em 1950 o distrito sede já contava com uma alta densidade demográfica: 688,4 hab/Km<sup>2</sup>. Mas, conforme será apresentado em momento posterior, fatores mais importantes contribuíram para o crescimento da população em toda Florianópolis. Por hora, cabe destacar apenas que à exceção de Ratones e de Santo Antônio de Lisboa, foram os distritos afastados da sede que tiveram os maiores aumentos em suas densidades populacionais.

### *1.1.2. Uma nova estrutura demográfica.*

O crescimento da população de Florianópolis possui idiossincrasias que podem ser percebidas nos dados sobre as diferentes procedências das pessoas que nela viviam. No ano de 1950, por exemplo, residiam nesse município 568 estrangeiros o que representava 0,84% do total da população de Florianópolis. Cinquenta anos depois, esse percentual aumentou para 0,95%, pois o número de pessoas nascidas em outros países cresceu para 3.269.

A mesma timidez dos números da população estrangeira em Florianópolis não é observada quando se atenta para a presença de outras procedências no município. Nesse caso, os dados da tabela VI apontam para uma transformação demográfica bastante intensa:

TABELA VI - COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS POR ESTADO DE NASCIMENTO.

	1960	1970	1980	1991	2000
Rondônia	1	-	8	45	157
Acre	4	13	34	42	51
Amazonas	19	17	90	146	157
Roraima	4	-	7	19	34
Pará	45	43	140	274	577
Amapá	-	-	8	8	15
Tocantins	-	-	-	-	41
Maranhão	32	30	47	115	400
Piauí	18	20	38	54	239
Ceará	43	92	143	302	664
Rio Grande do Norte	70	61	113	179	315
Paraíba	38	39	85	277	343
Pernambuco	122	142	319	441	1.050
Alagoas	48	45	71	92	183
Fernando de Noronha	-	-	6	-	-
Sergipe	38	27	25	33	99
Bahia	67	109	253	503	832
Minas gerais	130	249	868	1.236	2.293
Serra dos Aimorés <sup>21</sup>	1	-	-	-	-
Espírito Santo	16	40	102	283	218
Rio de Janeiro <sup>22</sup>	575	1.014	2.879	4.077	6.356
São Paulo	505	606	2.502	5.784	11.214
Paraná	562	1.110	3.504	7.791	14.897
Santa Catarina	93.974	132.514	167.227	213.721	264.887
Rio Grande do Sul	946	1.928	6.578	16.820	31.524
Mato Grosso do Sul	-	-	218	169	751
Mato Grosso	51	92	95	39	259
Goiás	7	28	72	229	383
Distrito Federal	-	20	85	298	915
População total <sup>23</sup>	97.827	138.337	187.880	255.390	342.315

FONTE: BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

<sup>21</sup> A Serra dos Aimorés era um território em litígio localizado entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O litígio foi resolvido em 1963 com o estabelecimento dos atuais limites territoriais de cada estado. Sobre isso ver: NETO, Jaime Bernardo. *Pequenas propriedades rurais e estrutura fundiária no Espírito Santo*. Uma tentativa de entendimento das particularidades capixabas. Monografia (bacharelado em Geografia) – Vitória, UFES, 2009. p. 82.

<sup>22</sup> Para não comprometer as análises que contrastam dados entre Florianópolis e Rio de Janeiro, os valores correspondentes ao Estado da Guanabara foram acrescentados a variável Rio de Janeiro. Ou seja, em 1960, o número 575 se deve a 184 pessoas do Rio de Janeiro e 391 do Estado da Guanabara. E, em 1970, o número 1014 se deve a 377 pessoas do Rio de Janeiro e 637 do Estado da Guanabara. O estado da Guanabara deixou de existir em 1975 ao fundir-se com o estado do Rio de Janeiro. Em meio a essa fusão, foi criado o município do Rio de Janeiro. Maiores informações podem ser consultadas em: REZENDE, Vera F. *Planos e regulação urbanística: a dimensão normativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro*. p. 269. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.

<sup>23</sup> A diferença entre a soma total dos valores relacionados com a população de cada procedência e o valor total da tabela diz respeito ao fato de que nessa tabela não estão computadas as populações estrangeiras. Haja vista que alguns censos não fizeram essa mensuração o que impossibilitaria uma análise diacrônica. Nem está computada a variável: “Brasil, sem especificação de lugar”.

Conforme a tabela VI indica, os impactos dos movimentos populacionais havidos em Florianópolis adquiriram maior expressão a partir da década de 1970. A percentagem formada pela população nascida em Florianópolis e aquela oriunda de outros municípios brasileiros manteve-se pouco alterada até esse período. Entre os censos de 1970 e 1980 ocorreu aumento substancial da presença de moradores de todos os Estados brasileiros em Florianópolis: apenas no caso de Sergipe ocorreu diminuição no número de migrantes.

Foram diversos os elementos que contribuíram para a constituição demográfica assinalada acima. O fato de Florianópolis constituir-se em Ilha, na sua maior parte<sup>24</sup>, e possuir um porto com uma movimentação intensa até a década de 1960 facilitavam a presença no município de pessoas nele não nascidas. Anote-se, nesse caso, as rotas marítimas que ligavam o porto de Florianópolis com os portos de Santos, do Rio de Janeiro e de Rio Grande.

Outro elemento facilitador para o acesso à Florianópolis foi a melhoria da estrutura viária de Santa Catarina. Nas primeiras décadas do século XX, a precariedade das ligações terrestres entre essa e outras cidades não impedia que houvesse a fixação de forasteiros. Deslocamentos de caixeiros-viajantes e tropeiros que percorriam rotas entre o litoral e o interior ocasionaram, por exemplo, a instalação de pessoas na parte continental de Florianópolis<sup>25</sup>. Contudo, com a pavimentação da BR 101 (em 1971) e da BR 282 (em 1977) o ingresso por via terrestre teve sua importância redimensionada e o principal eixo de ligação entre o município e outras cidades passou a ser rodoviário.

Todos os elementos acima listados como contribuintes para a composição demográfica de Florianópolis estão contidos no grande processo de urbanização acontecido no Brasil no século XX. Quanto ao aumento da população urbana, esse país acompanhou a tendência latino americana: no período entre 1940 a 1980, a população urbana do continente cresceu de forma muito mais acentuada do que a rural. Em 1940 ela correspondia a 37,4% do total da

---

<sup>24</sup> Mais precisamente 97,23% do município é constituído pela parte insular. Conforme dados contidos em: CECCA (Centro de Estudos Cultura e Cidadania). *Uma cidade numa Ilha*: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996.

<sup>25</sup> Um desses exemplos se refere com a região conhecida como “Pasto do Gado”, lugar utilizado como ponto de descanso para tropeiros que transportavam gado da região do planalto catarinense para a capital. Conforme se apreende em: PEREIRA, Fernando O. R.; PEREIRA, Alice T. Cybis; SZUCS, Carolina P., PERES, Lino Fernando B.; SILVEIRA, Luís Roberto M. da. *Características da habitação de interesse social na Região de Florianópolis: desenvolvimento de indicadores para melhoria do setor*. In: Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social. São Paulo: FAUUSP, 2002.

população latino americana, e em 1980, esse percentual subiu para 69,5%<sup>26</sup>. No caso brasileiro, a mesma radicalidade do processo pode ser observada:

TABELA VII - URBANIZAÇÃO NO BRASIL

TOTAL	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Urbana	18.782.891 (36,16%)	32.004.817 (45,08%)	52.904.744 (55,98%)	82.013.375 (67,70%)	110.875.826 (75,47%)	137.953.959 (81,25%)
Rural	33.161.506 (63,84%)	38.987.526 (54,92%)	41.603.839 (44,02%)	39.137.198 (32,30%)	36.041.633 (24,53%)	31.845.211 (18,75%)

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

A tabela evidencia o principal elemento constitutivo do processo de urbanização brasileiro: a população urbana aumentou enormemente pela migração por êxodo rural. Das diversas motivações relacionadas com o êxodo rural, algumas estiveram presentes desde sempre na constituição da nação brasileira como, por exemplo, a concentração fundiária e o desemprego na agricultura<sup>27</sup>.

Em relação ao desemprego na agricultura nas primeiras décadas do século XX, é possível relacioná-lo às sucessivas crises vividas pelos setores de exportação de produtos alimentícios. Durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, houve uma diminuição das exportações de café o que afetou intensamente a economia brasileira que tinha como principal produtor de divisas esse produto. O setor cafeeiro vivenciou outro forte revés no final da década de 1920. Devido ao contexto internacional de crise do liberalismo econômico, cujo ápice foi a depressão de 1929, não existiam compradores internacionais para as grandes safras produzidas no país. Na região sudeste, a maior produtora do Brasil, milhares de trabalhadores rurais migraram para cidades como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro<sup>28</sup>.

Durante a segunda metade do século XX, a saída de pessoas do meio rural rumo aos centros urbanos alcançou dimensões que extrapolaram a região sudeste. E, com exceção da década de 1960, foram os migrantes da região nordeste do Brasil que mais contribuíram para o êxodo rural no período. Entretanto, conforme mostraram Camarano e Abramovay, entre

<sup>26</sup> Uma análise da urbanização na América Latina pode ser encontrada em: MERRICK, Thomas W. *A população da América Latina, 1930 – 1990*. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP 1997. V.6.

<sup>27</sup> Uma discussão clássica sobre o êxodo rural no Brasil pode ser encontrada: CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>28</sup> ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excluyente*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

1950 e 1990, esse processo foi dotado de algumas particularidades que podem ser observadas por meio dos dados referentes às cinco grandes regiões do país.

Na década de 1950 a principal característica do êxodo rural esteve relacionado com a migração de nordestinos: nesse período quase metade dos aproximadamente 11 milhões de brasileiros que deixaram o campo partiram dessa região. Essa migração teve um caráter intensamente inter-regional haja vista que a maior parte desses migrantes rumou para estados fora do nordeste. Serviram como elementos de atração dos migrantes as grandes obras no planalto central brasileiro (construção da nova capital federal e da rodovia Belém-Brasília) e a expansão da indústria nas capitais do sudeste. Na década de 1960, o êxodo rural brasileiro teve como principal característica a saída de mais de seis milhões de pessoas do meio rural do sudeste. Essa região contribuiu com mais da metade de toda a população que deixou o campo brasileiro e fez parte de um movimento migratório com forte caráter intra-regional. Ou seja, essa imensa quantidade de migrantes contribuiu para o aumento exponencial da população das cidades e das metrópoles da região. Na década de 1970, no cenário nacional, as regiões Nordeste e Sudeste continuaram a ser as regiões com maior participação no êxodo rural brasileiro. Contudo a região sul concorreu fortemente para esse processo no período: mais de quatro milhões de migrantes brasileiros que partiram para o meio urbano, cerca de 29% do total do período, saíram do sul. Uma boa parcela dessa população fez parte da expansão para a região norte do Brasil da fronteira agrícola e pecuária. Na década de 1980, mesmo que em termos absolutos sua participação no total da população brasileira tenha sido pequeno, o êxodo rural teve como novidade a saída de quase metade (48,8%) da população rural do centro-oeste para o meio urbano<sup>29</sup>.

Como se percebe acima, os dados referentes ao êxodo rural brasileiro são bastante intensos devido a quantidade de pessoas envolvidas. Dentre as motivações para tamanho deslocamento populacional podem ser identificadas, além da já mencionada concentração fundiária e do desemprego nas plantações, a mecanização da agricultura, a criação do Estatuto da Terra em 1964<sup>30</sup>, a precariedade do ensino e dos serviços públicos no meio rural e a

<sup>29</sup> CAMARANO, Ana Amélia & ABRAMOVAY, Ricardo. *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

<sup>30</sup> Criado pela lei 4.504, de 30 de novembro de 1964, o Estatuto da Terra, ao estender aos trabalhadores do campo vários benefícios dos trabalhadores urbanos, inclusive a carteira de trabalho, criou um problema para os proprietários, pois registrar um posseiro, um meeiro ou um sitiante, tornava essa mão de obra mais cara, por causa dos direitos trabalhistas, e em certos casos, mais perigosa (porque significava, por exemplo, que essa pessoa de fato ocupava desde algum tempo um determinado pedaço de terra). Desse modo, tornou-se mais lucrativo expulsar das terras os trabalhadores, que passaram a residir em pequenas cidades ou na periferia de outras com maior porte, e contratar um intermediário (conhecido como gato) que reunia, organizava e pagava estes trabalhadores. Ou seja, transformou indiretamente estes trabalhadores em assalariados, mas assalariados

eclosão de catástrofes naturais. Santa Catarina, seguindo a tendência apresentada pelas regiões<sup>31</sup>, também vivenciou um intenso processo de êxodo rural. Contudo, assim como todos os outros estados brasileiros, ela também possuiu suas idiossincrasias. Nesse Estado, as motivações para a migração para a cidade podem ser remontadas aos diferentes modos como seu território foi ocupado entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Em um primeiro momento, empresas de colonização literalmente lotearam uma boa parte de Santa Catarina para receber imigrantes europeus. Elas não apenas tinham o respaldo do poder público, como também podiam fazer uso de força policial para combater autóctones e caboclos que viviam nos territórios das áreas de seu domínio<sup>32</sup>. O caso mais extremo das consequências desse tipo de ação foram os conflitos relacionados com a Guerra do Contestado na década de 1910. A Southern Brazil Lumber and Colonization Company, proprietária perante o governo de vasta região no planalto catarinense, na medida em que devastava a mata nativa empreendia a venda de lotes que eram ocupados até aquele momento por posseiros. Uma boa parte dessa população desalojada se envolverá nos conflitos sangrentos do Contestado entre 1912 e 1916<sup>33</sup>.

Aos elementos acima mencionados que contribuíram para a formação de um contingente populacional propício ao êxodo rural, outros podem ser acrescentados no que se refere à segunda metade do século XX, em Santa Catarina. A Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) indicou, a partir de ampla pesquisa, diversas razões que contribuíram para a migração do campo para as cidades nesse estado<sup>34</sup>. Dentre uma das motivações apontadas, constava o tamanho insuficiente de algumas

---

sem vínculo trabalhista, pois o gato não assinava carteira, contratando-os e pagando-os por tarefa. Sobre o Estatuto da Terra ver, por exemplo: PALMEIRA, Moacir. *Modernização, Estado e questão agrária*. Estud. av. [online]. 1989, vol.3, n.7, pp. 87-108. E também: SALIS, Carmem Lúcia Gomes de. *Estatuto da Terra: origem e (des)caminhos da proposta de reforma agrária nos governos militares*. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

<sup>31</sup> Em anexo II se encontra uma tabela com os dados da urbanização nas grandes regiões brasileiras.

<sup>32</sup> SANTOS, Silvío Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: Edeme, 1973.

<sup>33</sup> Sobre o Contestado ver: MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: UNICAMP, 2004.

<sup>34</sup> Os motivos apontados no relatório da Epagri foram: baixa rentabilidade do setor agrícola, custo de produção alto e preço do produto baixo, baixa produtividade, baixo nível de conhecimento técnico administrativo, falta de profissionalização do agricultor, falta de assistência técnica, atividade de alto risco, incerteza de colheita, falta de perspectiva na agricultura, baixo investimento na atividade agrícola, descapitalização do agricultor, pouco recurso financeiro p/investimentos, propriedade não estruturada (instalações, mecanização), propriedade com área insuficiente e ou imprópria, propriedade com área total insuficiente, baixa fertilidade das terras, pouca área arável, política agrícola inadequada ao pequeno agricultor, falta de política agrícola, falta de incentivos, crédito com taxas de juros incompatíveis c/ atividade agrícola, deficiência de infraestrutura física e social no meio rural, deficiência de estradas, energia elétrica, escola, saúde, lazer, etc. Poluição (dejetos suínos e agrotóxicos), depreciação da condição de agricultor, falta de mão-de-obra (êxodo dos jovens), trabalho duro com carga horária alta. A Epagri também identificou quais seriam os fatores que atraíam as pessoas do campo para a cidade:



propriedades, o que tornava a rentabilidade de sua produção irrisória. Essa razão pode ser relacionada com a implantação de sucessivas políticas governamentais iniciadas na década de 1950, que enxergavam a pequena propriedade como um elemento que impossibilitava o aumento da produção agrícola no Estado. Ao voltar esforços para as propriedades que pudessem afinar-se ao modelo agro-exportador, elas não proporcionaram condições favoráveis à agricultura com base familiar<sup>35</sup>. Conjugada a essa dificuldade de captação de recursos públicos, o êxodo rural também era impulsionado por outro fator. Justamente para evitar uma maior diminuição territorial das unidades agrícolas, nos momentos de transmissão de bens familiares optava-se por sua não fragmentação. Aos descendentes desapossados cabia, como recurso principal, a migração para o meio urbano<sup>36</sup>. A tabela a seguir apresenta os dados referentes à urbanização de Santa Catarina:

TABELA VIII - URBANIZAÇÃO EM SANTA CATARINA

TOTAL	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Urbana	362.717 (23,24%)	695.347 (32,39%)	1.266.709 (43,23%)	2.201.350 (59,70%)	3.205.600 (70,64%)	4.217.931 (78,75%)
Rural	1.197.785 (76,76%)	1.451.562 (67,61%)	1.663.702 (56,77%)	1.486.302 (40,30%)	1.332.648 (29,36%)	1.138.429 (21,25%)

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

Como se nota na tabela acima, seguindo a tendência nacional de radicalidade do êxodo para as cidades, em cinquenta anos, os percentuais da população catarinense que viviam em área urbana e rural se inverteram. Em relação a esse movimento, cabe destacar que ele também aconteceu devido à migração de pessoas que viviam em áreas urbanas de outros municípios. A tabela a seguir informa a procedência dos migrantes em alguns dos municípios com maior população de Santa Catarina e que estão localizados em diferentes regiões desse estado:

---

perspectiva de emprego c/salário mensal garantido, emprego c/renda mensal garantida, maior ganho financeiro, perspectiva de melhor qualidade de vida (lazer, conforto, saúde, etc.), trabalho mais leve, com horário pré-estabelecido, disponibilidade de escolas. Esses indicadores estão disponíveis em: SILVA, F. C. A.; HEIDEN, F. C.; AGUIAR, V. V. P.; PAUL, J. M. *Migração rural e estrutura agrária no oeste catarinense*. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2003.

<sup>35</sup> CAMPIGOTO, José Adilçon. *Roças empresas e sonhos: jogos e discursos*. (A CPT em Santa Catarina). Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, 1996.

<sup>36</sup> HAYGERT, Maria Lúcia Lemos. *De pai para filho: tecendo um novo território familiar - uma etnografia sobre as relações geracionais na agricultura familiar do Município de Quilombo/SC*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Florianópolis, UFSC, 2000. Uma análise sobre isso no Rio Grande do Sul se encontra em: CARNEIRO, MARIA JOSÉ. *Herança e gênero entre agricultores familiares*. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.1, pp. 22-55.

TABELA IX - PROCEDÊNCIA DE PESSOAS NÃO NATURAIS DO MUNICÍPIO ONDE RESIDEM.

	1970		1980	
	Procedentes de zona urbana	Procedentes de zona rural	Procedentes de zona urbana	Procedentes de zona rural
Blumenau	16.277	14.114	35.048	40.920
Chapecó	6.824	12.430	14.907	23.326
Criciúma	13.478	12.183	20.976	22.128
Florianópolis	24.553	6.341	49.459	17.688
Joinville	34.217	8.712	56.483	61.659
Lages	19.565	10.110	21.511	25.929
São José	8.638	5.237	36.221	12.934

FONTE: BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.

A tabela acima mostra que, além do êxodo rural, a migração de pessoas advindas do meio urbano contribuíram intensamente para o aumento populacional dos municípios listados<sup>37</sup>. Durante a década de 1970, período em que ocorreu a ultrapassagem da população rural pela urbana em Santa Catarina<sup>38</sup>, pode-se perceber o elevado número de migrantes urbanos que eles receberam. Por outro lado, a mesma tabela evidencia uma particularidade de Florianópolis. Apenas no seu caso (e do município contíguo de São José), a maior parte dos migrantes que nele residiam em 1980 eram provenientes do meio urbano. Em todos os outros municípios a maior parcela dos novos moradores entre 1970 e 1980 era composta por pessoas provenientes do meio rural.

Em relação à importância da migração urbano-urbano em Florianópolis, é possível por meio dos dados disponíveis identificar dois eixos principais de afluência de novos moradores. O primeiro está relacionado à chegada de pessoas oriundas das maiores cidades da região sudeste<sup>39</sup>. O segundo se refere à migração de pessoas residentes em cidades de pequeno porte localizadas em diversas regiões de Santa Catarina. A tabela a seguir traz dados sobre a procedência dos migrantes em maior número em Florianópolis:

<sup>37</sup> No anexo III existe uma tabela com a população desses municípios entre 1970 e 2000.

<sup>38</sup> Conforme expresso na tabela VIII.

<sup>39</sup> O peso dos residentes nas metrópoles em relação ao total da população brasileira entre 1970 e 2000 é enorme. Contudo, o percentual da população urbana que ali vivia declinou. Em 1970, quase metade dos brasileiros urbanos (48,64%) viviam nessas regiões, sendo que esse percentual diminuiu para 41,00%. Para Brito, as principais causas dessa diminuição foram a queda do nível de fecundidade dos brasileiros (especialmente a dos residentes em grandes cidades) e a redução das migrações para as metrópoles. Conforme: BRITO, Fausto. *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*. Estud. av. [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 221-236. Além desse artigo ver também: LOBO, Carlos and MATOS, Ralfo. *Migrações e a dispersão espacial da população nas regiões de Influência das principais metrópoles Brasileiras*. Rev. bras. estud. popul. [online]. 2011, vol.28, n.1, pp. 81-101.

TABELA X - AUMENTO PERCENTUAL DE MIGRANTES DAS SEIS MAIORES PROCEDÊNCIAS EM FLORIANÓPOLIS.

	1960	1970	1980	1991	2000
Total	97.360	137.859	186.808	255.390	342.315
Florianopolitanos	81.041 (82,8%)	107.447 (77,7%)	119.435 (63,6%)	155.958 (61,1%)	188.897 (55,2%)
Santa Catarina	12.933 (13,3%)	25.067 (18,2%)	47.792 (25,6%)	57.763 (22,6%)	75.990 (22,2%)
São Paulo	505 (0,5%)	606 (0,4%)	2.502 (1,3%)	5.784 (2,3%)	11.214 (3,3%)
Rio de Janeiro	575 (0,6%)	1.014 (0,7%)	2.879 (1,5%)	4.077 (1,6%)	6.356 (1,86%)
Paraná	562 (0,6%)	1.110 (0,8%)	3.504 (1,9%)	7.791 (3,1%)	14.897 (4,4%)
Rio Grande do Sul	946 (1,0%)	1.928 (1,4%)	6.578 (3,5%)	16.820 (6,6%)	31.524 (9,2%)
Minas Gerais	130 (0,1%)	249 (0,2%)	868 (0,5%)	1.236 (0,5%)	2.293 (0,7%)

FONTE: BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

A tabela acima mostra que os deslocamentos populacionais foram fundamentais para a constituição demográfica de Florianópolis no final do século XX. Como se percebe houve uma diminuição expressiva no número de pessoas nascidas no município: em 1960 esse percentual era de 82,8% e em 2000 ele diminuiu para 55,2%. Sobre as cinco maiores procedências, ganha destaque o aumento expressivo de migrantes advindos do Rio Grande do Sul. De uma participação discreta em 1960, passou a representar quase dez por cento de toda a população de Florianópolis no ano de 2000.

Como se nota em todas as tabelas anteriores, seja por meio da migração urbano-urbano, ou por êxodo rural, Florianópolis foi destino para muitos migrantes. A questão que se impõe a partir desse fato é como tamanha massa de novos moradores foi incorporada pelo mercado de trabalho local. A pertinência dessa indagação está relacionada ao fato de que, ao contrário de Blumenau, Chapecó, Criciúma e Joinville, as atividades do setor industrial em Florianópolis tiveram uma participação discreta no total do PIB catarinense entre 1970 e 1996<sup>40</sup>. Ou seja, Florianópolis não se destacava em um ramo da economia que tradicionalmente alberga uma grande quantidade de trabalhadores, dos quais historicamente

<sup>40</sup> No anexo IV se podem comparar os valores da produção da indústria de transformação entre os municípios citados.

boa parte é constituída por migrantes<sup>41</sup>. Cabe analisar, frente a isso, quais foram os setores da economia desse município capazes de absorver os contingentes populacionais que chegavam. Para tanto, é necessário compreender as profundas transformações econômicas acontecidas nesse município durante o século XX.

### *1.1.3. Mercado de trabalho e migração em Florianópolis.*

Dentre as atividades econômicas existentes em Florianópolis, o setor comercial relacionado à exportação de gêneros alimentícios e à importação de manufaturados ocupou, durante longo tempo, posição preeminente. Isso pode ser percebido por meio dos dados sobre a movimentação financeira portuária no século XIX. Entre os anos de 1839 e 1840, por exemplo, a percentagem da receita de Alfândega e das Mesas de Rendas provenientes de Desterro perfazia 92,42% do total obtido na Província de Santa Catarina. Em relação à farinha de mandioca, principal produto de exportação de Santa Catarina, 59,06% do total produzido na província deixaram-na por esse porto no período entre 1849 e 1850. Destaca-se ainda que 39% das mercadorias exportadas por Santa Catarina, entre os anos de 1880 e 1885, partiram da capital<sup>42</sup>.

Durante o século XX, o setor voltado para o comércio de exportação e de importação continuou ocupando posição importante dentre as atividades econômicas que se desenvolviam em Florianópolis. Pode-se perceber isso pelo número de navios que atracaram no porto: em 1940 foram 643 navios e em 1950 o seu número foi de 555<sup>43</sup>.

Entretanto, alguns acontecimentos contribuíram para que a importância dessa atividade econômica diminuísse. Dentre essas razões se destaca especialmente a ampliação do sistema viário catarinense a partir da década de 1940<sup>44</sup>, o que tornou economicamente dispensável a intermediação da capital no comércio de exportação e importação. Outro fator

---

<sup>41</sup> Em anexo V existe uma tabela em que é possível verificar que o número de pessoas ocupadas na indústria em Florianópolis era muito reduzido em comparação a municípios como Blumenau e Joinville. Sobre a industrialização em Santa Catarina ver: BOSSLE, Ondina Pereira. *História da industrialização catarinense: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: CNI; Florianópolis: FIESC, 1988. E ainda: GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Cidade Futura, 2002.

<sup>42</sup> Todos esses dados estão contidos em: HÜBENER, Laura Machado. *O Comércio da Cidade de Desterro no Século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

<sup>43</sup> Dados presentes em: PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1991.

<sup>44</sup> A principal via terrestre de transporte de cargas em Santa Catarina até a década de 1970 era a BR 2 (atual 116) que ligava o Rio Grande do Sul ao Sudeste brasileiro. Sua construção foi iniciada no ano de 1945 e sua pavimentação foi concluída em 1958, essa rodovia atravessava o estado catarinense pelo planalto serrano por cidades como Lages. A principal estrada catarinense em volume de carga transportada, a atual BR 101 (anteriormente denominada BR 59) foi iniciada no ano de 1957 e pavimentada em 1971.

responsável por essa diminuição era a pouca profundidade das águas nas cercanias do porto de Florianópolis o que impossibilitava que navios de grande porte ali atracassem<sup>45</sup>. Os dados referentes à movimentação portuária em Florianópolis são contundentes em relação ao arrefecimento do comércio que ali se realizava. Em 1960 deram entrada 184 navios no porto e no ano de 1970 esse número foi ainda menor, correspondendo a apenas 15 unidades<sup>46</sup>.

A perda de importância do setor relacionado ao comércio de exportação e importação só não teve maior impacto em Florianópolis porque, a partir da década de 1930, iniciou-se um processo que teve consequências fundamentais na forma como economicamente esse município se estruturava. Ele se refere com a intensa movimentação de recursos públicos que passou a ocorrer a partir daquele momento na cidade. Esse movimento não era propriamente uma novidade pois, desde o período colonial, Florianópolis já albergava a sede do poder público em Santa Catarina. Contudo, o período posterior à década de 1930 foi dotado de singularidade em vista das quantias envolvidas.

A intensidade do montante pode ser vislumbrada nos dados referentes ao número de órgãos públicos veiculados à estrutura administrativa do Estado catarinense constituídos desde o século XIX. Até 1929 haviam sido criados 19 órgãos públicos em Santa Catarina e, entre esse ano e 1969, surgiram 74<sup>47</sup>. O número de servidores públicos pertencentes aos quadros administrativos do governo do Estado lotados em Florianópolis, que era de 184 funcionários no ano de 1929, aumentou para 2.517, no ano de 1969<sup>48</sup>.

Boa parte dos recursos públicos movimentados se relacionava ao poder público federal, o que pode ser vislumbrado no aumento do quadro de funcionários lotados em Florianópolis: esse número aumentou de 99, no ano de 1929, para 5.881, no ano de 1969<sup>49</sup>. A criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no início da década de 1960 ilustra a excepcionalidade dos valores envolvidos: entre 1961 e 1970, não houve ano em que a receita da UFSC fosse menor do que a do município de Florianópolis. Em 1964, por exemplo, o orçamento da UFSC foi mais de quatro vezes maior do que o do município<sup>50</sup>. Conforme é

<sup>45</sup> Elementos como esse favoreceram inclusive a expansão do comércio nos municípios de São Francisco do Sul, Itajaí e Imbituba que possuem atualmente os portos de Santa Catarina com maior movimentação comercial.

<sup>46</sup> Conforme: PELUSO JUNIOR, op. cit.

<sup>47</sup> MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000. p. 137.

<sup>48</sup> FACCIO, Maria da Graça Agostinho. *O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFSC, 1997. p. 115.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 117. Foram considerados pela autora 23 dos 33 órgãos públicos que existiam em 1996 o que significa que esse número poderia ser bem maior.

<sup>50</sup> MARCON, op. cit., p. 141.

possível vislumbrar a partir de Peluso, tamanho investimento público na melhoria da estrutura governamental e na criação de novos serviços oferecidos pelo Estado repercutiu profundamente em Florianópolis. Um de seus resultados foi a complexificação da estrutura econômica do município que poderia ser percebida pelo surgimento de uma configuração social na qual se fazia presente uma forte demanda por serviços e mercadorias de todo tipo<sup>51</sup>.

Com base nas pesquisas sobre as transformações urbanas e econômicas acontecidas em Florianópolis, é possível perceber que a dinâmica que levava a complexificação econômica desse município intensificou-se a partir da década de 1970. Essa intensificação pode ser examinada a partir dos dados sobre o número de empregos nos diversos setores da economia. O aumento de empregados nas diversas atividades indicadas na tabela a seguir permitem observar a contribuição de alguns fatores já identificados por Peluso para o período anterior a 1970. Por outro lado, a elevação do número de trabalhadores em outras profissões possibilitam avaliar a contribuição de novos fatores para o recrudescimento do processo analisado por esse autor.

TABELA XI - NÚMERO DE PESSOAS EMPREGADAS EM DIVERSAS ATIVIDADES ECONÔMICAS EM FLORIANÓPOLIS.

	1970	1980	1991	2000
Indústria da construção civil	3.170	4.505	5.988	9.985
Comércio de mercadorias	5.409	7.689	14.629	20.144
Prestação de serviços	6.733	11.959	22.079	31.743
Atividades sociais: comunitárias, médicas, odontológicas e de ensino.	6.819	12.409	21.575	26.011
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça, defesa nacional e segurança pública.	6.220	9.799	13.124	13.134 <sup>52</sup>

FONTE: BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

Conforme exposto na tabela acima, o número de empregos nos diferentes setores da economia de Florianópolis tiveram um substancial aumento. Isso indica, em primeiro lugar, que o número de funcionários públicos na cidade continuava aumentando. Na alínea 5 isso pode ser observado com maior nitidez: o aumento percentual de pessoas que, por exemplo, desenvolviam atividades na administração pública entre 1970 e 2000, foi maior que 100%. E, de fato, o aumento de funcionários públicos pode ser visto em alguns exemplos. Na administração federal, a expansão da UFSC ocasionou uma extraordinária oferta de vagas em Florianópolis. Entre 1980 e 2000, por exemplo, seu número de servidores aumentou de 3.522

<sup>51</sup> Observações realizadas a partir de: PELUSO JUNIOR, op. cit.

<sup>52</sup> Estão inclusos aqui somente os indicativos: administrativo governamental, legislativo e justiça.

para 4.735. Quanto aos empregos públicos criados pelo poder estadual, nota-se que, entre 1970 e 1991, por exemplo, foram criados 66 órgãos pelos sucessivos governos de Santa Catarina<sup>53</sup>. O número de funcionários do governo estadual, que era de 39.794 no ano de 1973, passou a ser de 76.172 em 1995<sup>54</sup>. Florianópolis, como sede do poder político, viu-se amplamente beneficiada por esse movimento de criação de empregos por parte do governo estadual.

Além dos empregos públicos, nota-se, na tabela XI, o aumento de empregos ligados ao setores do comércio e de prestação de serviços. Isso indicava que a demanda por mercadorias e serviços foi crescente no decorrer das últimas décadas do século XX em Florianópolis<sup>55</sup>. Dentre os fatores que geraram esse movimento pode-se indicar dois em especial.

Em primeiro lugar, nota-se a importância crescente do turismo, que pode ser medida por meio das cifras envolvidas. Em 1980, por exemplo, o jornal *O Estado* reportava que, entre os dias 1 e 15 de janeiro daquele ano, teriam visitado Florianópolis 120 mil turistas<sup>56</sup>. Entre 1993 e 2000, a receita movimentada pelos turistas, somente nos meses de janeiro e fevereiro, foi de mais de 1 bilhão de dólares<sup>57</sup>.

Os impactos econômicos dos turistas podem ser descritos em termos de seus efeitos diretos, indiretos e induzidos. O primeiro caso está relacionado com as despesas realizadas em estabelecimentos como hotéis, restaurantes, lojas, transporte privado e casas de entretenimento. Os efeitos indiretos surgem da necessidade que os setores em contato direto com os turistas possuem. Eles necessitam comprar mercadorias e contratar serviços para o atendimento da demanda, compra que é feita em empresas que não possuem relação imediata com o turismo. Seria o caso, por exemplo, da contratação realizadas por hotéis de empresas que prestam serviço de vigilância e limpeza. Por fim, os efeitos diretos e indiretos do turismo induzem outras ações na economia pois durante as movimentações financeiras diretas e indiretas concernentes ao turismo, uma parte da renda gerada é repassada para a população residente. Seja na forma de aluguéis, salários ou lucros, uma parte dessa quantia ganha é gasta na economia local em serviços e mercadorias o que induz novas rodadas de atividade

---

<sup>53</sup> MARCON, op. cit, p. 137.

<sup>54</sup> FACCIO, op. cit., p. 113.

<sup>55</sup> No anexo VI se encontra uma tabela com os valores do PIB no setor de serviços dos municípios mais populosos de Santa Catarina.

<sup>56</sup> O ESTADO. Florianópolis, 19 jan. 1980.

<sup>57</sup> Nos anexos VII e VIII, existem tabelas sobre a movimentação financeira e sobre o número de turistas em Florianópolis.

econômica. Esse efeito em cascata na economia é utilizado por Cooper para descrever de que maneira o turismo produz receita em um município<sup>58</sup>.

Por meio do que foi dito acima, é possível perceber que o turismo direta ou indiretamente incide no mercado de trabalho gerando empregos<sup>59</sup>. Pode-se, nesse caso, relacionar o aumento de sua importância em Florianópolis ao crescimento no número de empregos no setor de serviços e de comércio, que podem ser vistos auferidos nas alíneas 2 e 3 da tabela XI. Também é possível indicar outros dados do IBGE nesse sentido: entre 1970 e 2000, o número de postos de trabalho no serviço de alojamento passou de 195 para 1.711 nesse município<sup>60</sup>.

Ainda com relação aos fatores que contribuíram para a criação de empregos no setor de comércio e de serviços, deve-se notar a importância da mobilidade pendular entre Florianópolis e seus municípios vizinhos. Esse tipo de deslocamento populacional se caracteriza pelo movimento diário de uma grande quantidade de pessoas que residem em um município, mas trabalham ou estudam em outro. A dissociação acontece por vários motivos, mas particularmente está relacionada, nos casos de regiões metropolitanas, com o preço dos imóveis e dos aluguéis nas cidades que concentram a maior parte dos empregos<sup>61</sup>.

No caso da Região Metropolitana de Florianópolis (RMF)<sup>62</sup>, a mobilidade pendular tornou-se, no decorrer da segunda metade do século XX, cada vez mais importante. Durante esse período, houve um aumento expressivo da população de todos os municípios que fazem parte da RMF<sup>63</sup> e, conforme destacaram Alves e Baenninger, uma boa parcela desses

<sup>58</sup> COOPER, Chris et al. *Turismo: princípios e práticas*. São Paulo: Bookman, 2001. p. 180.

<sup>59</sup> O objetivo desse item não é verificar a qualidade dos empregos gerados em Florianópolis, mas sim indicar fatores que fomentaram seu crescimento. Assim, não se está mencionando os já por demais conhecidos aspectos negativos relacionados com diversos empregos relacionados ao turismo como, por exemplo: sazonalidade e precariedade do trabalho, baixa remuneração e elevadas jornadas. Sobre algumas dessas características ver: OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica a "indústria pós-moderna"*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1998.

<sup>60</sup> No anexo IX existe uma tabela com valores sobre o aumento do número de empregos nos serviços de alojamento em Florianópolis.

<sup>61</sup> ARANHA, Valmir. *Mobilidade pendular na metrópole paulista*. São Paulo Perspec. [online]. 2005, vol.19, n.4, pp. 96-109.

<sup>62</sup> Foram diversas as leis que procuraram dar natureza jurídica a região metropolitana de Florianópolis. A última delas foi a Lei Complementar Estadual de Santa Catarina número 495, de 26 de Janeiro de 2010. No artigo 5º ela estabelece que: “o Núcleo Metropolitano da Região Metropolitana de Florianópolis será integrado pelos municípios de Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São José e São Pedro de Alcântara”.

Em seu parágrafo único o artigo quinto da lei prevê a possibilidade da área expandir-se: “a Área de Expansão Metropolitana da Região Metropolitana de Florianópolis será integrada pelos municípios de Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Canelinha, Garopaba, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Paulo Lopes, Rancho Queimado, São Bonifácio, São João Batista e Tijucas”.

<sup>63</sup> No anexo X existe um mapa dos municípios que constituem a Região Metropolitana de Florianópolis. E por meio do anexo XI se pode vislumbrar o aumento populacional desses municípios.



moradores se deslocava diariamente para a capital. No ano 2000, por exemplo, 51.502 pessoas da RMF trabalhavam ou estudavam em Florianópolis. Desse total, os mais expressivos contingentes de pessoas da migração pendular eram São José (31.606), Palhoça (11.835) e Biguaçu (5.186)<sup>64</sup>.

O deslocamento pendular pode ser visto como mais um contribuinte para a criação de postos de trabalho na cidade. Como se percebe o contingente populacional que se deslocava diariamente era bastante expressivo e correspondia, em termos percentuais, a 15,04% da população total de Florianópolis no ano 2000. Ao moverem-se essas pessoas consumiam, por exemplo, artigos alimentícios o que pode ser visto como mais um contribuinte para o crescimento das atividades nesse ramo da economia. Entre 1970 e 2000 o número de empregados no setor de alimentação aumentou de 287 para 5.072 pessoas<sup>65</sup>.

Outro ramo da economia que teve um aumento excepcional na oferta de postos de trabalho em Florianópolis foi o da construção civil. Dentre os fatores contribuintes para isso pode-se destacar a realização de obras de grande envergadura no município com fins habitacionais, de infra-estrutura urbana ou voltados para o atendimento ao turismo. Na década de 1970 cite-se os edifícios realizados pelas maiores construtoras do período em Florianópolis: a Ceisa, a Emedaux e A. Gonzaga. Estas empresas chegaram a construir cada uma 12 obras de grande porte em Florianópolis ao mesmo tempo no ano de 1975<sup>66</sup>. Ainda na década de 1970, podem ser indicadas como obras de grande envergadura a construção da segunda ponte entre o continente e a Ilha, o aterro da Baía Sul, a avenida Beira Mar e as rodovias que faziam a ligação entre os diversos distritos de Florianópolis e sua sede. Nas décadas de 1980 e 1990, pode-se mencionar como obras de grande expressão em Florianópolis os diversos loteamentos e condomínios residenciais construídos por todo o município, dos quais se destacam os condomínios no distrito de Cacupé<sup>67</sup> e o condomínio Jurerê Internacional<sup>68</sup>. Outras construções referem-se aos diversos centros comerciais espalhados pelos distritos, sendo que o maior deles surgido nesse período foi o Beira Mar

<sup>64</sup> ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. *Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008. p. 11.

<sup>65</sup> No anexo IX existe uma tabela com valores sobre o aumento do número de empregos nos serviços de alimentação em Florianópolis.

<sup>66</sup> CAMPOS, Edson Telê. *A expansão urbana na região metropolitana de Florianópolis e a dinâmica da indústria da construção civil*. Tese (Doutorado em Geografia) – UFSC, 2009. p. 101.

<sup>67</sup> KÖRBES, Aline Schaefer. *Os condomínios fechados horizontais de Cacupé no contexto urbano de Florianópolis: os lugares fora do lugar*. Dissertação (mestrado em Geografia) – Florianópolis, UFSC, 2008.

<sup>68</sup> MEZZOMO, Melissa. *Uma contribuição a análise de espaços urbanos: estudo sobre a dinâmica de Jurerê (1950-2007)*. Dissertação (mestrado em Engenharia Civil) – Florianópolis, UFSC, 2009.

Shopping, em 1993. Além desses empreendimentos destaque-se a construção de diversas pousadas e hotéis, dentre os quais se pode mencionar os de grande envergadura como o Resort Costão do Santinho, construído em 1991 no distrito dos Ingleses<sup>69</sup>.

As obras acima citadas são exemplos do crescimento da atividade da construção civil em Florianópolis desde a década de 1970. Ela pode ser vislumbrada quando se comparam os dados do produto interno bruto (PIB) dessa indústria entre os municípios catarinenses com maior população. Em 1970, 1975 e 1996, por exemplo, foi em Florianópolis que ele alcançou o maior valor em Santa Catarina<sup>70</sup>. Nesse sentido, os dados sobre o crescimento do número de empregos no setor indicam a intensidade da atividade: conforme se vislumbra na tabela XI, eles aumentaram de 3.170, no ano de 1970, para 9.985, em 2000.

Como se pode perceber, a partir do que foi dito acima, foram vários os setores que tiveram aumento expressivo no número de empregos em Florianópolis. Ou seja, mesmo que esse município não tenha possuído um lugar de destaque na produção industrial catarinense entre 1970 e 2000, havia outros setores que empregavam muitos trabalhadores. Boa parte desses trabalhadores era composta por migrantes os quais, conforme se poderá perceber nos próximos itens, contribuíam para a complexificação da estrutura econômica do município.

## **1.2. Consequências do aumento da população.**

Como se viu anteriormente, Florianópolis vivenciou um intenso aumento populacional, tanto em termos vegetativos, como por efeito de migrações internas. Esse fato teve profundas implicações na estrutura urbana da cidade as quais serão examinadas a seguir. Por um lado, a urbanização acontecia norteadada pelo interesse na aquisição de propriedades em lugares próximos ao local de trabalho. Nesse caso, atuava especialmente a relação entre o preço do imóvel a ser adquirido e a renda familiar dos compradores. Por outro, entrava em ação uma dinâmica mais coerente. Nela o crescimento urbano estava sintonizado com poderosos interesses econômicos presentes na cidade.

---

<sup>69</sup> COSTÃO DO SANTINHO. [SITE]. Apresenta informações sobre o empreendimento. Disponível em: <<http://www.costao.com.br/>>

<sup>70</sup> Os dados estão presentes no anexo XII. Os valores dos PIB dos municípios mais populosos de Santa Catarina estão expressos no anexo XIII.

### 1.2.1. A elevação do preço dos imóveis.

A partir da década de 1970, três irmãos que residiam no município de Urubici, interior de Santa Catarina, migraram para Florianópolis. A infância deles foi repleta de dificuldades financeiras, mas apesar disso, Hilda recorda com satisfação o lugar em que viviam: *“era uma casa bem simples. O telhado era de tabuinhas, bem pobre mesmo. Mas tinha um quintal com bastante árvores com frutas”*<sup>71</sup>. As adversidades levaram uma parte da família a abandonar a escola. Sobre isso seu irmão relata: *“eu saí da aula mesmo por necessidade. Fui trabalhar na lavoura de tomate, fui vender pão, torradinha. Trabalhava na padaria e ia vender na rua pão, sonho, banana recheada. Tinha bastante dificuldade em casa: eram onze irmãos”*<sup>72</sup>.

A experiência de pobreza dos irmãos pertencentes a essa família é semelhante à de uma boa parcela de brasileiros que migraram do meio rural para cidades e está repleta de situações dramáticas. Mas, nesse caso, ela adquire traços ainda mais intensos por Hilda, João e Claudia serem negros o que adicionava mais dificuldades na sua trajetória de vida. Na história das contribuições sociais e culturais para a constituição do Estado de Santa Catarina os afrodescendentes receberam pouca atenção em comparação com os imigrantes europeus. As irmãs Claudia e Hilda mencionam com emoção situações de grande constrangimento por elas vividas. Claudia, por exemplo, recorda que: *“situação de racismo eu me lembro na escola, quando eu era pequena. Quando o professor ia ensinar História do Brasil e falava dos escravos... Eu morria de vergonha quando olhavam pra mim”*<sup>73</sup>. Com recordações semelhantes, sua irmã Hilda é mais enfática: *“negro naquela época era pobre. E pelo fato de que o negro era pobre, os fazendeiros se aproveitavam dessa condição. Faziam os negros de capataz nas fazendas em troca de uma casinha e de alimentação. Sem escola. Tanto que na escola que nós estudávamos até o final do ensino ginásial os únicos negros eram eu e minha irmã”*<sup>74</sup>.

Outra situação bastante trágica é relatada por Hilda. Antes dela ter migrado para Florianópolis em definitivo, em 1982, já havia residido na casa de uma família da capital quando tinha 15 anos de idade. A estadia deveu-se a um acordo feito com sua mãe que esperava que o convívio com pessoas de elevada posição social pudesse beneficiar a adolescente. Além disso, a ida para Florianópolis também funcionava como fuga da tensa rotina dada pelas constantes brigas provocadas por seu pai que era alcoólatra. Hilda recorda,

<sup>71</sup> Hilda. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, out. 2009.

<sup>72</sup> João. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, abr. 2010.

<sup>73</sup> Claudia, op. cit.

<sup>74</sup> Hilda, op. cit.

todavia, que ao chegar à capital o cotidiano que a aguardava não era menos doloroso, ela conta da saudade que sentia da família e relata sem rebuscos do sentimento de humilhação que sentia por ser tratada de forma diferente dos outros filhos do casal. Uma de suas recordações mais intensas se refere com uma festa de aniversário de um dos filhos do casal. Ela teria ajudado na organização da festa, mas somente teria recebido autorização para comer após a partida dos convidados. Para uma menina de 15 anos, distante do convívio da família e dos amigos, tal situação além de constituir-se em uma demonstração explícita de segregação social, escancarava o objetivo da hospedagem da adolescente. Hilda descreve dessa forma sua primeira experiência em Florianópolis: *“eu não tinha fome, mas às vezes era muito pior. Ali eu era a negrinha que fazia tudo. Era a empregadinha”*. Como se pode apreender a partir das palavras de Hilda, a “adoção” realizada por aquela família de Florianópolis estava longe de possuir um caráter de filantropia<sup>75</sup>. Inserida em uma prática social comum e de longa data existente no Brasil, pretendia-se que em troca de um lugar para dormir e de comida, Hilda se tornasse uma trabalhadora doméstica não remunerada.

A mudança definitiva de Hilda, Claudia e João para Florianópolis aconteceu entre 1968 e 1982, sendo João o primeiro a deslocar-se em razão do serviço militar obrigatório<sup>76</sup>. O dia em que se apresentou no quartel do exército é recordado com satisfação: *“lá saltou eu com um terninho de lã. Naquele calor... Sapato de borracha e uma pastinha com os pertences”*<sup>77</sup>. Além do ano obrigatório, João serviu por mais um ano e dois meses o exército como soldado engajado, função da qual saiu quando ingressou por concurso público na Polícia Militar.

Claudia, antes de migrar, vivia em Correia Pinto, município localizado a aproximadamente 250 quilômetros da capital catarinense. Ela trabalhava como professora alfabetizadora, após a formação em magistério e de seu ingresso por concurso público no quadro de professores da rede estadual de educação. Naquele período, em meados da década de 1970, um fato contribuiu decisivamente para que Claudia viesse a residir em Florianópolis. Um de seus outros irmãos estava preso em Florianópolis, acontecimento que é recordado da seguinte maneira por ela: *“essa história ninguém da família gosta de comentar. Mas foi isso,*

---

<sup>75</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica*. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.

<sup>76</sup> João deveria fazer o alistamento militar em Urubici, para prestar o serviço militar em Lages. Mas segundo ele, o quartel de Lages não aceitava moradores de áreas consideradas rurais, como era o caso de Urubici. Em vista disso, ele colocou como endereço de residência o município de Santo Amaro da Imperatriz onde vivia um de seus parentes com vistas a prestação do serviço militar em Florianópolis.

<sup>77</sup> João, op. cit.

*eu vim pra cá porque a mãe me pediu pra vir cuidar desse meu irmão que estava preso*”<sup>78</sup>. Claudia realizou concurso de remoção para Florianópolis e passou a morar na capital em 1978: *“foi muito engraçado, porque na época a escola que eu queria trabalhar era a escola Aderbal Ramos da Silva, mas ela na época era uma fundação e não pertencia ao conjunto de escolas do Estado. Então a escola Aderbal Ramos da Silva que existia ficava em Governador Celso Ramos*”<sup>79</sup>. *Eu fui até lá e conheci a escola. Mas não dava, era muito longe. Aí ajeitaram politicamente pra mim e eu fui trabalhar no Pero Vaz de Caminha com tudo ajeitado*”<sup>80</sup>.

Quatro anos após a transferência de Claudia, foi a vez de Hilda chegar em definitivo a Florianópolis. Ela vivia em Lages com a mãe e após a conclusão dos estudos na escola normal tornou-se professora alfabetizadora. Em uma de suas viagens a Florianópolis, para visitar os irmãos, conheceu Jairo, com quem casou após alguns encontros, já que estava grávida. Com relação a isso, ela diz: *“é uma situação que a gente não pára pra pensar. Então, fiquei grávida, aceitei... Era madura, já tinha o meu salário, já me mantinha... Ó, quer vir morar aqui? Então, pronto... Vim morar e pronto... Foi assim, sem planejamento, sem pensar...”*<sup>81</sup>. Como era professora concursada pela rede estadual de educação, ela pôde solicitar transferência do cargo para Florianópolis.

De forma semelhante às irmãs Claudia e Hilda, também por transferência chegou Miguel à Florianópolis. Ele residia com sua família no município de Estrela no Rio Grande do Sul. Seu pai era proprietário de uma loja de equipamentos agrícolas, mas ele preferiu trabalhar no Banco do Brasil. Assim sendo, tornou-se funcionário do banco através de concurso público no início da década de 1980: *“fiquei em primeiro lugar no concurso. Saiu até no jornal”*<sup>82</sup>. No início da década de 1990, surgiu a proposta para gerenciar uma agência em Florianópolis: *“primeiro veio eu para ver se eu me acostumava com a cidade. Daí gostei e depois de dois meses veio a Vera e as crianças”*<sup>83</sup>.

Também proveniente do Rio Grande do Sul, a família de Augusto instalou-se em Florianópolis no ano de 1984: *“eu tinha uma transportadora no Rio Grande do Sul. Mas na década de 1980 os negócios estavam indo muito mal. Daí eu resolvi me desfazer da empresa e vir morar em Florianópolis para descansar e porque eu tinha em vista a montagem de um*

---

<sup>78</sup> Claudia, op. cit.

<sup>79</sup> Município distante de Florianópolis, mas pertencente a área metropolitana de Florianópolis. Sobre sua localização ver o anexo X.

<sup>80</sup> Claudia, op. cit.

<sup>81</sup> Hilda, op. cit.

<sup>82</sup> Miguel. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, jun. 2011.

<sup>83</sup> Ibidem.

*negócio de exportação com o Porto de Itajaí e lá eu não queria morar*”<sup>84</sup>. Augusto havia aplicado uma parte do dinheiro da venda da empresa e vivia de rendas. Sobre isso ele menciona: “*acabou que eu gostei dessa vida de férias e não montei mais nenhuma empresa. Daí me aposentei pagando o INSS como autônomo*”<sup>85</sup>.

As pequenas biografias acima realizadas ilustram experiências de migrantes que se dirigiram a Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Por meio de suas falas, é possível vislumbrar algumas das características desse movimento. Em primeiro lugar, pode-se destacar que sem contar o ex-empresário Augusto e o bancário Miguel, os outros migrantes chegaram a Florianópolis para exercer atividades em funções públicas. Como viu-se anteriormente, seguindo um movimento iniciado na década de 1930, o número de empregos públicos em Florianópolis continuava a crescer exponencialmente. A tabela XI mostra que nas décadas de 1970 e 1980 o número de pessoas empregadas em atividades públicas era bastante grande. Hilda, Claudia e João faziam parte desse número. Hilda e Claudia eram professoras da rede pública estadual e João era soldado do exército.

Existe outro elemento que merece ser destacado nessas biografias. Como se viu acima, a maior parte dos novos moradores citados chegaram à cidade já empregados. Hilda e Claudia vieram por remoção do interior de Santa Catarina para a capital e Miguel migrou devido a sua promoção dentro da hierarquia funcional do banco em que trabalhava. É importante destacar esse fato porque um dos fatores de maior tensão social entre migrantes e radicados em uma sociedade se relaciona com as disputas por vagas no mercado de trabalho. Ramos, por exemplo, enfatiza, em suas análises sobre Portugal, que um dos constrangimentos mais comuns enfrentados por estrangeiros refere-se a acusação de que o índice de desemprego estaria relacionado com a presença de migrantes no país<sup>86</sup>. Segundo ela, são nos momentos de crise econômica que esse sentimento adquire maior concretude, mesmo que na prática os imigrantes ocupem cargos que os nacionais reiteradamente recusam como, por exemplo, no caso dos empregos menos remunerados na construção civil<sup>87</sup>. A partir dessas considerações, é possível compreender algumas das razões que impulsionavam a veiculação de comentários como esses nas colunas de variedades dos jornais:

---

<sup>84</sup> Augusto. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, abr. 2011.

<sup>85</sup> Ibidem.

<sup>86</sup> Conforme a autora expressa em: RAMOS, Maria da Conceição Pereira. *Diásporas, culturas e coesão social*. In: *Eu e o outro*. Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais. BIZARRO, R. (org.). Porto: Areal Editores, 2007. p. 78-95.

<sup>87</sup> Sobre isso ver: RAMOS, Maria da Conceição Pereira. *Impactos demográficos e sociais das migrações internacionais em Portugal*. In: *Saúde, Migração e Interculturalidade*. Perspectivas teóricas e práticas. RAMOS, Natália (org.). João Pessoa: EDUFPB, 2008. p. 11-44.

Com essa estorieta toda aí em relação aos discutidos “de fora” que pra cá vieram a fim de ficar, desafiar e desempenhar em detrimento ao local, o próprio se esqueceu, até, dos eletrosuis “em semelhantes condições”, insinuam os ilhéus. Aí é que se enganam: os eletrosuis já vieram com os seus empregos garantidos – ou melhor, trouxeram o seu serviço – o que, convenhamos, é uma diferença absolutamente distinta<sup>88</sup>.

Em relação aos trabalhadores da empresa Eletrosul que residiam no Rio de Janeiro e haviam migrado para a capital catarinense, o colunista Beto Stodieck, como indica o excerto, fazia ressalvas. Ele observava que, no caso dos “eletrosuis”, termo utilizado na cidade para se referir aos migrantes que trabalhavam nessa empresa, o problema não era a disputa por vagas no mercado de trabalho. Segundo ele, os atritos se relacionavam com “...aquela empáfia de alguns, aquele pretenso ar de superioridade diante das coisas e pessoas locais...”<sup>89</sup>. Ou seja, no caso desses novos moradores, o que irritava o cronista e seus leitores eram as comparações realizadas entre o ritmo de vida existente no Rio de Janeiro e em Florianópolis que menosprezavam as opções de entretenimento existentes nessa última.

Seria possível considerar que o intenso crescimento do número de postos de trabalho em Florianópolis servisse como atenuante de tensões sociais concernentes ao mercado laboral. Todavia, em relação a um dos setores onde surgiam mais empregos, a administração pública, havia um fator que, de certo modo, atuava aguçando os conflitos. Durante a segunda metade do século XX, de forma cada vez mais frequente, foi utilizado como requisito para o ingresso na carreira pública a aprovação prévia em concurso<sup>90</sup>. Cite-se, por exemplo, as provas para o pertencimento ao quadro de servidores da UFSC. Com exceção dos professores e funcionários considerados fundadores, a entrada de funcionários e docentes na década de 1960 foi realizada, de acordo com o primeiro reitor, por meio de concurso público<sup>91</sup>.

Seja como for, no caso de migrantes como Hilda, Claudia e Miguel, não seria possível acusá-los de estar contribuindo para o acirramento das tensões no mercado de trabalho em Florianópolis. No caso desses migrantes, é possível considerar que eles teriam contribuído

<sup>88</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 set. 1978.

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Juridicamente, no Brasil, foi na constituição de 1934 que se prevê pela primeira vez o ingresso em cargo público por meio de concurso. Nas constituições subsequentes de 1937 e 1945 a legislação formulada em 1934 foi mantida e previa concurso para os cargos iniciais de carreiras públicas e para os casos em que houvesse legislação que os exigisse. Com a constituição de 1967 a legislação foi alterada: a partir de então se exigia para o exercício de qualquer função pública a aprovação em concurso, a exceção dos cargos comissionados. Na constituição de 1969, a legislação foi alterada para que nos casos de cargos organizados em carreira o concurso fosse apenas exigido na primeira investidura. As constituições até 1988 continham artigos que possibilitavam que para os cargos declarados em lei a entrada no serviço público fosse dispensável. Com a constituição de 1988 foi tornada obrigatório para a nomeação em qualquer cargo público a aprovação em concurso, a exceção dos cargos de comissão declarados em lei e passíveis de livres nomeação e exoneração. Sobre isso ver: MELLO, Celso Antônio Bandeira de. *Regime constitucional dos servidores da administração direta e indireta*. São Paulo: R. dos Tribunais, 1990.

<sup>91</sup> LIMA, João David Ferreira. *UFSC: sonho e realidade*. Florianópolis: UFSC, 1980.

justamente para o contrário. Ou seja, sua presença na cidade contribuía para a criação de postos de trabalho em diversos setores da economia. Pode-se relacionar, por exemplo, sua presença à intensa atividade da construção civil desde a década de 1970 em Florianópolis, a qual gerou muitos empregos. Um movimento no qual também seriam participantes João e Augusto.

Nesse sentido, destaque-se que após sua entrada na Polícia Militar, João conseguiu adquirir uma poupança em vista da atividade que ele exercia na corporação. Sobre o período ele recorda: *“naquela época na Polícia, eles usavam muito o policial para trabalhar para eles. Vai lá fazer um serviço para o major.... Vai lá fazer um servicinho para o sargento... ou para o tenente... Eu cheguei a ficar oito meses na casa de um capitão... Fiz casa em Itapema, Balneário... Só que eu era remunerado, me pagavam... as vezes quando não era dinheiro sabe o que eles davam pra me compensar? Me davam uma semana pra mim trabalhar pra mim. Naquela época ganhei dinheiro cara... Eu era solteiro...”*<sup>92</sup>. João adquiriu seu primeiro terreno em 1973 no bairro Capoeiras e foi nele que construiu a casa em que residia até o momento da entrevista.

A professora Claudia chegou em Florianópolis por volta de 1975 e foi viver na parte dos fundos da casa de seu irmão João e da cunhada. Suas lembranças com relação a esse período de residências não são aprazíveis: *“eu morava atrás da casa do João, mas eu não gostava. A Lígia era muito chata e me explorava. Ela me fazia de empregadinha”*<sup>93</sup>. Devido aos desentendimentos ela passou a residir em uma pensão: *“lá na pensão era bom, por causa das companhias. Mas todo o dinheiro que eu ganhava na escola que eu trabalhava ficava no aluguel: eu comia ovo todo dia e nunca comprava roupa”*<sup>94</sup>. Após viver em diversos pensionatos em diferentes partes do distrito sede de Florianópolis ela teve a chance de financiar um imóvel próprio. Em 1982 ela teria feito um trato com uma irmã que vivia em Porto Alegre para dividirem as prestações na compra de um apartamento. O imóvel, atual residência de Claudia, foi adquirido graças a um empréstimo junto a Caixa Econômica Federal e localiza-se no município de São José, conurbado a Florianópolis.

A construção da residência da professora Hilda, irmã de Claudia, se relaciona com sua história conjugal com Jairo. Nos primeiros meses de casamento, eles viviam no município de Palhoça, no bairro do Roçado, em casa do próprio Jairo. Após esse período, eles decidiram

---

<sup>92</sup> João, op. cit.

<sup>93</sup> Claudia, op. cit.

<sup>94</sup> Ibidem.



transferir-se para Florianópolis, para o bairro de Capoeiras. No ano de 1984, construíram a casa em que atualmente residem, em um terreno que Jairo possuía desde a década de 1970.

A primeira casa em que Miguel, ex-gerente do Banco do Brasil, residiu em Florianópolis localizava-se também no bairro de Capoeiras, no distrito sede. A casa ficava a uma distância muito curta da agência que gerenciava e por isso foi escolhida. Miguel adquiriu, além desse imóvel, diversos outros em Florianópolis. Destaque-se, como exemplos, um apartamento no bairro de Jurerê e uma casa no condomínio residencial Jurerê Internacional.

A casa de Augusto, ex-empresário no Rio Grande do Sul, foi adquirida no início da década de 1980. Era a residência em que viviam no momento de seu depoimento e está localizada no distrito sede, no bairro de Capoeiras. Além desse imóvel, Augusto também adquiriu uma casa na praia da Pinheira no município de Palhoça.

Como se percebe pelo que foi dito, migrantes como João, Miguel, Hilda e Augusto podem ser vistos como pessoas que contribuíram para o desempenho da construção civil em Florianópolis. Todos eles adquiriram residências no decorrer de sua permanência no município. Mas, mesmo no caso da estadia inicial em Florianópolis de migrantes como Hilda e João, em que eles não adquiriram nenhum imóvel, sua presença também pode ser vista como fator de desenvolvimento da construção civil. Isso porque estimulava a construção de imóveis com a finalidade de locação. Destaque-se, por exemplo, que o PIB no setor de atividades imobiliárias e de aluguel em Florianópolis foi o mais alto em Santa Catarina entre 1970 e 1996<sup>95</sup>. A tabela XII traz dados acerca do crescimento do número de domicílios em Florianópolis. Eles permitem que se realize mais algumas considerações sobre o impacto dos migrantes em Florianópolis.

---

<sup>95</sup> Conforme é possível verificar no anexo XIV.

TABELA XII - PERCENTUAL DE AUMENTO NO NÚMERO DE DOMICÍLIOS E DE MORADORES EM FLORIANÓPOLIS

		1950	1960	1970	1980	1991	2000
	Total	13.265	18.882 (42,3%)	26.191 (38,7%)	42.631 (62,8%)	68.463 (60,6%)	103.837 (51,7%)
Domicílios particulares e aumento percentual entre décadas	Próprios	7.619	11.390 (49,5%)	18.421 (61,7%)	30.686 (66,6%)	58.120 <sup>96</sup> (89,4%)	80.901 <sup>97</sup> (39,2%)
	Alugados	4.930	6.436 (30,6%)	5.675 (-11,8%)	9.139 (61,0%)	10.343 (13,2%)	17.717 (71,3%)
	Outra condição	716	1.053 (47,1%)	2.088 (98,3%)	2.806 (34,4%)	-	5.202 <sup>98</sup> (85,4%)
Número de habitantes	-	67.630	97.827 (44,7%)	138.337 (41,4%)	187.871 (35,8%)	255.390 (35,9%)	342.315 (34,0%)
Número de nascidos em Florianópolis	-	-	81.041	107.447 (32,3%)	119.435 (11,2%)	155.958 (30,6%)	188.897 (21,1%)
Número de migrantes	-	-	16.786	30.894 (84,0%)	68.436 (121,5%)	99.432 (45,3%)	153.418 (54,3%)
Famílias	-	-	18.898	27.632 (46,3%)	45.258 (63,8%)	72.993 (61,3%)	108.456 (48,6%)

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit. A diferença de 3 domicílios na soma dos domicílios próprios, alugados e de outra condição deve-se ao fato de haver 3 domicílios improvisados na contagem do IBGE.

A tabela acima pode ser vista como uma tradução da intensa atividade da construção civil em Florianópolis. Ela evidencia que, entre 1950 e 2000, o número de domicílios teve um incremento de 296,4% no município. Quanto a esse fato, a década de 1970 indica uma inflexão. A partir desse momento, em todas as décadas, o percentual de crescimento de domicílios foi maior do que 50%. Nesse caso, fica evidente que o aumento esteve relacionado com os contingentes migratórios que chegaram a Florianópolis. Foi na década 1970, por exemplo, período em que ocorreu a maior entrada de migrantes em Florianópolis, que aconteceu o mais alto percentual no aumento de construções (62,8%). Sendo assim, percebe-se o que foi dito anteriormente: mesmo que os migrantes não tenham comprado imóveis, contribuíam para o desempenho da construção civil pois novas residências surgiram para

<sup>96</sup> Como não existe tabela sobre os imóveis próprios fiz uma subtração do total dos imóveis pelos domicílios alugados.

<sup>97</sup> Na tabela para o Censo 2000 está a soma: 1) dos domicílios próprios já quitados (69.594) e 2) domicílios próprios ainda sendo pagos (11.307).

<sup>98</sup> Outra condição para o Censo de 2000 significa: 1) cedido por empregador (1.514), 2) cedido de outra forma (3.422) e 3) outra forma (266). Na tabela aparece a soma dessas três variáveis.

albergar o crescimento populacional. No caso dos imóveis locados, a tabela XII indica que seu número teve um aumento expressivo na década de 1970. Ele foi de 61,04% após uma redução de pouco mais de 11% nos dez anos anteriores.

Sobre a década de 1970 deve-se ressaltar que o aumento auferido pelo IBGE nesse período esteve relacionado com a quantidade de financiamentos realizados junto às instituições que compunham o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) como, por exemplo, o Banco Nacional de Habitação (BNH). Entre 1976 e 1982, por exemplo, a média anual de operações dentro do SFH foi de 409.863,71 empréstimos por ano<sup>99</sup>. Os dados sobre o número de domicílios próprios podem ser vistos como registros dessa quantidade de transações. Como a tabela XII indica, eles tiveram um aumento de 66,58% no período.

Na tabela XII, também ganham expressão os dados referentes ao crescimento do número de domicílios próprios na década de 1980, que foi de longe o maior percentual na segunda metade do século XX. Esse crescimento se destaca porque, desde o final dos anos setenta, o Brasil vivenciava um cenário de recessão econômica. A diminuição do poder de compra dos brasileiros, associada às elevadas taxas de inflação, engendraram condições que impossibilitavam a manutenção das políticas de concessão de financiamentos que existiam até então. Entre 1982 e 1983, as concessões de crédito pelo SFH diminuíram de 541.129 financiamentos habitacionais para 77.247, o que significava uma diminuição de 85,72%<sup>100</sup>. Cite-se que no ano de 1986 o Banco Nacional de Habitação foi extinto.

À luz desses acontecimentos, os dados do IBGE sugerem que, na década de 1980, uma boa parcela dos residentes de Florianópolis que não eram naturais desse município, possuía poder aquisitivo compatível com a aquisição de um imóvel. Essa consideração pode ser feita com base na observação de que o percentual de aumento dos imóveis próprios foi muito maior do que aquele dos domicílios alugados. Em 1991, do total dos registros de migrantes apresentados pelo IBGE, 30.996 diziam respeito àqueles que residiam a menos de dez anos em Florianópolis. O que significou que houve um aumento de 45,3% nessa variável entre 1980 e 1991. Esses números contrastam com os dados sobre os imóveis alugados nesse período, para os quais apresenta-se um aumento de 1.204 imóveis, o que indica um aumento de 13,2% no período.

---

<sup>99</sup> Essa média foi calculada a partir dos dados contidos no quadro 17 de: CAMPOS, Edson Telê, op. cit., p. 116. O autor resalta que o número elevado de empréstimos realizados nos anos de 1980, 1981 e 1982 diziam respeito aos financiamentos aprovados antes de 1979 e que foram aprovados no início da década de 1980. Como o objetivo nesse momento é tão somente indicar a crise do setor da construção civil, esse dado foi desconsiderado em privilégio do contraste indicado no texto que mostra a crise do SFH no início da década de 1980.

<sup>100</sup> Cálculo realizado a partir dos dados contidos em: CAMPOS, op. cit., p. 116.

A posse de um substancial poder aquisitivo por parte dessa parcela de moradores de Florianópolis, que os dados parecem indicar, também poderia ser vislumbrada a partir de números relacionados com a expansão de condomínios residências no município.

### *1.2.2. Surgimento de condomínios residenciais.*

Como foi possível perceber por meio das trajetórias de vida dos depoentes anteriormente destacados, de forma cada vez mais intensa a posse de capital econômico se fez presente na urbanização de Florianópolis. Contudo, esse processo não aconteceu de forma aleatória. Existiram forças sociais que direcionaram a expansão das áreas habitadas do município e acabaram contribuindo decisivamente para o desenho urbano que Florianópolis adquiriu.

O primeiro exemplo de direcionamento se relaciona com os projetos executados pelo poder público. Durante todo o século XX, e mesmo no período imperial, foram diversas as realizações da administração municipal e estadual que privilegiaram algumas áreas de Florianópolis em detrimento de outras. Sem nenhuma dúvida foi o distrito sede que recebeu a maior atenção dos administradores públicos. Nas décadas de 1910 e 1920 foram feitas obras no centro da cidade como a construção de uma rede de saneamento básico que ia ao encontro das aspirações da elite de Florianópolis no período<sup>101</sup>. Na década de 1970, destacou-se a construção de uma infra-estrutura capaz de albergar populações de classe média que possuíam automóvel. Foram construídas mais uma ponte, a Colombo Salles inaugurada em 1972, e realizadas obras viárias como a Via de Contorno Norte (conhecida como a avenida Beira Mar) iniciada em 1977 e completada no ano de 1982 a partir de sua conexão com as rodovias SC 401 e SC 404<sup>102</sup>.

A partir da década de 1970, concomitante às obras de infra-estrutura urbana realizadas no distrito sede, também passaram a adquirir importância investimentos públicos em outras regiões de Florianópolis. Contudo, mesmo nesse caso, algumas partes da Ilha foram privilegiadas pelos governos municipal e estadual. O caso de privilégio mais famoso se refere à pavimentação da rodovia SC 401 em direção a porção norte da Ilha. Os 28 quilômetros de rodovia foram construídos em detrimento dos balneários do sul, de onde saíam a maior parte

<sup>101</sup> Sobre isso ver: ARAÚJO, Hermetes dos Reis. *Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20*. p.102-113. In: *História de Santa Catarina*. Estudos Contemporâneos. BRANCHER, Ana (org.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

<sup>102</sup> Um histórico da construção da rede viária de Florianópolis pode ser obtido em: SUGAI, Maria Ines. *As intervenções viárias e as transformações do espaço urbano*. A via de contorno norte-Ilha. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – São Paulo, USP, 1994. Volume 1.

da produção pesqueira de Florianópolis<sup>103</sup>. Em que pese que também havia importantes colônias de pescadores na parte norte, a construção da rodovia não tinha relação com a pesca. Havia políticos de grande expressão em Florianópolis que tinham interesse na valorização imobiliária da porção norte da Ilha pois possuíam propriedades de grandes dimensões em distritos como Canasvieiras e Jurerê. Conforme alguns pesquisadores ressaltaram, a conjugação entre urbanização no Norte da Ilha de Santa Catarina e interesses privados de empresários e políticos era bastante clara. E essa proximidade influía diretamente nos projetos públicos implementados<sup>104</sup>.

Além de obras públicas como a construção de rodovias, a legislação aprovada pela câmara municipal de Florianópolis também foi decisiva para o desenho urbano que o município adquiriu. Em relação a ela, destaque-se, em vista das suas consequências, a Lei dos Loteamentos de 1974, que regulamentou a construção desse tipo de empreendimento no município. Essa lei previa que em cada loteamento uma parte fosse destinada para a utilização pública: em área urbana esse percentual deveria ser de 35% e em área rural de 45%<sup>105</sup>.

Em vista do tamanho da área destinada para fins públicos a lei teve profundas consequências no desenvolvimento urbano de Florianópolis. Destaque-se, em primeiro lugar, que o investimento no ramo imobiliário dos loteamentos se tornou pouco atrativo para capitalistas de pequeno porte. Após a promulgação da lei de 1974 ocorreu uma migração do comércio de terras da forma de loteamento para a forma de parcelamento<sup>106</sup>. Além disso, o número de loteamentos diminuiu expressivamente: de 1940 até 1974 foram feitos 233 empreendimentos desse tipo. E, entre 1975 e 2001, eles reduziram-se para 66<sup>107</sup>.

A necessidade de que fosse englobada uma grande área para que a porção a ser destinada para fins públicos não tornasse o lucro pouco atrativo exigia que fossem movimentadas grande somas de capital os quais somente poderiam ser acionados por empresas ou empresários de grande porte. Alguns dados são elucidativos quanto a isso: 87,3%

<sup>103</sup> A SC 405 que liga foi construída no final da década de 1970. Conforme indicado por: MARCON, op. cit. Pode-se obter informações sobre as comunidades em que a pesca possuía um grande papel em: CÓRDOVA, Raquel Vieira de. *Ficar em Terra*. O processo de migração de profissionais da pesca. 1 v. Dissertação (mestrado) – UFSC, Florianópolis, 1986.

<sup>104</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana* – Florianópolis 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002.

<sup>105</sup> Os loteadores deveriam destinar uma parte dos loteamentos para a construção de áreas de lazer públicas e para a construção de sistemas de circulação de pedestres e de automóveis. FLORIANÓPOLIS (SC). [Leis, decretos, etc]. *Loteamentos urbanos, desmembramentos e arruamentos*. Florianópolis: PMF, [1980?].

<sup>106</sup> Parcelamento significa a venda de uma parcela de uma propriedade para um terceiro.

<sup>107</sup> Os dados numéricos acerca dos loteamentos e desmembramentos foram retirados de: BEZERRA, op. cit.

dos loteamentos feitos entre 1940 e 1974 foram realizados por pessoas físicas. Após esse ano, esse percentual caiu para 28,8%<sup>108</sup>. Por outro lado, a participação de empresas na construção de loteamentos aumentou geometricamente. Do total de loteamentos realizados entre 1940 e 1974, foram feitos por empresas 8,6%. E, entre 1975 e 2001 esse percentual aumentou para 51,5%<sup>109</sup>.

Ou seja, tudo leva a crer que a Lei dos Loteamentos contribuiu para a emergência de uma configuração social caracterizada pela atuação de grandes empresas no ramo imobiliário em Florianópolis. A empresa Habitasul por exemplo, a maior loteadora do período e que construiu o mais famoso condomínio residencial de Florianópolis (Jurerê Internacional)<sup>110</sup>, realizou 6 loteamentos entre 1975 e 2001.

Por outro lado, também é possível considerar que a lei de 1974 criou condições jurídicas favoráveis para que, em meio ao crescimento urbano, proliferassem no município condomínios residenciais construídos em loteamentos. Entre o primeiro projeto (construído em 1978) e o ano de 2000 foi aprovada a construção de 107 condomínios em Florianópolis<sup>111</sup>. Mas, no caso do desenvolvimento urbano ligado a construção de condomínios, se devem destacar também a atuação de outros dois fatores.

Em primeiro lugar, deve-se considerar sua expressiva quantidade como reverberação local de um fenômeno de grande amplitude que adquiriu forma a partir da década de 1980. As cidades brasileiras, desde o período imperial, estavam longe de constituir-se em modelos de urbanização<sup>112</sup>. Contudo, em vista da concentração populacional nas urbes, a intensidade dos problemas sociais e urbanos nelas existentes adquiriram dimensão inédita nas últimas décadas do século XX. Sua expressão maior eram a grande quantidade de sequestros, assaltos e

<sup>108</sup> Esses cálculos foram realizados a partir dos dados disponíveis em: Bezerra, op. cit. De 1940 até 1974 dos 232 loteamentos realizados, 207 foram realizados por pessoas físicas. De 1975 até 2001 dos 66 loteamentos realizados, 19 loteamentos foram feitos por pessoas físicas.

<sup>109</sup> Esses cálculos foram realizados a partir dos dados disponíveis em: Bezerra, op. cit. De 1940 até 1974 dos 232 loteamentos realizados, 20 foram realizados por empresas privadas e de 1975 até o ano 2001 dos 66 loteamentos realizados, 34 foram realizados por empresas privadas.

<sup>110</sup> A empresa Habitasul foi fundada no ano de 1967 em Porto Alegre. E é nessa cidade que funciona seu escritório central. Informações obtidas em: HABITASUL. [SITE]. Apresenta informações sobre essa empresa. Disponível em: < <http://www.habitasul.com.br/> >.

<sup>111</sup> GEBARA, Marila Filártiga. *A difusão espacial dos condomínios residenciais horizontais fechados em Florianópolis - SC*. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Florianópolis, UFSC, 2008.

<sup>112</sup> Conforme ressaltou Maricato, não é a falta de planejamento que explica a sensação de desorganização vivenciada nas cidades brasileiras. Pelo contrário: a história brasileira esteve repleta de exemplos de situações em que foram construídos e aplicados projetos urbanísticos. Contudo, sempre primaram pelo privilegiamento das elites sociais. In: MARICATO, Erminia. *As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias*. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3.ed Petrópolis: Vozes, 2002.

homicídios<sup>113</sup>. Diante da crescente sensação de insegurança ocorreu, conforme analisou Caldeira, a naturalização de práticas de privatização do espaço público levando a sua fragmentação e a segregação dos diferentes grupos sociais. O reflexo urbano dessa lógica, em São Paulo, foi a proliferação de condomínios residenciais fortificados que se constituíram em verdadeiros enclaves dentro dessa cidade<sup>114</sup>.

A lógica acima apontada esteve presente em Florianópolis desde a construção dos primeiros condomínios residenciais. Lohn, por exemplo, indicou que a linguagem midiática que descrevia a vida nas grandes cidades como uma espécie de guerra civil também foi utilizada pela imprensa de Florianópolis. Ele identificou no início da década de 1980 o mesmo tipo de descrição marcado pela idéia de insegurança social<sup>115</sup>. Ainda nesse sentido, recorde-se que uma boa parte dos migrantes de Florianópolis eram provenientes de grandes cidades brasileiras onde os níveis de violência urbana eram muito maiores do que nesse município. Sejam delimitados por muros, sejam vigiados por sistemas de segurança, o fato é que os condomínios horizontais acenavam aos possíveis compradores com a possibilidade de viver em um espaço sem os inconvenientes da falta de planejamento urbano e sem o perigo da criminalidade. Com base no número dos condomínios construídos em Florianópolis, pode-se considerar que esse apelo tenha tido sucesso. Isso porque foi exatamente na década de 1980 que surgiu o maior número de empreendimentos residenciais desse tipo. Entre 1970 e 1979, haviam sido aprovados 3 projetos de condomínios, no período de 1980 a 1989 foram 68 e nos anos noventa esse número reduziu-se para 36<sup>116</sup>.

Além da lógica acima destacada, também pode ser identificada a presença de outros elementos no processo de expansão de condomínios residenciais em Florianópolis. Eles se referem com o estabelecimento de uma relação entre moradia em condomínio fechado com distinção social. A vida em residenciais era associada, pelas estratégias de marketing, a um estilo de viver que conjugaria as facilidades da modernidade com a proximidade da natureza bucólica. Nesse sentido, a residência em um desses empreendimentos atestaria a posse de uma forma aprimorada de ser que estaria sintonizada àquelas portadas pelas pessoas residentes nos

---

<sup>113</sup> MARICATO, Erminia. *Metrópole, legislação e desigualdade*. Estud. av.[online]. 2003, vol.17, n.48, pp. 151-166.

<sup>114</sup> A autora defende a tese de que existiria no Brasil uma democracia disjuntiva. Ela seria consequência da dissociação entre o crescimento da liberdade política após o final do regime militar e a falta de instrumentos que assegurassem uma efetiva cidadania a boa parte dos brasileiros. In: CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP: Ed. 34, 2000.

<sup>115</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Espaço urbano brasileiro: entre a ditadura e a democracia - o caso de Florianópolis, SC (1964-1990)*. *Estud. hist. (Rio J.)* [online]. 2011, vol.24, n.47, pp. 162-181.

<sup>116</sup> GEBARA, op. cit.

centros mais cosmopolitas. Adjetivos como “internacional”, no caso de Jurerê Internacional, faziam referência a isso, e pretendiam distinguir o empreendimento localizado no bairro de Jurerê<sup>117</sup>.

Na década de 1990, a associação entre residência em condomínio fechado com pertencimento a um clube particular foi intensificada. Naquele momento, Florianópolis inseria-se com intensidade no circuito internacional do *city marketing*. Nesse tipo de *marketing*, no qual as cidades são vistas como um produto inserido nas relações de mercado, o objetivo é torná-las atrativas para possíveis consumidores. Sejam eles novos moradores com alto poder econômico, turistas ou investidores. Desse modo, são construídas propagandas que procuram mostrar a especificidade de uma cidade frente a tantas outras que também disputam fluxos internacionais de capital<sup>118</sup>. No caso do *city marketing* em torno de Florianópolis, as estratégias propagandísticas sobre o condomínio Jurerê Internacional são exemplares. A moradia nesse residencial tornou-se sinônimo da conjugação entre calor das praias brasileiras com o mais elevado padrão de vida e de entretenimento<sup>119</sup>. Revistas comparavam a vida em Jurerê Internacional com aquela vivida em lugares como Ibiza, na Espanha, e Saint-Tropez, em França, com a vantagem de que nela “as pessoas são menos exibidas”<sup>120</sup>.

A partir do que foi dito acima, pode-se perceber que não era sem razão que a maior parte dos condomínios de Florianópolis das décadas de 1980 e 1990 foram construídos em

<sup>117</sup> SIQUEIRA, Marina Toneli. *Entre a prática e o discurso: a formação de espaços simbólicos na Florianópolis contemporânea*. Tese (doutorado em Arquitetura) – São Paulo, USP, 2008. p. 173.

<sup>118</sup> DUARTE, Fábio; CZAJKOWSKI JUNIOR, Sérgio. *Cidade à venda: reflexões éticas sobre o marketing urbano*. *Rev. Adm. Pública*. 2007, vol.41, n.2, pp. 273-282.

<sup>119</sup> LENZI, Maria Helena. *Das imagens, a ausência: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis*. Dissertação (mestrado em Geografia). Florianópolis, UFSC, 2010.

<sup>120</sup> A indicação de Jurerê Internacional como expressão de um modo de desenvolvimento urbano em que se faz presente com intensidade os condomínios residenciais leva em conta o apelo simbólico que esse empreendimento possuiu e possui em Florianópolis. A revista de maior circulação nacional no Brasil, por exemplo, publicou em 19 de setembro de 2007 uma reportagem sobre o empreendimento que possuía como título: “Viva la vida mansa”. E seguia descrevendo: “Jurerê é o condomínio ideal: os moradores se conhecem, a segurança funciona, as casas são bonitas e as mulheres mais ainda”. In: VEJA. São Paulo, ed. Abril. 19 de set. 2007. Destaque-se ainda que, Jurerê Internacional não foi o primeiro condomínio residencial de Florianópolis. O primeiro condomínio foi feito em 1978, na Lagoa da Conceição, com 7 lotes, e área de 5.760 m. De acordo com: GEBARA, op. cit. Outra estratégia de marketing amplamente explorada na mídia no final do século XX e início do século XXI se referia com a idéia de que os habitantes de Florianópolis possuiriam uma excepcional qualidade de vida. Quanto a isso, deve ser mencionado o fato de que no ano de 2000, Florianópolis foi apontada pela ONU como a capital brasileira com melhor qualidade de vida. Contudo, conforme mostraram no período os pesquisadores do CECCA, esse título era questionável porque para essa escolha somente foram levados em conta três indicadores: o alfabetismo, o PIB per capita e a esperança de vida ao nascer. Outros indicativos como a abrangência da rede de saneamento básico, a degradação ambiental e a qualidade do transporte público não eram levados em conta pela ONU. Sobre isso ver: CECCA (Centro de Estudos Cultura e Cidadania). *Qualidade de vida e cidadania*. A construção de indicadores socioambientais da qualidade de vida em Florianópolis. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.



áreas próximas as praias<sup>121</sup>. Entre 1980 e 1989, de um total de 68 residenciais, 58 foram construídos em área de balneário, e de 1990 até 1999, dos 36 projetos aprovados 28 localizavam-se perto da orla<sup>122</sup>. Ou seja, de forma cada vez mais intensa, não apenas a posse de um elevado poder aquisitivo marcava a constituição do espaço urbano de Florianópolis. Mas também existia, por parte dos novos residentes nos condomínios, o compartilhamento dos valores expressos no *marketing* sobre o município.

Essa dinâmica de diferentes elementos contribuintes para o desenho urbano de Florianópolis pode ser associada àquilo que Bourdieu caracterizou como processo de reificação do espaço social. Esse conceito se constitui em uma tentativa do autor em observar de que modo as desigualdades sociais se inscrevem no espaço urbano<sup>123</sup>. Para o autor a relação é clara: o desenho citadino traduz as diferenças nos diferentes tipos de capital portados pelos agentes sociais<sup>124</sup>. Isso porque a essas diferenças estão associados determinados *habitus* que contribuem para que pessoas ocupantes de uma mesma posição social ajam de maneira semelhante<sup>125</sup>. Sem ser determinante, o *habitus* condicionaria, por exemplo, o consumo. E, no caso do plano urbano, repercutiria na compra de determinados estilos arquitetônicos<sup>126</sup> e, principalmente, na localização das residências.

Com base nas considerações de Bourdieu, pode-se considerar que os condomínios acenavam para os possíveis compradores com a chance de multiplicar dois aspectos de seu capital global<sup>127</sup>: o capital social e o capital simbólico<sup>128</sup>. Em meio ao crescimento urbano de

<sup>121</sup> Dados retirados de: GEBARA, op. cit., p. 61.

<sup>122</sup> GEBARA, op. cit. p. 68 e p. 70.

<sup>123</sup> Conforme Bourdieu examinou, de forma similar a dinâmica da reprodução de capital econômico, também outras propriedades dos agentes sociais podem ser enxergados como capital. Como no caso de uma certa quantidade de dinheiro que quando investido com vistas na sua reprodução se torna capital, também existem outros tipos de investimento que permitem a reprodução das desigualdades sociais. Dentre essas outras propriedades teorizadas por Bourdieu cite-se o capital cultural, social, político, simbólico e o já citado capital econômico. As desigualdades sociais estão relacionadas com as disparidades na posse desses diversos tipos de capital. Conforme diversos textos de Bourdieu, como por exemplo: *O Capital Social*: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis, 1998: Vozes. BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas, Papirus: 1996.

<sup>124</sup> BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>125</sup> O conceito de *Habitus* pretende interpretar quais os fatores que contribuem para que os agentes sociais ajam de uma determinada maneira. O *habitus* não possui valor social em si mesmo, eles somente adquire esse valor quando é percebido dentro de um sistema que o classifica enquanto algo que merece ou não ser considerado nobre. Conforme: BOURDIEU, Pierre. *A gênese dos conceitos de habitus e campo*. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>126</sup> Durante a década de 1990, a Habitasul contratou um novo escritório de arquitetura responsável pela aprovação das construções em Jurerê Internacional. Com sede nos Estados Unidos, as construções que surgiram a partir daí diferenciavam-se pela majestuosidade das primeiras construções do condomínio realizadas na década de 1980. In: SIQUEIRA, op. cit., p. 116.

<sup>127</sup> Capital global é um termo utilizado por Bourdieu para fazer referência a posse por um mesmo agente social dos diversos tipos de capitais.

Florianópolis, a residência em um condomínio era uma possibilidade de distinguir-se socialmente. Além disso, sugeria a posse de um estilo de vida visto como sofisticado e permitia ao seu morador a residência nas proximidades de pessoas com condição social semelhante a sua.

### *1.2.3. Relações entre modernidade e urbanização.*

Em “As consequências da modernidade”, Giddens examina qual seriam as principais diferenças das sociedades tradicionais em comparação às modernas. Para ele, as primeiras seriam caracterizadas pela grande valorização de práticas sociais e culturais associadas pelos indivíduos nelas englobados aos seus antepassados. Essa importância traria consigo expectativas quanto à continuação dessas práticas e projetaria nos seus descendentes essa responsabilidade. No caso das sociedades modernas, processar-se-ia o contrário. Essas seriam caracterizadas pela alta frequência com que as pessoas nelas albergadas seriam colocadas diante de tecnologias que velozmente se tornariam obsoletas e de informações que rapidamente seriam consideradas ultrapassadas. Esse cenário impingiria as pessoas a possuir uma forma altamente reflexiva de vida que as levaria a examinar incessantemente seus comportamentos e sentimentos à luz das imensas quantidades de informações que recebem todos os dias<sup>129</sup>.

Diante dessa diferenciação realizada por Giddens, não é difícil identificar momentos na história de Florianópolis em que seus habitantes se viram diante de situações que os fizeram examinar suas formas de ser, pensar e viver e que por isso tiveram um forte caráter modernizante. Cite-se, no início do século XX, os já mencionados acontecimentos das décadas de 1910 e 1920 concernentes à construção de uma rede de saneamento básico na área central da cidade. Permeada por uma concepção higienista, que colocava em rota de colisão conhecimentos científicos e populares acerca do modo como se contraíam doenças, a burguesia local lançou um olhar novo sobre a população de condição social mais frágil<sup>130</sup>. Essas pessoas passaram a ser identificadas como a principal contribuinte para a existência de epidemias na cidade. Essa percepção justificava a imposição de práticas médicas frente a

---

<sup>128</sup> Capital simbólico é, grosso modo, uma medida do prestígio e da reputação possuído por um agente social. No caso positivo, a posse de capital simbólico permite o reconhecimento imediato de uma posição de preeminência em um determinado campo social. No caso negativo, sua posse empresta ao agente social uma imagem negativa no mesmo campo social.

<sup>129</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

<sup>130</sup> ARAÚJO, Hermes dos Reis. *A invenção do litoral*. Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, São Paulo, 1988.

população carente que nem mesmo entre os burgueses eram consensuais como no caso da vacinação para algumas doenças<sup>131</sup>. Perante esse cenário de modernização, os agentes sociais do período se acomodaram a partir de ações segregacionistas de reurbanização aplicadas nos grandes centros brasileiros. Às classes populares vedou-se o acesso ao centro urbano de Florianópolis por meio de sua exclusão de algumas áreas como, por exemplo, o rio da Bulha, ocupadas por elas desde longa data.

Ainda na primeira metade do século XX, é possível citar como movimento modernizante a expansão do uso de veículos automotores para o transporte público em Florianópolis. Até a década de 1930, a locomoção de passageiros nessa cidade também era realizada por bondes com tração animal que haviam sido importados no século XIX. Contudo, paulatinamente esse meio de transporte passou a ser visto pelas elites locais como motivo de vergonha. Ela se originava do fato de que outras cidades brasileiras como o Rio de Janeiro já faziam uso de meios de transporte muito mais sofisticados como, por exemplo, os bondes elétricos. O desejo de modernização nos transportes teve momentos de grande intensidade: o bonde com tração animal foi jogado no mar pelos alunos do colégio mais elitista de Florianópolis no ano de 1934<sup>132</sup>. Ainda com relação ao uso desse transporte público, destaque-se que a acomodação à nova configuração em que ele se fazia presente não foi simples. Não apenas a falta de costume à velocidade dos veículos teria sido motivo para acidentes, como também a inabilidade de seus condutores<sup>133</sup>.

Outro momento com forte conotação de modernidade aconteceu com a verticalização do centro urbano de Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970. Até esse período, o perímetro central do distrito sede era caracterizado por um casario do século XIX e por prédios em *art-decô* construídos durante a primeira metade do século XX<sup>134</sup>. A partir do final da década de 1950, em meio a política nacional-desenvolvimentista, um novo olhar foi lançado sob essas construções. Elas passaram a ser entendidas como entraves para o desenvolvimento econômico da cidade o que justificava sua destruição. As propagandas nos jornais sobre os imóveis depreciavam o casario na área central de Florianópolis e faziam louvores aos novos empreendimentos que se erguiam. Em fotos estampadas nos jornais, esse *marketing* associava

<sup>131</sup> CHALHOUN, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1996.

<sup>132</sup> VEIGA, Eliane Veras da. *Transporte coletivo em Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira-mar*. Insular, Florianópolis, 2004.

<sup>133</sup> COSTA, Sandro da Silveira. *Os transportes motorizados em Florianópolis: percepções e sensibilidades cotidianas (1920-1941)*. Tese (Doutorado em História) – Florianópolis, UFSC, 2010.

<sup>134</sup> VIANA, Alice de Oliveira. *A persistência dos rastros: manifestações da art déco na arquitetura de Florianópolis*. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Florianópolis, UDESC, 2008.

o ato de comprar um apartamento a uma demonstração de carinho para com a família<sup>135</sup>. Pode-se considerar que uma boa parte dos agentes sociais bem posicionados acomodaram-se a essa modernidade comprando apartamentos em prédios de vários andares. Isso porque ocorreu um aumento expressivo no número de edifícios com mais de quatro pavimentos: até 1960 existiam dez edifícios com mais de quatro andares em Florianópolis e, entre 1961 e 1980, esse número aumentou para 168<sup>136</sup>.

Como é possível perceber nos exemplos acima, em diversos momentos da história de Florianópolis uma parte de seus moradores foi levada a examinar seus modos de ser, viver e de pensar à luz de novas informações e tecnologias. E é com base em transformações como essas, que Pereira ressalta que Florianópolis não viveu um processo de modernidade continuada, mas sim ondas de modernização no decorrer do século XX<sup>137</sup>. Nos casos anteriormente destacados, o agrupamento das transformações vivenciadas poderiam ser percebidas, à luz das considerações de Pereira, como ondas de modernização vivenciadas pela elite da cidade.

Conforme examinado nesse capítulo, pode-se observar que, a partir da década de 1970, as pessoas residentes em Florianópolis viram-se diante de um acontecimento que contribuiu para que elas examinassem intensamente as referências sociais e culturais existentes no município. Ele se relacionou ao expressivo crescimento populacional associado, em particular, com a intensa migração vivenciada. Levando em conta a caracterização de Pereira, seria possível associar esse aumento de habitantes a mais uma onda de modernização em Florianópolis. Contudo, em vista da expressiva quantidade de pessoas envolvidas, poder-se-ia atribuir um caráter diferente a essa nova onda modernizante. Seguindo a indicação de Bauman, seria possível pensá-la como uma modernidade em que os processos de transformação social e cultural teriam se acelerado<sup>138</sup>.

Levando em conta as análises empreendidas anteriormente, pode-se considerar que o crescimento populacional de Florianópolis foi modernizante e acelerado. Por um lado, ele contrastou antigas e novas formas de viver no município, que puderam ser percebidas pelo surgimento de novos tipos de moradia. Nesse caso, a expressão maior foram os condomínios

<sup>135</sup> SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas*, em Florianópolis, de 1950 a 1970. Tese (doutorado em História). Porto Alegre, UFRGS, 2005.

<sup>136</sup> NEUMANN, Clóvis. *Quadra nuclear multiuso: uma proposta de projeto de quadra: objeto de estudo: centro urbano de Florianópolis/SC*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Florianópolis, UFSC, 2003. p. 149.

<sup>137</sup> PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização* (Um estudo de Modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, [19- ].

<sup>138</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

residenciais. Por outro lado, esse movimento aconteceu de forma bastante brusca, uma vez que, como visto no decorrer deste capítulo, a Ilha foi literalmente loteada em um curto período de tempo.

Para o bem ou para o mal, essa condição social associada ao ímpeto de modernização obrigou as pessoas residentes no município a se manifestarem. Nos próximos capítulos serão examinados de que forma os cronistas e colunistas de variedades da imprensa escrita de Florianópolis se posicionaram diante das transformações acontecidas.

## 2. Novos tempos, novas pessoas, um novo município

E assim como a cidade é dada a humores  
diversificados, devido, principalmente à  
inconstância dos ventos, o seu habitante possui  
também as mesmas características. Um dia ele  
é uma coisa, outro dia já é diferente.

Raul Caldas Filho. Cronista.

Conforme visto no primeiro capítulo, Florianópolis vivenciou um ímpeto de modernização relacionado a seu crescimento populacional. Tendo em vista que esse movimento colocou em contato novas e antigas formas de ser e de viver na cidade, seria de esperar que ele não fosse visto de forma positiva por alguns moradores de Florianópolis. E, de fato, muitos entendiam que a cidade teria se tornado um lugar menos agradável para se viver. De uma cidade em que a *“comunidade se comunicava efusiva e amiga”* passava-se a viver em outra na qual em meio a variedade de pessoas *“aproveita-se e deixa de cumprimentar quem não está afim”*<sup>139</sup>.

O fundamento desse capítulo é destacar uma oposição surgida em Florianópolis na qual seus moradores apareciam divididos em dois grupos. Um primeiro, identificado por termos como manés, ilhéus ou nativos, e que fazia referência às pessoas nascidas no município ou nele radicadas desde longa data. O segundo grupo, referido por meio de designativos como forasteiros, haoles<sup>140</sup> ou estrangeiros, associava-se aos migrantes de Florianópolis.

O objetivo desse capítulo é mostrar que, apesar de intensa, essa oposição não se desenvolvia em termos binários, ou seja, entre um *nós* e um *outro*, pois o que existiam no município eram agentes sociais em meio a diversas dinâmicas socioculturais. Nos momentos em que essa oposição se manifestava se fazia presente um raciocínio que desconsiderava todos os movimentos de interculturalidade existentes em Florianópolis.

O capítulo inicia-se indicando as posições teóricas norteadoras das análises dos processos de contato e de interação social que são realizadas nessa tese. São discutidos alguns conceitos que permitem compreender algumas das razões que contribuíram para o surgimento

<sup>139</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 fev. 1986.

<sup>140</sup> Haoles significa estrangeiro em havaiano, termo utilizado para designar os visitantes do arquipélago do Havaí que por algum motivo são considerados invasores. Ele é especialmente utilizado entre os surfistas daquele estado norte-americano para referir-se a surfistas de outros países que para as ilhas havaianas se dirigem em busca das famosas ondas que ali existem.

da visão dicotômica sobre a estrutura demográfica de Florianópolis. São analisadas também as dificuldades de sustentação dessa ideia binária, tendo em vista a presença de diversos segmentos sociais e culturais na cidade. Esses segmentos são identificados em um item específico que pretende fornecer um quadro socioeconômico e sociocultural da sociedade que foi objeto das análises, dos comentários e das observações dos cronistas e dos colunistas.

Na sequência, é discutido o que significa ser um cronista e um colunista de variedades e qual seu papel social no jogo político dos formadores de opinião no qual a imprensa ocupa um lugar de destaque. Nessa discussão é dedicado especial espaço para a caracterização dos cronistas e colunistas de cujos escritos foram retiradas as informações examinadas nesse trabalho sobre as transformações ocorridas em Florianópolis. Essa caracterização é feita observando-se o tipo de jornalismo que realizavam em função da época em que viviam e por meio de comparações com as demais formas de escrita jornalística.

Por fim, o capítulo examina como e quando a nova Florianópolis, a conhecida *Floripa*, assim designada a partir da década de 1970, é retratada pelos cronistas e pelos colunistas de variedades. Esse exame é realizado por meio do acompanhamento de seus discursos sobre as transformações havidas no município as quais foram vistas como as que melhor delineariam a emergência da nova cidade. Por conta disso, o capítulo termina analisando a presença de visitantes e migrantes em Florianópolis pois os cronistas e colunistas de variedades deram a eles grande ênfase em suas observações cotidianas.

## 2.1. Que oposição é essa?

Desde a década de 1970, manifestou-se na imprensa que circulava em Florianópolis uma visão que dividia seus moradores em dois grupos. Em 1974, o colunista Beto Stodieck assim descrevia o que considerava ser uma afronta: *“é claro que é permitido vir, trabalhar, até se divertir (afinal, muitos são os ilhéus que vão se divertir no continente) mas dizer que a Ilha é deles também, é pura pretensão”*<sup>141</sup>. Em 1987, o seguinte trecho de uma reportagem publicada no jornal O Estado mencionava: *“Florianópolis exala o cheiro forte destas duas características: a defesa do tradicional, um certo ufanismo e espírito bairrista de quem mora no paraíso e a repetição de modelos produzidos pela metrópole”*<sup>142</sup>. No início da década de 1990, outra reportagem, dessa vez publicada no Diário Catarinense, assim exprimia: *“Botas ou chinelos de dedo? Peixe com pirão ou picanha lambuzada na farinha de mandioca?”*

<sup>141</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 6 dez. 1974.

<sup>142</sup> O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1988. p. 10.

*Istepor*<sup>143</sup> ou barbaridade? Saci Pererê ou Boi de mamão? Cultura gaúcha ou açoriana? Se depender do NEA<sup>144</sup> (...), a capital e todo o litoral catarinense devem passar a cultuar suas origens açorianas”<sup>145</sup>. No final da década de 1990, o jornal A Notícia expressava: “Com tantos ‘forasteiros’ habitando a cidade, muitos moradores naturais de Florianópolis sentem-se invadidos e ressentidos com a presença de tanta gente de fora”<sup>146</sup>. Já no século XXI, em 2006, o jornal Diário Catarinense voltava a dar atenção ao tema: “Conquistar um lugar ao sol, nas areias de Florianópolis é fácil. No mar, a coisa muda de figura. Quem quiser pegar onda em alguns pontos da Ilha tem que seguir algumas regras, sob o risco de nem molhar a prancha”<sup>147</sup>.

Como se percebe a partir dos excertos destacados, a visão binária da estrutura demográfica de Florianópolis surgia como uma tentativa de explicação dos conflitos culturais que aconteciam no município. Essa visão adquiria forma mais concreta quando eram abordados pela imprensa casos de agressão. O jornal A Notícia dava destaque, em 1999, a um estudo feito por pesquisadores da UFSC: “A xenofobia demonstrada por parte da população da capital precisa ser monitorada para que não se agrave”<sup>148</sup>. Anos mais tarde, era o jornal O Globo quem dava destaque a agressão sofrida por um garoto em uma festa no distrito da Lagoa da Conceição. O sujeito entrevistado pela reportagem assim teria se manifestado: “Um sujeito chegou perto e perguntou se éramos ‘haoles’. A gente nem sabia direito o que era isso. Logo depois, um deles deu um soco no nariz do meu irmão”<sup>149</sup>. No ano de 2008, o jornal Diário Catarinense também abordava outro caso extremo: “Integrantes de um grupo que estava no posto teriam insultado Gotardo por ele estar usando bombacha e botas. Na discussão, Gotardo saiu do carro e foi agredido com uma lata de cerveja no rosto. Segundo Anastácia, com o golpe, o marido caiu no chão e foi espancado”<sup>150</sup>.

Como é possível perceber a partir das reportagens acima, havia razões para a imprensa sugerir a existência em Florianópolis de uma espécie de guerra envolvendo moradores da cidade desde longa data e novos residentes ou visitantes. Os termos utilizados para descrevê-la eram bastante intensos: insultos, agressões e espancamento. Além disso, a amplitude dos

<sup>143</sup> Palavra utilizada para designar, por exemplo, o indivíduo que atrapalha o andamento de uma determinada ação.

<sup>144</sup> NEA é a sigla do Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>145</sup> DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

<sup>146</sup> A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999.

<sup>147</sup> DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 17 jan. 2006.

<sup>148</sup> A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999.

<sup>149</sup> O GLOBO. Rio de Janeiro, 21 nov. 2004.

<sup>150</sup> DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 5 jun. 2008.



conflitos era ressaltada: desde situações envolvendo surfistas até casos em que frequentadores de Centro de Tradições Gaúchas foram agredidos.

Entretanto, havia uma consequência direta na explicação das tensões socioculturais existentes a partir de uma visão em que Florianópolis surgia dividida em dois grupos. Ao mesmo tempo em que essa oposição era eficaz para demarcar a existência dos conflitos, ela terminava por reduzir a complexidade sociocultural existente ao deixar de mencionar a existência de diversos outros agentes e processos sociais existentes no município. Complexidade que poderia ser vista, por exemplo, nas próprias páginas dos jornais considerando a profusão de termos utilizados para reportar os conflitos culturais que aconteciam. Por um lado era dado destaque a nativos, açorianos, local, manés, florianopolitanos, desterrenses, manezinhos e, por outro, haoles, estrangeiros, forasteiros, invasores, de fora. Ou seja, a grande quantidade de designações era indício de um esforço em cobrir o universo dos moradores de Florianópolis o qual, devido a presença de uma visão que dividia a cidade em dois grupos, se mostrava pouco eficiente.

As considerações acima realizadas podem ser tomadas como ponto de partida para uma leitura que considera a intensidade da “guerra” retratada pela imprensa, mas ressalta que ela não se desenvolvia em termos binários: entre um nós e um outro. Por esse olhar, o que existiriam eram agentes sociais que procuravam ocupar um espaço social e simbólico em meio a diversas transformações culturais que aconteciam no município. Uma procura certamente caracterizada por tensões e conflitos socioculturais, mas onde se faziam presentes diversos processos que uma visão dicotômica negligenciava. Um exame pautado em pesquisas sobre a história recente do município à luz da obra de alguns estudiosos permite perceber que processos sociais a visão dicotômica sobre Florianópolis indicava, assim como permite identificar aqueles que eram ignorados quando essa dicotomia se manifestava.

Quanto a primeira questão é possível identificar dois processos de interação social. Levando em conta as considerações de Barth, autor que entende que as identidades surgem inextricavelmente associadas a contrastes<sup>151</sup>, a visão dicotômica seria indício de um forte contraste cultural em Florianópolis. A emergência dessa visão poderia ser vista como consequência dos intensos processos de atribuição de sentido realizados por parte dos agentes sociais que interagiam em meio ao crescimento da população do município. Nesse caso, sua

---

<sup>151</sup> BARTH, Fredrick. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

forma indicaria quais as características que foram selecionadas na formação dos grupos simbólicos que se comportavam como pares opostos. No caso de uma das reportagens anteriormente citada, essa seleção era evidente: *“Botas ou chinelos de dedo? Peixe com pirão ou picanha lambuzada na farinha de mandioca? Istepor ou barbaridade? Saci Pererê ou Boi de mamão?”*.

Ainda com relação à visão dicotômica, mas levando em conta o olhar de Elias, ela poderia ser entendida como indício da existência de agentes sociais em Florianópolis que sentiram-se ameaçados na posição social que ocupavam no município em meio ao intenso crescimento populacional que nele se fazia presente. A resposta dada a essa ameaça seria o aparecimento de uma fronteira identitária que deixaria em suspenso diferenças sociais, culturais e econômicas e apelaria para aquilo que era considerado um denominador comum em Florianópolis: o nascimento no município<sup>152</sup>. Destaque-se, nesse sentido, as palavras do colunista Cacau Menezes publicadas em sua coluna de variedades no ano de 1998: *“Acorda Floripa. Vamos reagir. Limitar o poder dos forasteiros é fundamental, antes que nos descaracterizemos por total. É preciso respeito. Nós somos tolos, mas não muito como pensam alguns forasteiros”*<sup>153</sup>.

A visão binária sobre a estrutura demográfica de Florianópolis presente na imprensa permite que se vislumbrem características de interação social como aquelas mencionadas acima. Contudo, como dito anteriormente, a ênfase na dicotomia encobria outras lógicas dos contatos culturais e que aconteciam no município as quais passavam ao largo da visão que colocava em campos opostos florianopolitanos e migrantes. Essas lógicas podem ser vislumbradas a partir da indicação da existência de múltiplas identidades em Florianópolis e dos processos de identificação e hibridismo cultural que tinham lugar no município.

Tendo em conta que uma das características das identidades é a existência de coesões sociais dadas por interesses compartilhados, é possível considerar que uma maior quantidade e variedade de demandas socioculturais favorece uma multiplicação de identidades<sup>154</sup>. A partir de Hall, é possível perceber que nos lugares em que esse movimento é observado, as

<sup>152</sup> Consideração realizada a partir de: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>153</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

<sup>154</sup> Conforme destacado por Gupta e Ferguson para que exista coesão social em torno de uma representação identitária é necessário que os indivíduos percebam que sua união seja acompanhada da conquista de algum benefício que eles não conseguiriam caso permanecessem isolados. Caso contrário, o sentimento de grupo sofre um abalo o que pode levar a sua dissolução, ou então, ao desejo das pessoas transferirem-se de um para outro grupo cujo ingresso é visto como mais vantajoso. Conforme: GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da "Cultura": Espaço, Identidade e Política da Diferença*. p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O Espaço Da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

identidades tenderam a adquirir um caráter político. O que significa dizer que as pessoas passaram a fazer uso delas conforme sua conveniência. Assim, se em um momento elas filiam-se a uma identidade, em outro essa identidade pode ser posta de lado devido a presença de outros interesses<sup>155</sup>. Uma situação em que é possível perceber essa espécie de jogo, designado por Hall como uma “dança das cadeiras das identidades”, pode ser vislumbrado no seguinte excerto escrito pelo colunista Beto Stodieck no final do regime militar. O excerto é grande, mas vale a pena ser citado na íntegra:

Mesmo que não queira, o ilhéu tem presenciado diariamente manifestações de funcionários públicos (ou seja, do seu próprio meio de sobrevivência), dos professores universitários, dos estudantes e, ainda, dos “sem terra”.

Seria uma invasão de bárbaros à ilha da fantasia?

Fatos fresquinhos como a derrubada inglória de uma casinha na Praia do Forte, denunciada e criticada por todos os setores conscientes do estado, provam que não.

Problemas sempre existiram. Mas agravaram-se de tal modo, que saíram dos gabinetes, dos pedidos às autoridades e foram pra ruas e praças – caiu, a contragosto, na diária do povo.

Trata-se de uma maneira democrática e saudável de protestar, de uma pressão que “nossas autoridades” não podem fechar os olhos e pensar que não é com elas...

Além, está na hora de mostrarmos que somos apenas ilhéus. E não ilhados...<sup>156</sup>

Como se pode perceber no excerto acima, a visão que dividia os moradores em nascidos e não-nascidos na Ilha de Santa Catarina é acompanhada por outra mais plural e complexa na qual se exprimiam diversas coletividades. Nela são mencionados diferentes segmentos sociais como, por exemplo, professores, estudantes e funcionários públicos. Seguindo a indicação de Hall antes mencionada, fica evidente que a ideia bi-polarizadora de cidade entrava em colapso frente a existência de reivindicações sociais e culturais compartilhadas tanto por pessoas nascidas como não nascidas em Florianópolis.

A existência de uma multiplicidade de demandas sociais tem sido destacada por autores como Bauman para salientar o quanto tem se tornado ineficiente a construção de representações identitárias que tenham como finalidade albergar um número grande de pessoas. Isso tem acontecido porque as identidades não tem conseguido conjugar aspirações de diferentes e inúmeros atores sociais o que impossibilita uma identificação eficiente deles perante elas<sup>157</sup>. Em se tratando de Florianópolis, pode-se destacar um caso em que isso ocorreu e que esteve relacionado ao termo *manezinho da ilha*, utilizado até recentemente para designar de forma pejorativa os habitantes da parte rural do município. Na década de 1980, durante a edição do Concurso Troféu Manezinho da Ilha, que pretendia homenagear pessoas portadoras de costumes considerados típicos em Florianópolis, o termo foi utilizado pela

<sup>155</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

<sup>156</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 28 jul. 1984.

<sup>157</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2005.

primeira vez de forma positiva. Para seus organizadores, ser associado a um manezinho deveria ser motivo de orgulho, pois esse personagem traduziria os modos de ser e de viver de um município que se transformava muito rapidamente. Contudo, no momento de recebimento do troféu, a identificação cultural com o personagem por vezes não acontecia. Isso porque muitas pessoas continuavam arraigadas à conotação negativa do termo e manifestavam contrariedade ao serem homenageadas<sup>158</sup>.

Processos de identificação cultural, como aquele acima mencionado acima, têm sido vistos por alguns autores como indícios de que as motivações que levam a formação de agrupamentos sociais têm passado por radicais transformações na contemporaneidade. Para Maffesoli, por exemplo, cada vez mais as motivações que levariam as pessoas a unir-se têm-se baseado no compartilhamento de algum gosto, o que pode ser percebido na proliferação de agrupamentos urbanos baseados na união em torno de modas e estilos culturais. A contrapartida identitária disso seria tamanha fragmentação das identidades que elas passaram a adquirir a feição de pequenas tribos urbanas<sup>159</sup>. Exemplo desse processo poderia ser vislumbrado a partir da seguinte coluna de variedades:

A hora da Vidal é um nº 58, às 5 da tarde reúne-se de segunda à sexta uma tribo espontânea que é o seguinte.  
 Dizer qual talho a gurizada faz, é temerário. Ora surfista, daqui a pouco roqueiro, quem sabe punk? Agora dark – que engraçado! No entanto sempre bela.  
 Cabelos aos cortes – há das vésperas vítimas aos topetes em cascata... Gênero, muito gênero é a ordem, manda a imaginação em preto invariável. Batom vermelho em pele branca; a praia é um pecado. Profusão de brincos assexuados.  
 Discutindo nada: embelezando o pedaço, incomodando os ranzinzas...  
 Se amam aos amassos, pelas paredes picham os nomes desejados.  
 Comem docinhos tomando coca-cola. E saem de fininho que tá na hora de ir pra casa.  
 Tem 17 anos essas inconseqüências em estado de graça<sup>160</sup>.

O fato das pessoas formarem grupos identificados pelo compartilhamento de determinados gostos, usos e formas de consumo, não era novidade em Florianópolis. Cronistas como Aldório Simões e Raul Caldas Filho deixaram registros da importância, por exemplo, de frequentar os cinemas da cidade, pois a discussão dos filmes do “momento” era recorrente entre alguns grupos de jovens. Por outro lado, o que parecia ser uma novidade na década de 1980 era a tamanha quantidade de diferenciações possíveis as quais poderiam até mesmo se articular ao tipo de refrigerante consumido. Em agrupamentos desse tipo, realizados a partir da identificação imediata com determinados estilos, os quais poderiam logo

<sup>158</sup> FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

<sup>159</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

<sup>160</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 14 fev. 1987.

ser substituídos por outros, seria de imaginar que a visão que dividia a cidade entre ilhéus e forasteiros tivesse pouca importância. Ou então, que se tivesse, logo seria substituída por outra questão considerada mais importante para os jovens como, por exemplo, o corte de cabelo, conforme a coluna destacava.

A proliferação de pequenos agrupamentos urbanos como aqueles destacados pode ser utilizada para indicar a presença de uma lógica de contatos culturais caracterizada pelo hibridismo cultural. Termo que é utilizado por Canclini para dar conta dos processos socioculturais de encontro entre práticas culturais distintas e que dão origem a outras as quais diferenciam-se daquelas existentes inicialmente<sup>161</sup>. Seria de esperar, por exemplo, que no caso de uma pessoa comportar-se como punk, como os jovens mencionados na coluna de Beto Stodieck, após ter surfado nas ondas da praia da Joaquina ela se diferenciase substancialmente de um congênere inglês.

Uma das características associadas aos processos de hibridação cujos exemplos em Florianópolis foram acima mencionados é que eles se desenvolvem em meio a tensões culturais. Isso porque, conforme destacado por Bhabha, processos desse tipo colocam agentes sociais de uma dada configuração social em situações de conflito com as referências culturais por eles compartilhadas<sup>162</sup>. Um caso ilustrativo de tensões advindas de processos de hibridismo cultural em Florianópolis poderia ser visto quando, em meio ao crescimento populacional do município, entraram em contato antigos e novos moradores de posse de elevado capital cultural e econômico. Poder-se-ia imaginar, nesse caso, que os antigos residentes teriam sido postos em uma situação delicada. Perante boa parte dos moradores da cidade eles poderiam ser vistos como ocupantes de uma posição simbólica elevada haja vista sua possibilidade em consumir produtos e serviços almejados socialmente. Mas, em relação aos novos moradores provenientes de grandes cidades brasileiras, os antigos residentes de Florianópolis com elevado capital econômico e cultural, poderiam ser entendidos como ocupantes de uma posição simbólica negativa. Nesse caso, eles seriam associados a uma experiência de vida pouco intensa e por isso provinciana, diferente daquela dos novos moradores construída em cidades com um ritmo urbano muito diferente de Florianópolis. Diante desse cenário, seria possível compreender as razões de reportagens como *“Todos os ranços provincianos e os vícios de uma bonita aldeia”* advertirem que o termo provinciano

---

<sup>161</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

<sup>162</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

*“mexe nos calos dos ilhéus”*<sup>163</sup>. Aliás, dez anos antes, como visto no capítulo 1, o colunista Beto Stodieck já mencionava que se existia algum problema com relação aos migrantes do Rio de Janeiro, ele se relacionava com as comparações que realizavam entre Florianópolis e aquela cidade. E por isso destacava que seu incômodo estava relacionado com *“aquela empáfia de alguns, aquele pretensão ar de superioridade diante das coisas e pessoas locais, a tal da injustiçada comparação que tentam fazer entre as transas cariocas e as nossas, coitadas”*<sup>164</sup>. As palavras do colunista traduzem com nitidez a relação conflituosa de um agente social frente ao hibridismo cultural<sup>165</sup>. Ao mesmo tempo em que existe uma crítica à postura dos novos moradores onde sua arrogância é destacada, eles são colocados em uma posição simbólica elevada. Isso porque são associados a um ritmo de vida urbano no qual as promoções artísticas, a vida noturna e os eventos culturais que nele tinham lugar não poderiam ser taxados de “coitadas”, como observa o colunista em referência a Florianópolis.

Como é possível perceber a partir dos exemplos acima destacados existiam diversos processos em curso em Florianópolis relacionados a diferentes demandas e atores sociais. Toda essa complexidade sociocultural era desconsiderada quando se manifestavam oposições binárias que possuíam como intuito explicar os conflitos culturais que aconteciam. O próximo item pretende caracterizar essa complexidade a partir de alguns segmentos sociais.

### 2.1.1. Expansão de segmentos socioeconômicos e socioculturais.

O crescimento populacional desencadeou uma multiplicação de gostos, ideias e práticas culturais em Florianópolis que foi em boa medida responsável por uma proliferação de agrupamentos sociais baseados em identificação cultural como aqueles citados anteriormente. Por outro lado, em vista de algumas características compartilhadas, esses pequenos grupos podem ser englobados em segmentos sociais de maior tamanho. Ao se fazer isso, é possível delinear diacronicamente a formação de um quadro sociocultural e

<sup>163</sup> O ESTADO. Florianópolis, 17 jul. 1987.

<sup>164</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 set. 1978.

<sup>165</sup> Um dos focos dos estudos de Homi K. Bhabha foi a sociedade formada na Índia durante o tempo em que ela era colônia inglesa. Conforme ele examinou, a elite indiana frente aos ingleses colonizadores era vista de forma bastante preconceituosa, mas essa mesma elite via os indianos pertencentes a outros segmentos sociais também de forma negativa. Para Bhabha, essa posição híbrida deixou fortes marcas na forma com que os indianos se comunicam e, como exemplo disso, cita a intensa presença da ironia na sua linguagem cotidiana. Sua utilização seria uma forma de ressaltar de forma sarcástica que a posição social ocupada por uma pessoa é relativa em relação a outra que ocupa um lugar mais elevado socialmente. De acordo com: SOUZA, Lynn Mário T. Menezes de. *Hibridismo e tradução cultural em Bhabha*. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 113-133.

socioeconômico sobre o município de Florianópolis que foi tema das colunas de variedades e das crônicas analisadas nesse trabalho.

Dentre os segmentos socioculturais que adquiriram grande expressão numérica em Florianópolis, pode-se citar, em primeiro lugar, aquele formado por pessoas com elevado grau de instrução. A seguinte tabela permite que se vislumbre esse movimento:

TABELA XIII - ANOS DE ESTUDO DOS RESIDENTES EM FLORIANÓPOLIS.

	1960 <sup>166</sup>	1970 <sup>167</sup>	1980 <sup>168</sup>	1991 <sup>169</sup>	2000 <sup>170</sup>
Totais	82.577	119.481	166.115	205.360	290.047
Anos de estudos não determinados	442	-	342	377	1.239
Sem instrução e sem declaração	23.779	-	-	-	-
Sem instrução	-	27.022	-	-	-
Sem declaração	-	39	-	-	-
Curso de alfabetização de adultos concluído	-	-	-	186	-
Sem instrução e menos de 1 ano de estudo, exclusive curso de alfabetização de adultos	-	-	-	9.796	-
Sem instrução e menos de 1 ano	-	-	23.312	-	9.129
1 ano a 3 anos	27.840	32.724	28.128	24.704	27.131
4 anos a 7 anos	20.761	36.113	48.596	58.479	76.932
8 anos a 10 anos	6.157	12.110	28.994	36.842	51.072
11 anos a 14 anos	2.407	8.370	25.939	47.696	80.218
15 anos ou mais	1.192	3.103	10.804	27.280	44.326

FONTE: BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

Os números da tabela XIII evidenciam uma substancial melhoria no nível escolar das pessoas que residiam no município de Florianópolis entre 1960 e 2000. Os dados censitários do IBGE indicam, por exemplo, que o número de habitantes sem frequência nos bancos escolares diminuiu consideravelmente nesse período.

Isso fica exposto na comparação da variável ‘sem instrução e sem declaração’, existente no censo de 1960, com o indicativo ‘sem instrução e menos de 1 ano’, presente na arguição feita em 2000. Como apresenta a tabela, houve uma diminuição de 23.779 para

<sup>166</sup>Pessoas com mais de 5 anos.

<sup>167</sup>Pessoas com mais de 5 anos.

<sup>168</sup>Pessoas com mais de 10 anos.

<sup>169</sup>Pessoas com mais de 10 anos.

<sup>170</sup>Pessoas com mais de 10 anos.

9.129 pessoas residentes em Florianópolis que possuíam uma educação formal bastante precária. Esses dados adquirem maior expressão quando vistos em termos percentuais: em 1960, o censo indicava que 28,80% da população era praticamente analfabeta e, no ano de 2000, esse valor diminuiu para 3,15% dos residentes no município<sup>171</sup>.

As considerações acima realizadas formam um quadro local de um movimento de amplitude nacional. Entre 1960 e 2000, por exemplo, o percentual de analfabetos na população brasileira com mais de 10 anos de idade diminuiu de 39,7% para 12,8%<sup>172</sup>. Contudo, dados como estes apresentados sobre a diminuição do analfabetismo devem ser vistos com cuidado. Como destacou Ferraro, os questionários do IBGE levam em conta o que as pessoas declaram no momento da entrevista censitária o que pode ser entendido como elemento comprometedor dos dados obtidos. Isso aconteceria devido a representação social negativa que paira historicamente no país sobre o analfabeto, entendido como indivíduo inepto e bruto, por vezes visto como mais propenso ao desenvolvimento de ações criminosas. Fatores como esses poderiam fazer com que muitas pessoas não se sentissem a vontade para declararem-se analfabetas o que incidiria na qualidade das estatísticas<sup>173</sup>.

Mesmo considerando as dificuldades destacadas, os dados da tabela XIII continuam sendo expressivos. Essa expressividade poderia ser notada, por exemplo, no aumento referente às pessoas com mais de 15 anos de estudos formais. Nesse aspecto evidenciou-se justamente a década de 1970, que, como visto no capítulo 1, foi o período em que ocorreu o maior incremento populacional em Florianópolis relacionado aos fluxos migratórios. O percentual de pessoas com mais de 15 anos de estudo aumentou em 348,18%, entre 1970 e 1980.

O aumento do número de pessoas com elevado grau de instrução em Florianópolis decididamente esteve relacionado com a criação da UFSC e da UDESC. O número de doutores, mestres e graduados na cidade aumentou imediatamente com o ingresso desses novos profissionais na universidade. Na Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, havia 179 doutores em 1980, número que aumentou para 877, no ano de 2000<sup>174</sup>. No que se refere aos discentes graduados pela UFSC, que estariam incluídos na tabela XIII

<sup>171</sup> Nesse caso foi desconsiderado o fato de que o censo de 1960 computou a população com mais de 5 anos e o censo de 2000 a população com mais de dez anos.

<sup>172</sup> Conforme os dados censitários do IBGE.

<sup>173</sup> Além disso, conforme destaca Ferraro, o próprio critério utilizado ao longo dos anos pelo IBGE é questionável pois considera entre 1950 e 2000 que alfabetizado é aquele que sabe assinar seu nome e escrever um pequeno bilhete. In: FERRARO, Alceu Ravanello. *Analfabetismo e letramento no Brasil: o que dizem os censos?* Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

<sup>174</sup> Como consta no anexo XV.



entre aqueles que possuiriam pelo menos 11 anos de educação formal<sup>175</sup>, também ocorreu um aumento expressivo. Certamente uma boa parcela desses alunos era composta por população sazonal que deixava a cidade após a conclusão do curso universitário. Por outro lado, seria possível pensar que parte dela permanecesse na cidade após a conclusão dos estudos o que se traduziria em números. Entre 1970 e 2000, por exemplo, o número de pessoas com nível superior aumentou de 2.508 para 35.593 pessoas em Florianópolis.

O aumento do número de pessoas com maior escolaridade em Florianópolis recebeu a atenção dos cronistas e colunistas que escreviam na imprensa diária. Beto Stodieck, por exemplo, notava que já não seria concebível falar de forma tão coloquial na capital catarinense: “*em geral o florianopolitano, mesmo entre os mais bem informados, fala umas palavrinhas no dia-a-dia que é de morrer, de tão erradamente...*”<sup>176</sup>. Os anos oitenta, período em que ele deixou esse registro, se iniciava com 31,9% de analfabetos no país, contudo, em Florianópolis esse percentual era bem menor: 14,03%, como informa a tabela XIII. Isso permitia que cronistas como Sérgio da Costa Ramos se sentissem a vontade para escrever sobre o ato de ler: “*dependendo do que se lê poderá ser um gesto discreto, pomposo ou sagrado, que requer ambiente de recato e contrição*”<sup>177</sup>. Alguns outros cronistas da cidade iam ainda mais longe nessa espécie de pedagogia da leitura como, por exemplo, Flávio José Cardozo. Ele manifestava sua condescendência com os leitores que não haviam lido *Os Lusíadas*, mas ressaltava que ela possuía limites: “*Agora, uma coisa: se o leitor me vier dizer que não leu ainda o lírico Camões, aí nossa conversa já vai mudar de tom, aí o leitor já não vai contando com a minha solidariedade*”<sup>178</sup>.

Outra transformação sociocultural ocorrida em Florianópolis que não passou despercebida pelos cronistas e colunistas esteve relacionada com o aumento do número de adeptos de diferentes religiões. Os dados estatísticos sobre esse movimento certamente devem ser vistos com cuidado pois não traduzem a complexidade das práticas religiosas que tinham lugar no município. Autores clássicos, como Roger Bastide, já demonstraram que o sincretismo religioso historicamente esteve presente com intensidade no Brasil<sup>179</sup>. Se por um

<sup>175</sup> A nomenclatura escolar modificou-se ao longo dos anos: primário e ginásio, primeiro grau e segundo grau e, atualmente, educação básica e ensino médio. Contudo, todas essas divisões albergavam pelo menos 11 anos de educação formal antes do ingresso na universidade.

<sup>176</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 17 set. 1985.

<sup>177</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quarteis!* Crônicas. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: O Estado, 1986. p. 73.

<sup>178</sup> CARDOZO, Flávio José. *Água do pote: crônicas*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1982. p. 99.

<sup>179</sup> BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 2. ed. - São Paulo: Pioneira, 1985.

lado, as estatísticas não fornecem um quadro da complexidade existente, por outro podem ser utilizadas para auferir movimentos como os da diversificação religiosa, que pode ser observada em Florianópolis a partir da tabela XIV:

TABELA XIV - RELIGIÕES EM FLORIANÓPOLIS<sup>180</sup>.

	1950	1960	1970	1980	1991	2000
População total	67.630	97.827	138.337	187.880	255.390	342.315
Católica <sup>181</sup>	61.037	89.358	125.533	167.991	213.557	258.464
Evangélica <sup>182</sup>	1.792	2.157	5.504	6.133	14.075	33.170
Outras religiões <sup>183</sup>	4.029	5.747	5.852	7.393	17.371	25.264
Sem religião <sup>184</sup>	772	565	1.448	3.900	12.852	26.882

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

Conforme indica a tabela XIV, se for necessário colocar um marco para o aumento do número de praticantes de diferentes religiões em Florianópolis, ele deve ser posto na década de oitenta. Isso porque entre 1950 e 1980 não houve alteração significativa na percentagem das pessoas que professavam a religião predominante no município. Em 1950, da população total de Florianópolis, 90,26% era constituída por católicos, valor que se viu reduzido em menos de 1% nos trinta anos seguintes: em 1980 o percentual de católicos era de 89,41%.

<sup>180</sup> Para a construção da tabela foi utilizada a mesma metodologia utilizada por Jacob (2004) na sua análise sobre a expansão das diversas religiões no Brasil. Ou seja, as diversas religiões foram agrupadas em quatro variáveis. Católicos, evangélicos totais (evangélicos de missão e evangélicos pentecostais), outras religiões e sem religião. Conforme: JACOB, César Romero et. al. *A diversificação religiosa*. Revista Estudos Avançados. São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

<sup>181</sup> Estão inclusas: católica apostólica romana, católica romana, católica apostólica brasileira, católica ortodoxa.

<sup>182</sup> Evangélicas, evangélicas de missão, evangélicas de missão - igreja evangélica luterana evangélicas de missão - igreja evangélica presbiteriana, evangélicas de missão - igreja evangélica metodista, evangélicas de missão - igreja evangélica batista, evangélicas de missão - igreja evangélica congregacional, evangélicas de missão - igreja evangélica adventista, evangélicas de missão - outras igrejas evangélicas de missão, evangélicas de origem pentecostal, evangélicas de origem pentecostal - igreja assembleia de deus evangélicas de origem pentecostal - Igreja congregacional cristã do Brasil, evangélicas de origem pentecostal - igreja Brasil para cristo, evangélicas de origem pentecostal - igreja evangelho quadrangular, evangélicas de origem pentecostal - igreja universal do reino de Deus, evangélicas de origem pentecostal - igreja casa da bênção, evangélicas de origem pentecostal - igreja Deus é amor, evangélicas de origem pentecostal - igreja maranata, evangélicas de origem pentecostal - igreja nova vida, evangélicas de origem pentecostal - outras igrejas de origem pentecostal, evangélicas sem vínculo institucional evangélicas sem vínculo institucional - evangélicos, evangélicas sem vínculo institucional - evangélicos de origem pentecostal, evangélicas - outras religiões evangélicas, protestante tradicional, protestante pentecostal.

<sup>183</sup> Nesse indicativo entraram: outras cristãs, outras cristãs - cristãs, outras cristãs - outras religiosidades cristãs, outra cristã tradicional, cristã reformada não determinada, cristã reformada não determinada, neo-cristã, igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias, testemunhas de Jeová, espírita, espírita, kardecista, espírita afrobrasileira, espiritualista, israelita, ortodoxos, maometanos, umbanda, candomblé, judaica, israelita, hinduísta, islâmica, budista, outras religiões orientais, novas religiões orientais, novas religiões orientais - igreja messiânica mundial, novas religiões orientais - outras novas religiões orientais, religiões orientais, tradições esotéricas, tradições indígenas, outras religiões, outras religiosidades.

<sup>184</sup> Se incluem: sem religião, não determinadas, sem declaração.

Dados como esses podem ser utilizados para corroborar a interpretação realizada por Jacob (2004) sobre a diversificação religiosa acontecida no país durante o século XX. Isso porque, de acordo com esse autor, ela esteve até os anos oitenta circunscrita a áreas que receberam grande leva de migrantes de religião evangélica o que não foi o caso de Florianópolis<sup>185</sup>.

A supremacia católica existente no país, evidente nas percentagens acima apresentadas, sofreu fissuras a partir da década de 1980. Dentre os processos sociais contribuintes para isso se incluíam, de acordo com Jacob, o recrutamento de novos adeptos de matriz evangélica em regiões que até então estavam a margem da diversificação religiosa<sup>186</sup> e o rápido avanço do pentecostalismo nas grandes cidades brasileiras. Contudo, segundo esse mesmo autor, adquiriu grande expressão nos anos oitenta o aumento do número de pessoas sem religião no país: entre 1980 e 1991 a população albergada nesse segmento aumentou de 1,6% para 4,7%<sup>187</sup>. A tabela XIV indica que, nesse quesito, Florianópolis também acompanhou a tendência nacional, haja vista que, durante a década de oitenta, ocorreu o maior aumento percentual de pessoas sem religião no município. Entre 1980 e 1991, sua elevação foi de 329,54%.

Entretanto, é na década de 1990 que a diversificação religiosa adquiriu maior envergadura em Florianópolis. A percentagem de católicos, por exemplo, diminuiu consideravelmente nesse período: em 1991 eles compunham 83,62% da população total do município, valor que decresceu para 75,50% em 2000. Conforme se pode perceber pelos dados contidos na tabela XIV, destacou-se também o aumento percentual de evangélicos: entre 1991 e 2000 essa elevação foi de 235,67%. Os números indicam, além disso, a continuação do aumento de residentes em Florianópolis praticantes das mais diferentes religiões. Entre 1980 e 2000, o percentual das pessoas incluídas nesse segmento elevou-se de 3,93% para 7,38%.

Como seria de esperar, os cronistas e colunistas de variedades registraram a diversificação religiosa em Florianópolis, pois ela se fazia acompanhar da presença de diferentes formas de ser e de viver na cidade. Frente a elas, Sérgio da Costa Ramos manifestava seu estranhamento em crônica publicada na década de 1980. Ele narrava, em tom divertido, que, se o ministro da agricultura fosse substituído por um adepto do Hare Krishna,

---

<sup>185</sup> Destacaram-se as áreas localizadas nas regiões Sul e Sudeste (que tiveram sua população aumentada com a presença de evangélicos de missão descendentes de colonos alemães) e outras que se constituíram em frentes pioneiras de ocupação na Amazônia (onde destacou-se o estado de Rondônia em relação ao aumento de evangélicos pentecostais). Conforme: JACOB, César Romero, op. cit.

<sup>186</sup> Como, por exemplo, Goiás, Tocantins e o sul da Bahia. Conforme: JACOB, César Romero, op. cit.

<sup>187</sup> Dados contidos em: JACOB, César Romero, op. cit.

os brasileiros poderiam ter certeza de que continuaria faltando carne em açougues e supermercados<sup>188</sup>. A consideração do cronista estava baseada no conhecimento adquirido em uma conversa com um praticante daquela religião: *“É o que me garantiu, convicto um desses sacerdotes devidamente depilado com quem esbarrei ali debaixo da figueira. O jovem me assegurou: o homem nasceu para ser herbívoro”*<sup>189</sup>.

Ainda tendo como objetivo a apresentação de um quadro socioeconômico e sociocultural de Florianópolis, cabe destacar, em último lugar, a expansão do número de pessoas com poder aquisitivo compatível ao consumo de produtos com algum grau de sofisticação. Esse aumento poderia ser observado por meio das análises realizadas no primeiro capítulo no que se refere às transações imobiliárias realizadas no município. Conforme visto, o número de domicílios próprios em Florianópolis cresceu intensamente, o que indicava a existência de pessoas com elevado poder aquisitivo. Esses fato adquire maior evidência quando se nota que muitas das novas moradias estavam localizadas em condomínios residenciais, dentre os quais constavam os de alto luxo, como Jurerê Internacional. Por outro lado, o aumento do número de pessoas com substantivo poder de compra em Florianópolis também pode ser auferido a partir da seguinte tabela, que expressa a quantidade de bens duráveis existentes nos domicílios do município:

TABELA XV - EXISTÊNCIA DE BENS NOS DOMICÍLIOS DE FLORIANÓPOLIS.

	1970	1980	1991	2000
Total	26.184	42.631	68.454	103.837
Com filtro de água	-	-	30.434	-
Com geladeira	13.473	36.713	64.937	-
Com freezer	-	-	24.100	-
Geladeira ou freezer	-	-	-	102.438
Com máquina de lavar roupa	-	-	35.612	78.561
Com aspirador de pó	-	-	30.638	-
Aparelho de ar condicionado	-	-	-	17.733
Com rádio	20.940	36.301	64.150	97.705
Automóvel para uso particular	4.876	19.416	31.928 <sup>190</sup>	58.849
Televisão <sup>191</sup>	11.867	38.441	79.867	101.072
Videocassete	-	-	-	62.898
Microcomputador	-	-	-	34.344
Com telefone <sup>192</sup>	-	13.012	32.322	77.757

FONTE: BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

<sup>188</sup> Durante a presidência de José Sarney houve um período em que os preços de diversos produtos foram fixados por decreto presidencial. Em meio a esse procedimento a oferta de algumas mercadorias como, por exemplo, a carne e o leite, diminuiu consideravelmente. Isso porque muitos produtores se negavam a comercializar seus produtos conforme os preços estabelecidos pelo governo. Sobre isso ver: OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. *O Plano Cruzado: balanço e perspectivas. Lua Nova* [online]. 1987, vol.3, n.3, pp. 13-19.

<sup>189</sup> RAMOS, Sérgio da Costa, *Os civis precisam voltar aos quarteis!*, op. cit., p. 69

<sup>190</sup> Os 4.303 automóveis para uso para o trabalho não entraram no número relativo ao censo de 1991.

<sup>191</sup> Incluídas nesse grupo as seguintes modalidades de televisão. No censo de 1980: com televisão preto e branco: 21.232. Com televisão em cores: 10.210. Com televisão em cores e preto e branco: 6.999. No censo de 1991, com televisão preto e branco: 29.734 e com televisão em cores: 50.133.

<sup>192</sup> No censo de 2000 a designação utilizada era: linha telefônica instalada.

Vistos em termos comparativos com outras cidades catarinenses, os dados acima permitem delinear um quadro socioeconômico de Florianópolis no decorrer do período apreendido pela tabela XV. Em 1970, por exemplo, 3,52% da população do município possuía automóvel particular, percentagem que elevou-se para 17,19% no ano de 2000. Assim como em Florianópolis, possuíam automóvel 3,52% da população de Joinville em 1970. Mas, decorridos trinta anos, esse percentual tornou-se menor em comparação com Florianópolis: no ano de 2000 ele foi de 14,86%<sup>193</sup>. Comparações como essa poderiam ser utilizadas para indicar a existência na capital catarinense de segmentos sociais com substancial poder de compra. Isso porque, como os dados mostram, Florianópolis, que tinha população menor e possuía um valor de PIB inferior ao do mais rico município de Santa Catarina<sup>194</sup>, tinha em relação a esse um percentual maior de proprietários de automóveis.

A consideração acima realizada também pode ser feita quando são comparados dados de Florianópolis com os do município de Blumenau que possuía o segundo maior PIB catarinense entre 1970 e 1985. No ano de 1980 em Florianópolis 30,52% das residências possuíam linha telefônica instalada, valor que aumentou para 47,22% no ano de 1991. Em Blumenau esse percentual que era de 12,88% em 1980 elevou-se para 21,99% no ano de 1991<sup>195</sup>. Ou seja, em um período em que a posse do telefone se constituía em um bem consumido apenas por parte restrita da população brasileira tendo em vista o preço da linha telefônica<sup>196</sup>, Florianópolis, que ocupava uma posição a menos que Blumenau no ranking do PIB produzido em Santa Catarina, possuía uma percentagem maior de ligações domésticas.

A constituição de segmentos sociais em Florianópolis capazes de sustentar a existência de um mercado de produtos sofisticados foi tema de reflexão para os observadores do cotidiano da cidade. O cronista Raul Caldas Filhos, por exemplo, dava destaque ao surgimento de novos hábitos de consumo que estariam contribuindo para o desaparecimento de algumas formas de comércio. Ele projetava seu olhar, no início da década de 1970, aos vendedores de hortaliças e pescados que caminhavam pelo município. Conhecidos como pombeiros, eles estariam em vias de extinção: *“hoje conta-se pelos dedos os que ainda*

<sup>193</sup> Em 1970 existiam 4.431 automóveis particulares em Joinville para uma população de 126.058 pessoas. No ano de 2000 havia 63.837 automóveis para 429.604 pessoas.

<sup>194</sup> Entre 1970 e 1996, de acordo com os dados contidos no anexo XIII.

<sup>195</sup> O número de domicílios em Blumenau no ano de 1980 era de 35.724 e 4.602 possuíam linha telefônica. No ano de 1991 havia 55.247 domicílios em Blumenau e 12.147 deles possuíam telefone.

<sup>196</sup> NEVES, Maurício dos Santos. *O Setor de Telecomunicações*. BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento. Disponível em: [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro\\_setorial/setorial13.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_setorial/setorial13.pdf)

*persistem neste mister. Pois com o aparecimento de supermercados, feiras e super-feiras, eles tornaram-se dispensáveis e obsoletos*”<sup>197</sup>. O colunista Beto Stodieck também dedicava espaço em sua coluna de variedades para observar a diversificação dos produtos ofertados. Ele destacava, nesse sentido, que Florianópolis estaria adquirindo outra feição pois surgiam *“novidades por toda a cidade, o comércio se descentralizando e, o que é mais importante, se modernizando. São boutiques, bares, brinquedinhos eletrônicos, coisas de comer um tanto quanto americanizadas. E outros baratos próprios da civilização*”<sup>198</sup>. Se for considerado que a diversificação de produtos e serviços identificada pelo colunista crescia na medida em que a quantidade de pessoas com elevado poder aquisitivo aumentava, então, compreendem-se as razões do entusiasmo de Beto Stodieck. Isso porque, conforme a tabela a seguir apresenta, ocorreu um aumento do número de pessoas que recebiam vários salários mínimos em Florianópolis:

TABELA XVI - PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE COM VALOR DO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL EM FLORIANÓPOLIS.

	1980	1991	2000
Total	85.741	129.405	195.905
Até 3 salários mínimos	56.018	70.850	82.660
Mais de 3 a 10	20.570	41.039	72.062
Mais de 10 a 20	6.045	12.188	23.597
Mais de 20	3.108	5.328	17.586

FONTE: BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

O aumento do número de pessoas inclusas nas diferentes faixas salariais indicadas na tabela acima, esteve relacionada, conforme visto no capítulo 1, com as transformações econômicas acontecidas em Florianópolis. Dentre elas, destacaram-se aquelas associadas aos investimentos públicos realizados no município e que engendraram a formação na capital de Santa Catarina de uma massa de assalariados pertencente à burocracia estatal, dentre a qual uma parte possuía um substantivo poder aquisitivo. Essa parcela poderia ser inclusa nas últimas duas alíneas da tabela XVI as quais mostram que, diacronicamente, esses grupos com grande poder de compra aumentaram numericamente e percentualmente, em Florianópolis. Em 1980, o número de pessoas que recebiam mais de dez salários mínimos no município era de 9.153<sup>199</sup>, o que correspondia a 10,68% do total das pessoas que possuíam algum rendimento mensal. Vinte anos mais tarde, esse percentual passou para 21,02%, pois havia 41.183 pessoas

<sup>197</sup> CALDAS FILHO, Raul. O ESTADO. Florianópolis, 14. Jun. 1970.

<sup>198</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 21 set. 1971.

<sup>199</sup> Adição das duas últimas alíneas da tabela XVI.

pertencentes a essa faixa salarial. Em comparação com Joinville, município com maior PIB em Santa Catarina naquele período, o aumento observado em Florianópolis, entre 1980 e 2000, foi menor. Contudo, para ambas as décadas, o percentual de pessoas que possuíam renda superior a dez salários em relação ao total da população foi maior. Em 1980, em Joinville, 3,90% da população possuía renda nessa faixa de ganho, valor que aumentou para 9,84% no ano de 2000<sup>200</sup>.

A existência de um número de pessoas com alto poder de compra em Florianópolis poderia ser auferida por meio do marketing existente na imprensa, mas era nas colunas de variedades que ela ficava mais visível. Seus titulares relatavam, por exemplo, viagens que haviam realizado para os mais diversos países, o que poderia ser entendido como indício da existência de pessoas no município que possuíam como hábito de consumo produtos ligados ao turismo como, por exemplo, excursões para o exterior. Essa dedução pode ser feita levando em conta a função desempenhada por colunistas de variedades dentro da imprensa diária pois, como será visto adiante, um dos papéis a eles destinado era o de fornecer informações que pudessem ajudar de alguma forma a população na escolha de que produtos deveriam consumir. No caso dos relatos de excursões acima mencionados, seria possível entendê-los como indicações de roteiro de viagem que os colunistas estariam oferecendo aos seus leitores.

A partir do que foi examinado até esse momento, é possível perceber que o crescimento populacional de Florianópolis veio acompanhado do aumento do número de pessoas pertencentes a diversos segmentos socioculturais e socioeconômicos. Em meio a esse movimento seus moradores foram colocados em contato com uma variedade de práticas e representações que foram tema das colunas de variedades e das crônicas publicadas sobre a cidade. Entretanto, as observações realizadas pelos cronistas e colunistas não eram um registro desinteressado daquilo que acontecia no município. Isso porque, conforme será discutido a seguir, eles faziam parte e ocupavam um espaço específico dentro de um veículo de comunicação com grande capacidade de formar opinião: a imprensa.

### *2.1.2. O lugar do cronismo e do colunismo de variedades na imprensa.*

Um dos traços mais importantes da modernidade é a busca constante por valores e ideias que possibilitem uma reflexão sobre o mundo com vistas na sua transformação. Levando em conta essa característica, pode-se perceber a tamanha importância que a imprensa

---

<sup>200</sup> No anexo XVI existe uma tabela com o número de pessoas pertencentes as diferentes faixas salariais em Joinville entre 1980 e 2000.

periódica possui na era moderna. Ela permite que as pessoas tenham acesso e possam compartilhar entre si uma enorme quantidade e variedade de informações, opiniões e conhecimentos que seria muito difícil ou mesmo impossível de acontecer caso esse veículo de comunicação não existisse.

Com base no que foi dito acima, pode-se dizer que a demanda por diferentes tipos de informações e a necessidade de compartilhá-las contribuíram decisivamente para as profundas transformações ocorridas na imprensa periódica no decorrer dos séculos. Na aurora da modernidade, por exemplo, foi na imprensa que as elites urbanas não nobres encontraram o local adequado para compartilhar opiniões sobre seus modos de ser e de viver. De acordo com Habermas, foi nesse período que aconteceu a primeira grande transformação no modo pelo qual a imprensa periódica se estruturava enquanto veículo de comunicação. Isso porque, em meio a sua utilização por parte da burguesia mercantil, ela adquiriu finalidade política passando a ser utilizada como instrumento de pressão frente ao Estado<sup>201</sup>.

Essa nova utilização da imprensa esteve presente com intensidade nos primeiros anos da Revolução Francesa, mas, nesse caso, desempenhada tanto pela imprensa periódica quanto não periódica. As páginas impressas dos jornais foram utilizadas para angariar simpatizantes para os mais diferentes argumentos sobre quais valores deveriam direcionar a nova condição social vivenciada na França<sup>202</sup>. A profusão de jornais existentes naquele período indicava que os contemporâneos da revolução tinham plena consciência do poder da palavra escrita. Eles sabiam que, no caso da leitura individual, ela era acompanhada de uma reflexão muito mais aprofundada do que aquela realizada em meio a transmissão de informações que circulavam pelas vias da cultura iletrada<sup>203</sup>.

O surgimento de novas tecnologias que tornaram menos custosas a impressão dos jornais<sup>204</sup> e o crescimento do número de alfabetizados residentes nas cidades com poder aquisitivo compatível à sua aquisição contribuíram para que a imprensa periódica sofresse

---

<sup>201</sup> Até então os jornais eram instrumentos que informavam sobre transações comerciais realizadas. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

<sup>202</sup> Conforme se pode apreender dos diversos textos existentes em: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1996.

<sup>203</sup> DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2010.

<sup>204</sup> Cite-se, por exemplo, a máquina de papel de Louis Robert (1798), a prensa mecânica de Frederico Köning (1812), a prensa rotativa de Hippolyte Marinoni (1850) e a linotipo de Ottmar Mergenthaler (1885). Um exame sobre essas inovações tecnológicas ao longo do tempo pode ser encontrada em: BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. 4. ed., rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990. 2v.



outra profunda alteração na primeira metade do século XIX. Durante a década de 1830, surgiram os primeiros periódicos que cederam amplo espaço para formas de expressão jornalísticas que não os artigos opinativos que ocupavam até então a maior parte dos jornais<sup>205</sup>. O New York Herald, um dos precursores desse tipo de jornalismo, diminuiu o espaço dedicado à política e à economia e passou a publicar notícias dos mais variados temas. Ele concedeu especial atenção às notícias e reportagens sobre crimes e publicava crônicas sobre o cotidiano urbano. Na mesma linha editorial o The New York Tribune, que foi o precursor na divisão das redações dos jornais por secções, passou a contratar especialistas por área, o primeiro deles somente para assuntos policiais<sup>206</sup>.

O processo acima destacado constituiu-se no primeiro momento em que ocorreu dentro da imprensa periódica um esforço em separar os profissionais responsáveis pela veiculação de notícias daqueles especializados em opinar sobre elas. Contudo, foi no final do século XIX que essa divisão adquiriu grande visibilidade a partir da elaboração de códigos deontológicos sobre a profissão de jornalista. A expressão máxima desse período foi o aparecimento de um discurso no qual a imprensa periódica surgia associada à tarefa de oferecer à sociedade a verdade factual do que acontecia pelo mundo. Com o surgimento desse discurso surgiu também uma nova forma dessa imprensa legitimar-se socialmente. Se até então, essa legitimidade estava baseada no poder de persuasão da palavra escrita manifestada em artigos opinativos, no novo jornalismo do final do século XIX, a imprensa periódica surgia como uma espécie de guardiã das ações do poder público e da manutenção da ordem social<sup>207</sup>. A ela caberia, por exemplo, investigar ações de agentes públicos e informar sobre aquelas que fossem alvo de suspeitas.

A legitimidade do discurso acima mencionado sobre a imprensa periódica poderia ser mensurada nas inúmeras vezes em que se manifestou seu poder em formar opinião. Ou seja, nas situações em que um grande número de pessoas se apropriou de forma semelhante das ideias, informações e opiniões veiculadas por ela. Na história da imprensa periódica brasileira, por exemplo, um dos casos em que isso aconteceu de forma bastante visível foram nos anos

---

<sup>205</sup> Não foi a toa, conforme destaca Timoteo Álvarez, que esse surgimento tenha acontecido nos Estados Unidos da América. Nesse país a demanda por informações era particularmente intensa pois boa parte de sua população era constituída por imigrantes que tinham interesse em obter notícias de seus países de origem. In: TIMOTEO ÁLVAREZ, Jesus. *Historia y modelos de la comunicación en el siglo XX*. El nuevo orden informativo. 2ª edición. Barcelona: Ariel, 1992.

<sup>206</sup> ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 4a edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>207</sup> Joseph Pulitzer, um dos expoentes desse jornalismo, impulsionou por meio de doação milionária a criação da primeira escola de jornalismo criada em 1912, nove meses após sua morte. De acordo com: TIMOTEO ÁLVAREZ, Jesus, *op. cit.*

que antecederam ao golpe militar de 1964. Como diversos pesquisadores demonstraram, uma boa parte da imprensa periódica brasileira contribuiu para a instauração da ditadura militar ao angariar simpatizantes a ela entre a população civil<sup>208</sup>.

Diante das transformações destacadas acima sobre a imprensa é possível perceber que papel foi reservado para colunistas de variedades e cronistas no jornalismo periódico contemporâneo. Eles são responsáveis por atender a demanda de um público heterogêneo ávido por diferentes informações. Além disso, cabe a eles comentar sobre acontecimentos cotidianos já que ocupam dentro da imprensa periódica o espaço dedicado à opinião. A legitimidade de seu discurso perante os leitores provém, de um lado, do veículo de comunicação em que trabalham o qual se promove enquanto possuidor da função de fornecer à sociedade uma representação fidedigna do que acontece. E, por outro, pelo conhecimento que possuem enquanto profissionais para o exercício da função a eles destinada dentro da imprensa.

O colunismo de variedades historicamente se relaciona ao colunismo das elites sociais. No Brasil imperial, por exemplo, a corte era retratada nas páginas dos jornais e, no advento da república, eram aos modos de vida da elite que uma parte da imprensa periódica dedicava espaço. Esse gênero jornalístico adquiriu outra dimensão a partir da década de 1950, momento em que o colunismo social concede lugar a informações visando um público menos elitizado. Seu expoente máximo foi Ibrahim Sued, eleito várias vezes o jornalista mais lido do Rio de Janeiro<sup>209</sup>.

No caso das crônicas, difundidas nos jornais brasileiros durante a segunda metade do século XIX, elas tinham como intenção atender a demanda por assuntos que versassem sobre o cotidiano. Historicamente associa-se ao folhetim, gênero amplamente difundido no Brasil naquele período, caracterizado pela narração de uma história em capítulos que podiam ser acompanhados diariamente nas páginas dos jornais<sup>210</sup>. Assim como o folhetim, a crônica também fazia uso de uma linguagem literária, mas, ao contrário daquele, não tinha como objetivo estender as reflexões que realizava a mais de uma edição do jornal. Durante o

---

<sup>208</sup> O volume 24 da Revista Brasileira de História possui diversos artigos em que essa temática se expressa. Pode-se citar, por exemplo: CODATO, Adriano Nervo & OLIVEIRA, Marcus Roberto de. *A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. Rev. Bras. Hist. [online]. 2004, vol.24, n.47, pp. 271-302. E, ainda: TOLEDO, Caio Navarro de. *1964: o golpe contra as reformas e a democracia*. Rev. Bras. Hist. [online]. 2004, vol.24, n.47, pp. 13-28.

<sup>209</sup> Conforme é possível perceber em: TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico*. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf> Acesso em: 15 abril de 2008.

<sup>210</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

império, os mais importantes cronistas brasileiros foram José de Alencar, Olavo Bilac e Machado de Assis. Contudo, na imprensa periódica brasileira a crônica adquiriu amplo espaço nos jornais a partir de 1930 com as produções de Rubem Braga e Fernando Sabino<sup>211</sup>.

### 2.1.3. Os cronistas e colunistas de variedades de Florianópolis.

Dentre todos os autores das crônicas e colunas de variedades utilizadas como fonte de pesquisa no presente trabalho, é Raul Caldas Filho quem primeiro ingressou na imprensa catarinense<sup>212</sup>. Não natural de Florianópolis, mas nela residente desde tenra idade, Caldas Filho nasceu em São Francisco do Sul em 1940. Graduado em Direito, exerceu desde 1962 diversas funções jornalísticas na imprensa catarinense como, por exemplo, redator, editor, repórter e cronista nos jornais O Estado, Jornal de Santa Catarina, Jornal da Semana e A Gazeta. Apenas entre 1967 e 1968 esteve afastado da imprensa catarinense, período em que trabalhou no Rio de Janeiro como repórter na Revista Manchete<sup>213</sup>.

O segundo autor das crônicas analisadas nesse trabalho por ordem de entrada na imprensa de Santa Catarina é Aldirio Simões, nascido em Florianópolis em 1942. Ele exerceu diversas atividades na imprensa catarinense desde 1962, ano em que ingressou no jornal O Estado. Além de jornalista, também era funcionário da Prefeitura de Florianópolis e nela foi superintendente da Fundação Franklin Cascaes no ano de 1988 e diretor de Artes da Fundação Catarinense de Cultura em 1994. Atuou também como coordenador-geral do Carnaval de Florianópolis em diversas ocasiões desde 1985. Simões foi o idealizador do concurso Troféu Manezinho da Ilha, realizado em Florianópolis pela primeira vez em 1986 que, de acordo com suas palavras, pretendia “*homenagear pessoas identificadas com o cotidiano da cidade, com elevado espírito ilhéu, com sentimento de orgulho por Florianópolis*”<sup>214</sup>. As crônicas escritas

<sup>211</sup> De acordo com: CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo, Rio de Janeiro: Unicamp, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

<sup>212</sup> Além dos cronistas e colunistas de variedades utilizados para o desenvolvimento das reflexões contidas nessa tese havia outros que também escreviam na imprensa diária. Contudo, levando em conta a envergadura do trabalho realizado, os profissionais selecionados nessa pesquisa foram os que atingiram maior expressão na cidade.

<sup>213</sup> Informações retiradas de diversas fontes como, por exemplo: CALDAS FILHO, Raul. *Delirante Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1980. CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Que delícia de ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli: Paralelo 27, 1995. CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Casos e delícias raras*. Florianópolis: Insular, 1998. E ainda do sítio: <http://www.raulcaldasfilho.com.br/escritor.php>

<sup>214</sup> AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p. 17.

por Simões, publicadas desde 1980, foram publicadas em períodos distintos nos jornais o Estado, Diário Catarinense e no A Notícia<sup>215</sup>.

Também natural de Florianópolis, o cronista Sérgio da Costa Ramos nasceu em 1947. Ele era filho de Rubens de Arruda Ramos, um advogado e jornalista prestigiado na cidade na segunda metade do século XX. Sérgio começou sua carreira como revisor no jornal O Estado em 1965, onde exerceu diversas funções e nele passou a publicar suas crônicas sobre Florianópolis a partir de 1967. Escreveu no O Estado até 1988, com alguns períodos de afastamento, ingressando então em 1991 no Diário Catarinense, onde ocupa espaço até o presente momento. Ele é graduado em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina<sup>216</sup>.

Do mesmo modo que Sérgio da Costa Ramos, o colunista de variedades Sérgio Roberto Leite Stodieck, nascido em Florianópolis em 1946, também pertencia a uma família com destacada posição econômica. Beto Stodieck, como era conhecido, era filho de Henrique Stodieck e Maria da Graça Leite Stodieck, cujas famílias residiam desde longa data na cidade. Residiu no Rio de Janeiro na década de 1960 onde graduou-se em Direito e iniciou sua carreira jornalística no Jornal da Tarde. O jornal em que atuou por maior período foi O Estado onde ingressou em 1971 e nele permaneceu até 1980 quando foi despedido, segundo ele, por motivações políticas<sup>217</sup>. Stodieck também escreveu para o Jornal de Santa Catarina, além de ter publicado seu próprio jornal no início da década de 1980: o Jornal do Beto. Retornou ao jornal O Estado em 1988 onde escreveu até 1990, ano de seu falecimento<sup>218</sup>.

O outro autor das colunas de variedades utilizadas como fontes de pesquisa na presente tese é Cacau Menezes. Esse é o nome profissional de Cláudio Menezes, nascido em Florianópolis em 1955, filho de Manoel de Menezes e de Brasília da Silva Menezes. Seu pai

<sup>215</sup> Informações provenientes de diferentes fontes, dentre as quais: SIMÕES, Aldirio. *Domingueiras*: sou ilhéu, graças a Deus. Florianópolis: Papa-Livro, 1990. SIMÕES, Aldirio. *Fala Mané*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1998. SIMÕES, Aldirio. *Retratos à luz de pomboca*. Florianópolis: IOESC, 1997. AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos todos Manezinhos 2*. Florianópolis: Papa-livro, 2007. E ainda do jornal A Notícia publicado em 31 de dezembro de 2005 e 01 de janeiro de 2006 disponível em: <http://www1.an.com.br/ancapital/2005/dez/31/1fal.htm>

<sup>216</sup> Informações provenientes de diferentes fontes como: FERRARO, Jaqueline Lumena. *Florianópolis recontada sob os olhos de Sérgio da Costa Ramos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2007. RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quarteis!* Crônicas. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: O Estado, 1986. E, ainda de: RAMOS, Sérgio da Costa. *Enfermaria Brasil*: crônicas de um país crônico. Porto Alegre: L&PM, 1993.

<sup>217</sup> Em entrevista concedida após sua demissão o colunista afirmava que ela teria acontecido devido a um acordo entre o governo estadual e a direção do jornal: “O governador teria perguntado quanto precisava o jornal e a resposta teria sido 27 milhões. O governo teria dado 6 milhões e cotas. E, primeiramente, queriam minha cabeça” In: AFINAL. Florianópolis, mai. 1980. p. 9.

<sup>218</sup> Dados extraídos de diversas fontes como, por exemplo: O ESTADO. Florianópolis, 13 e 14 mai. 1995 e PORTO, Bea e LAGO, Fernanda (Org.). *É Tudo Mentira. A história segundo Beto Stodieck*. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

adquiriu grande projeção na cidade após a criação da Rádio Jornal A Verdade, veículo de comunicação onde Cacau Menezes iniciou sua vida profissional e que funcionou em Florianópolis nas décadas de 1950 e 1960<sup>219</sup>. Nas décadas de 1970 e 1980, Cacau Menezes editou os jornais “Rock, Surf e Brotos” e “O Ilhéu” e, nesse período, também trabalhou como colunista no O Estado. No final da década de 1980, passou a assinar a coluna de variedades existente até hoje no jornal Diário Catarinense<sup>220</sup>.

Por ano de ingresso na imprensa catarinense, é Flávio José Cardozo quem foi o último dos autores selecionados no presente trabalho a ingressar na imprensa catarinense. Ele nasceu em 1938 no município de Lauro Muller, localizado no sul de Santa Catarina. Coursou jornalismo em Porto Alegre e passou a residir em Florianópolis na década de 1970 onde trabalhou na Imprensa Oficial de Santa Catarina e na Fundação Catarinense de Cultura. Publicou diversos livros de crônicas e recebeu por sua produção diversos prêmios nacionais voltados ao gênero. Atuou na imprensa catarinense publicando suas crônicas no jornal O Estado e no Diário Catarinense durante boa parte da década de 1980 e ocupa, desde 1985, lugar na Academia Catarinense de Letras<sup>221</sup>.

As características indicadas acima poderiam ser vistas como indicativas de que os cronistas e colunistas de variedades teriam como público-alvo apenas os segmentos sociais de maior poder aquisitivo de Florianópolis. Isso porque, conforme destacado, eles eram detentores de substantivo capital cultural, dado pela posse do diploma de curso superior, de elevado capital social, devido sua pertença a famílias detentoras de prestígio no município e portadores de expressivo capital econômico, tendo em conta os cargos diretivos de instituições públicas que ocuparam. E, de fato, em vários momentos era para a população com maior poder aquisitivo de Florianópolis que suas produções se voltavam. Entretanto, as crônicas e colunas de variedades possuíam um caráter muito amplo o que permitia que elas atingissem diferentes segmentos sociais do município. Essa amplitude pode ser observada, como se verá a seguir, na diversidade dos temas que foram alvo de suas reflexões e de seus comentários cotidianos.

<sup>219</sup> MENEZES, Manoel de. *Retalhos do Tempo*. Florianópolis: Edeme, 1977.

<sup>220</sup> Dados retirados de diferentes fontes como, por exemplo: MENEZES, Cacau. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, 15 nov. 2005.

<sup>221</sup> Informações retiradas de diversas fontes como, por exemplo: CARDOZO, Flávio José. *Singradura*. Porto Alegre: Globo, 1970. CARDOZO, Flávio José. *Zelica e outros*. Rio de Janeiro, Francisco Alves: 1978. CARDOZO, Flávio José. *Água do pote: crônicas*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1982. CARDOZO, Flávio José. *Beco da Lamparina*. Florianópolis. Ed. Lunardelli/Diário Catarinense, 1987. CARDOZO, Flávio José et al. *Cambada de mentiroso*. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1985. MIGUEL, Salim & SOUZA, Silveira de (org.). *Este mar catarina*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983. MIGUEL, Salim & SOUZA, Silveira de (org.). *Este humor catarina*. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1985.

## 2.2. A nova Florianópolis.

Conforme visto, Florianópolis vivenciou importantes transformações sociais, culturais, urbanas e econômicas desde a década de 1970 que ficaram registradas na imprensa periódica do período. Para os cronistas e colunistas de variedades seria possível dizer que outra cidade teria surgido. Eles empreenderam esforços em anotar quais seriam os principais indicativos dessa nova Florianópolis designada desde então por termos como Flops, Floripedes, Florisa e, aquele que tornou-se o mais conhecido, Floripa.

### 2.2.1. Novos hábitos.

Em 1975, na crônica intitulada “*de jovens e velhos costumes*”<sup>222</sup>, Raul Caldas Filho dá destaque à presença de novos hábitos culturais em Florianópolis. Para ele o “*vírus modificador*”, que desde a década de 1960 contribuiu para que “*preconceitos e tabus*” fossem “*derrubados*”, teria “*lançado irradiações e contaminado até ares ditos provincianos, como os da nossa querida Ilha*”. Ele constatava, por exemplo, que “*as desterreenses moças de hoje já se comportam de uma forma muito mais... - como dizer? descontraída*”. Quanto a isso, ele observava que em relação “*as componentes das gerações que as precederam*” elas seriam “*muito mais livres*”.

O cronista dava destaque em seu retrato da cidade naquele momento a duas formas diferentes de entendimento das “*tais aberturas*” que estariam acontecendo. A primeira se referia àquela partilhada por um conhecido seu, “*um velho guardião dos chamados ‘bons costumes’*” que afirmava “*com indignação, que o ‘mundo está perdido’*”. A segunda opinião se referia aquela possuída por um garoto com pouco mais de vinte anos de idade. Para esse rapaz, que vivia de “*corpo e alma os tempos atuais*”, apesar das transformações culturais que as pessoas com maior idade insistiam em destacar, existia “*ainda muita falsidade*” em Florianópolis. Ele mencionava que o problema não era o das meninas da cidade terem o desejo de casar, mas sim o de desejarem “*enfrentar uma igreja, com véu, grinalda e tudo o mais. E muito caretão aí, com panca de malandrinho também tá nessa*”.

Frente as duas opiniões dos seus interlocutores, Caldas Filho, que se considerava “*um fervoroso adepto do equilíbrio*”<sup>223</sup>, fazia algumas reflexões. Em relação ao entendimento possuído pelo primeiro de seus conhecidos manifestava discordância pois, como afirmava no início da crônica, “*o mundo está mudando*” desde que o planeta “*começou a girar nas*

<sup>222</sup> CALDAS FILHO, Raul. O ESTADO. Florianópolis, 12 jul. 1975.

<sup>223</sup> Ibidem.

*esferas celestes*". Nesse sentido, o cronista utilizava de ironia para comentar a opinião da pessoa em idade mais adiantada. Enfatizava, que a frase dita por ela sobre a perdição do mundo já havia sido *"lançada aos ares pela primeira vez a uns quarenta anos"*. Por outro lado, em relação ao jovem mencionado, o cronista acreditava que ele exagerava nas opiniões que emitia. Isso porque se elas fossem tomadas como parâmetro para examinar o que acontecia em Florianópolis então *"chegaríamos a conclusão de que essas aparências que nos encham a vista, nas jovens órbitas ilhoas, são um tanto quanto enganosas"*. Para defender sua posição diante do jovem, o cronista propunha um retrato da cidade de Florianópolis da década de 1950. Sobre esse período, Caldas Filho acreditava que *"jamais houve (e haverá) tempo e espaço mais caretas"* e, em relação ao jovem destacado em sua crônica, afirmava que *"se ele tivesse conhecido a minha geração jovem, aí sim ele iria saber o que era caretismo"*<sup>224</sup>.

Fica evidente que a opinião do cronista fazia referência à existência de um conflito entre pessoas com diferentes idades na cidade provocado pelo surgimento de novos hábitos culturais. Contudo, ele manifestava estar ciente de que todas as gerações constroem uma era de ouro, um tempo primitivo, oposto ao que vivem as novas gerações<sup>225</sup> e, por isso, procurava manter afastamento da idealização do passado de Florianópolis. Era com esse intuito que ressaltava que os constrangimentos existentes na década de 1950 não *"impediu que todos se divertissem"* e *"no final das contas, todo mundo, isto é, homens e mulheres, acabaram sempre por fazer tudo aquilo que suas naturezas exigiram"*. Se existiriam diferenças, essas se relacionariam com as *"barreiras"* que *"tinham que ser derrubadas!"*.

Quase vinte anos mais tarde, com uma leitura semelhante a de Caldas Filho, o colunista de variedades Beto Stodieck também não manifestava nostalgia. Como no caso da crônica antes analisada, a ironia também se fazia presente nos seus comentários sobre os hábitos culturais existentes em Florianópolis naquele momento:

Florianópolis sempre foi libidinosa por mais que tente disfarçar – está no ar afrodisíaco a sacanagem impregnada nesta Ilha. Ao mesmo tempo que é falsa e moralista, está na igreja... Ajoelhada. Senhoras enganam maridos, maridos enganam senhoras – sempre foi um jogo muito usado e animado na dita alta sociedade da capital; e não só, que a banda alemã é igualmente falsa e moralista. Mas o que interessa é a Ilha da fantasia e dos desejos – caros e baratos; da sodomia. Tem-se notícia que há anos era mais porque a coisa dançava livre em festinhas troca-troca e a televisão ainda não era o prazer caseiro que virou. De bruços...<sup>226</sup>

<sup>224</sup> Ibidem.

<sup>225</sup> Conforme se percebe na análise de: BOSCHILIA, Roseli. *Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba 1925-1965)*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

<sup>226</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 4 jun. 1989.

Conforme o olhar de quem se refere às transformações culturais acontecidas em Florianópolis durante a segunda metade do século XX a importância delas pode ser superdimensionada ou subestimada. No caso da coluna de variedades acima destacada, parece claro que para Beto Stodieck seria equivocado dizer que teria acontecido uma liberação sexual na cidade. Ele destaca, por exemplo, que relacionamentos extraconjugais nos setores mais bem posicionados da cidade sempre teriam existido.

Por outro lado, é fato que muitos dos hábitos surgidos na cidade foram vistos com desconfiança por uma parte de sua população e por isso foram alvo de conflitos. Dentre aqueles que receberam destaque dos cronistas e colunistas de variedades se pode citar os que eram praticados nas praias de Florianópolis. Em Janeiro de 1980, por exemplo, o jornal O Estado trazia em suas páginas uma reportagem sobre aquele que teria sido o primeiro caso de topless na Ilha. Não é possível afirmar se a informação era verdadeira, contudo pelo modo com que o episódio foi noticiado pode-se perceber que a iniciativa tenha causado algum furor na cidade: *“A moda ‘top-less’, que ultimamente vem causando grandes transtornos para as autoridades encarregadas da manutenção da moral e dos bons costumes no país, foi lançada ontem na praia da Joaquina”*<sup>227</sup>.

A manifestação, de acordo com a imprensa, teria causado *“preocupação das autoridades de que esta moda venha a ‘corromper a moral e as formas de proceder em locais públicos’”*<sup>228</sup>. O frenesi, no entanto, não impediu que de forma cada vez mais frequente, não apenas o topless, mas também a prática do naturismo se tornasse comum em Florianópolis. A praia da Galheta paulatinamente se tornou um lugar para o encontro de adeptos dessa prática que vinha imbuída, para algumas pessoas, de uma filosofia de vida que procurava uma forma peculiar de relacionar-se com o meio ambiente<sup>229</sup>. Esse fato, todavia, não significava que para as autoridades locais o naturismo fosse aprovado. Muito pelo contrário, se atualmente a praia da Galheta é oficialmente tida como uma praia em que ele pode ser realizado<sup>230</sup>, no início da década de 1980, essa possibilidade parecia estar distante de tornar-se realidade. Por um lado, o secretário de Segurança e Informações de Florianópolis afirmava que em relação ao topless *“a lei é maleável e pode ter várias interpretações”*<sup>231</sup> e por isso ele dizia não estar se

<sup>227</sup> O ESTADO. Florianópolis, 17 jan. 1980.

<sup>228</sup> Ibidem.

<sup>229</sup> MATTOS, Luiz Fernando Rojo. *Vivendo “nu” paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>230</sup> Lei da Câmara Municipal de Florianópolis nº 195 de 1997. Leia-se um dos incisos da lei que observa o seguinte: *“O inciso IV destinará a admissão da prática do nudismo, exclusivamente na praia, sem caráter de obrigatoriedade”*.

<sup>231</sup> O ESTADO. Florianópolis, 17 jan. 1980.



“preocupando”<sup>232</sup> com a prática. Mas, por outro, de acordo com Beto Stodieck, “os ares de liberdade que sopram”, ou sopravam no verão de 1982, eram motivo para represálias:

Como justamente foi o caso daquele figurão que, irritado, não só andou pacas (na Galheta, só a pé) viu o que não tinha que ver, imediatamente retornando. E, tal qual como estropiado estava, solicitou uma guarnição da PM composta de cinco ‘zomis’. Estes, com cassetete à mão, seguiram ordens e passos até chegarem à Galheta onde botaram os naturalistas, naquela santa e pueril brincadeira à beira d’água, a se cobrir.

Tão logo guarnição e ‘ofendido’ sumiram no horizonte da Praia Mole (àquela altura endurecida), os nudistas descobriram tudo outra vez e voltaram ao estado natural da coisa...<sup>233</sup>

O colunista relata, como é possível perceber, uma situação que teria acontecido na praia da Galheta em que se manifestou a indignação de uma autoridade local com o naturismo. Todavia, a prática parece não ter sido alvo de revolta apenas por parte de funcionários dos altos escalões da administração pública, isso porque ao que tudo indica deve ter existido resistência também por uma parte da população. Poucos anos depois desse incidente, por exemplo, Beto Stodieck comentava sobre os trajes de banho que eram utilizados em algumas praias de Florianópolis o que despertaria, segundo ele, a ira de muitas pessoas:

Tá começando a pouca vergonha!

Vocês estão vendo só?! Como é que os pais, católicos, comungados e confessados e que educaram suas rebentas no bom e no melhor pra serem recatadas donas de casa, podem permitir uma coisa dessas...

Essas meninas nuas mal saídas dos cueiros, despindo desfraldadas fraldas que não tapam ‘vergonha’ alguma, nem mesmo a dos pais que não conseguem desenrolar o enroladinho enfiadinho nas bundinhas. Que rabos!

Começou o verão nesta Ilha alucinada de vontade de se despir, de tirar a roupa em direção aos olhares de lasciva e prazer, principalmente provenientes desses senhores “babados” em cerveja e caipira, como notória idade pra ser seus papais – seus vovôs; esse ‘engraçadinhos’ sem graça alguma...

‘Mas que é uma pouca vergonha é’, declarou à imprensa brasileira presente às areias escaldantes como dantes, a madre superiora de soslaio pra nudez da Joaquina que um dia foi prendada moça rendeira – e hoje é essa coisa ‘horrorosa’ de tão oferecida e insinuante; um escândalo ecumênico que não há cristão que agüente.

Oremos pois. E de joelhos que é pra não tropeçar na barriga de cevada e cair no pileque de seus respectivos crepúsculos. E caíam na realidade; isto é, nos braços eternos de suas patroas que ficaram em casa, furiosas da vida com tanta sem-vergonhice...<sup>234</sup>

Como fica claro nas observações realizadas por Beto Stodieck, novamente o colunista fazia uso de ironia para indicar a existência em Florianópolis de pessoas que mediam o comportamento social olhando pelo retrovisor. Em tom divertido, ele associava essa postura a frase reacionária presente na carta de Caminha, primeira crônica da Terra Brasilis quando grifava que as meninas em Florianópolis estariam portando roupas “que não tapam vergonha alguma”. Observações como essa do colunista são importantes de serem destacadas porque

<sup>232</sup> Ibidem.

<sup>233</sup> Citação retirada de: PORTO, Bea & LAGO, Fernanda. *É Tudo Mentira. A história segundo Beto Stodieck*. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999. p. 32.

<sup>234</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 17 out. 1985.

assuntos relacionados à moda eram utilizados com frequência pelas colunas de variedades como uma espécie de termômetro para a mensuração da distância entre a dinâmica social existente em Florianópolis e as maiores cidades brasileiras<sup>235</sup>.

### 2.2.2. Anonimato.

A fofoca era tema frequente das ponderações dos cronistas e colunistas de Florianópolis. No retrato feito por Aldírio Simões dos moradores da cidade era comum encontrá-los associados a adjetivos como “*faroleiro, mexeriqueiro, folgado*”<sup>236</sup> os quais estavam relacionados com a prática. Para Stodieck a fofoca se constituiria em uma espécie de elo de ligação entre a cidade que existia na década de 1950 com a de 1970: “*só os escândalos – despertavam o povo. Na falta de fofoca, inventavam. E não é – o que fazem agora?*”<sup>237</sup>. Na década de 1980, na visão de alguns desses observadores do cotidiano, a fofoca estaria ameaçada de desaparecer da cidade. Raul Caldas Filho, por exemplo, restringia sua prática a alguns lugares como, por exemplo, o Senadinho, localizado na confluência das ruas Felipe Schmidt e Trajano no centro urbano<sup>238</sup>. Beto Stodieck, por outro lado, era mais contundente no seu exame e decretava em 1988 seu fim: “*Efetivamente a fofoca “popular” acabou em Florianópolis que evoluiu, cresceu, esqueceu-se de suas “vítimas” (e hoje, dizem, porém não afirmo, a cidade que mais se preocupa com a vida alheia, fruto do seu falso moralismo, é... Blumenau, vejam vocês)*”<sup>239</sup>.

A fofoca, conforme considera Polanah, não é apenas um importante meio de coerção social, mas também é um termômetro capaz de mensurar a coesão entre um determinado número de pessoas<sup>240</sup>. Com base nisso, é possível considerar que diferenças na sua prática constituem em indícios de transformações nas sociabilidades existentes em uma sociedade. Os cronistas e colunistas acima destacados faziam menção ao que consideravam ser importantes transformações na prática da fofoca em Florianópolis. Contudo, é a partir de um personagem de um livro do escritor Jair Hamms, publicado em 1983, que se pode relacionar as transformações na prática da fofoca na cidade com mudanças nas sociabilidades que nela se desenvolviam.

<sup>235</sup> Conforme se percebe a partir de: SANT'ANNA, Mara Rúbia. op. cit.

<sup>236</sup> SIMÕES, Aldírio. O ESTADO. Florianópolis, 24 de março de 1990.

<sup>237</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 27 out. 1971.

<sup>238</sup> CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Que delícia de Ilha*, op. cit., 85-86.

<sup>239</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 7 jul. 1988.

<sup>240</sup> POLANAH, Luís. *Mexerico e maldizer no meio rural*. Revista de Guimarães, n.º 103, 1993, pp. 111-128.

Em meio a divagações sobre a situação financeira em que se encontrava, o personagem Domingos Tertuliano Tive considerava que Florianópolis era uma “*cidade de merda, onde a gente não encontra um miserável de um emprego*”<sup>241</sup>. Contudo, não era qualquer atividade que Domingos desejava exercer. Seus próprios pensamentos recordavam a ele que a cidade até poderia ser considerada um lugar ruim, mas o era “*principalmente para malandros de tua marca!*”<sup>242</sup>. O que Domingos desejava conjugar era um salário razoável com um labor que não demandasse considerável esforço físico. E foi em meio a pensamentos sobre como resolver a questão sobre sua condição de desempregado que o personagem resolveu tornar-se detetive particular: “*Florianópolis, cresceu muito, Domingos*”, “*Quem sabe detetive? Que eu saiba, a cidade não tem um só detetive particular*”<sup>243</sup>.

O primeiro caso investigado pelo personagem de Hamms teve como tema um desentendimento conjugal<sup>244</sup>. A atenção dada a esse assunto pelo escritor parece não ter sido fortuita, pois também a imprensa cedia espaço à questão. Em 1977, por exemplo, o jornal O Estado ressaltava que “*desquites são mais de um por dia*”<sup>245</sup>. Além disso, o número de separados, desquitados e divorciados em Florianópolis, segundo o IBGE, havia aumentado. Entre 1980 e 1991, seu registro passou de 2.671 para 8.752, perfazendo um aumento de 327,27% nesse período<sup>246</sup>.

Os dados sobre o divórcio acima expostos devem ser vistos com cuidado porque, em muitas situações, eles não traduzem um aumento do número de casamentos desfeitos nas décadas de 1970 e 1980. Isso porque, após a Lei do Divórcio de 1977, o que houve, em muitos casos, foi a legalização da situação de pessoas separadas desde muito tempo<sup>247</sup>. No caso de Florianópolis, por exemplo, Fáveri & Tanaka mostraram que casais vivendo em uma segunda união solicitavam o divórcio com o objetivo de regularizar sua situação civil, vivida, até aquele momento, à margem da lei<sup>248</sup>.

Por outro lado, uma boa parte das separações entre 1980 e 1991 certamente não se enquadravam nas situações acima indicadas e diziam respeito a separações recentes. Nesses

<sup>241</sup> HAMMS, Jair Francisco. *O Detetive de Florianópolis*. Florianópolis, Ed. da UFSC: 1983. p. 11.

<sup>242</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>243</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>244</sup> Ibidem, p. 14-15.

<sup>245</sup> O ESTADO. Florianópolis, 26 mai. 1974.

<sup>246</sup> No anexo XVII existe uma tabela com o número de separações em Florianópolis entre 1960 e 2000.

<sup>247</sup> ARCHANJO, Daniela Resende. *Um debate sem embate: a discussão sobre o divórcio no congresso nacional (Brasil, 1951 – 1977)*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

<sup>248</sup> FÁVERI, Marlene de & TANAKA, Teresa Adami. *Divorciados, na forma da lei: discursos jurídicos nas ações judiciais de divórcio em Florianópolis (1977 a 1985)*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010.

casos, seria de imaginar que uma parte delas fosse litigiosa, nas quais a motivação poderia ser utilizada como argumento na contenda judiciária. Em circunstâncias como essa seria possível considerar a existência de uma demanda pelo serviço de investigador particular a qual era motivo para a criação de personagens como o detetive Domingos pelo escritor Jair Hamms.

A procura por esse tipo de serviço na cidade também poderia ser relacionada com uma configuração social em que meios de transmissão de informações como a fofoca teriam se tornado pouco eficazes. Se existiam situações que requeriam a contratação de profissionais para a descoberta de casos extraconjugais, tema predileto da maledicência, isso não significa que a fofoca inexistisse. Mas poderia indicar que as redes de circulação de informações tenham se multiplicado a tal ponto que se elas coexistiam em um mesmo espaço social, nem por isso convergiam.

A multiplicação das redes de fofoca também poderia ser vista como indicativo da emergência de uma configuração social que oportunizava a realização de atividades sem que houvesse a possibilidade de identificação das partes envolvidas. Ou seja, como indício do aumento do anonimato na cidade. Beto Stodieck, por exemplo, indicava em 1985 a existência de serviços em Florianópolis que requeriam grande descrição: *“saiu na edição de ontem de jornal local, nas páginas dedicadas aos classificados, sob o título “Amante profissional”, talvez aquele que seja o primeiro sex service publicado na imprensa ilhada”*<sup>249</sup>. Três anos após esse comentário, era Cacau Menezes quem destacava que *“a cocaína já começa a ser vendida nas ruas do centro de Florianópolis naturalmente, sem que vendedor e consumidor tenham sequer se conhecido”*<sup>250</sup>.

### 2.2.3. Vida noturna.

Nas décadas de 1950 e 1960, as mais comuns opções de lazer no período noturno para os setores com maior poder aquisitivo em Florianópolis eram dadas por confeitarias, clubes e bares. Em alguns desses lugares as divisões sociais existentes na cidade manifestavam-se de forma explícita pois seu público frequentador era uma espécie de confraria dada pelo compartilhamento de algumas características. Costa destaca, por exemplo, que as intensas disputas entre a UDN e o PSD<sup>251</sup> teriam criado territórios em uma parte do comércio local.

<sup>249</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA, Blumenau 4 mai. 1985.

<sup>250</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 19 jul. 1988.

<sup>251</sup> Essas são as siglas dos partidos União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrático (PSD). Foram criados em 1945 e extinguidos em 1965 com o Ato Institucional número 2 que estabeleceu o fim do pluripartidarismo no Brasil.

Nos bares, por exemplo, a divisão era clara: havia aqueles em que somente os partidários de uma das siglas adentravam<sup>252</sup>. No retrato que realizava de Florianópolis antes da década de 1970, Sérgio da Costa Ramos mencionava essa oposição destacando que “*quem era do PSD*”, “*tomava café no Bar Rosa*”, enquanto a parcela integrante da UDN “*degustava a rubiácea no Café do Quidoca*”<sup>253</sup>.

Seria de esperar que as opções de lazer associadas ao cenário acima destacado se tornassem insuficientes com o aumento populacional de Florianópolis. Como visto anteriormente, esse movimento se fez acompanhar por uma diversificação na demanda de produtos e serviços na cidade. E, de fato, novas casas noturnas e bares surgiram frequentados pelos diferentes segmentos socioculturais. Dentre elas poderia se destacar na década de 1980 a boate Opium voltada para o atendimento do público gay<sup>254</sup>. E, dentre os bares, seria possível citar o Box 32, localizado no interior do mercado público de Florianópolis, conhecido pela sofisticação das bebidas que disponibiliza aos seus clientes e também inaugurado na década de 1980<sup>255</sup>.

O surgimento de bares e de casas noturnas em Florianópolis era amplamente divulgado nas crônicas e colunas de variedades. Contudo, dentre os acontecimentos relacionados à diversificação do entretenimento noturno, mereceu especial atenção dos observadores do cotidiano a realização de shows de artistas com projeção nacional na cidade. O colunista Beto Stodieck se mostrava entusiasmado com esse setor em 1972 e mencionava que estaria ocorrendo um “*estouro de artistas e ‘shows’ em Florianópolis*”<sup>256</sup>. Ele destacava, porém, que não haveria motivo para admiração diante do fato porque “*a explicação é simples e lógica: os empresários, descobriram, na Ilha, uma população afoita por artistas bons e de fama – e podem crer que isso é apenas o começo*”<sup>257</sup>. Mais do que nunca, excertos como esse se constituem em exemplos da existência em Florianópolis de uma população com substancial poder aquisitivo naquele momento. Isso porque ela até poderia ser “afoita”, conforme observava o colunista, mas certamente isso não bastava para tornar lucrativo o deslocamento de artistas como Gal Costa para a cidade<sup>258</sup>. Ponderações como essa permitem considerar, a

<sup>252</sup> COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

<sup>253</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quartéis!*, op. cit., p. 22.

<sup>254</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 4 mai. 1985.

<sup>255</sup> CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Que delícia de Ilha!*, op. cit., p. 91.

<sup>256</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 1 set. 1972.

<sup>257</sup> Ibidem.

<sup>258</sup> Gal Costa foi uma das expoentes do tropicalismo juntamente com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé e outros. Eles gravaram aquele que é considerado o marco musical desse movimento: o álbum Tropicália ou Panis

partir das análises de Napolitano, que estariam presentes em Florianópolis alguns dos elementos responsáveis pela renovação musical acontecida no Brasil no final dos anos sessenta. Assim como no eixo Rio-São Paulo, mas em menor medida sem dúvida, também existia em Florianópolis um público consumidor que impulsionava as novas linguagens musicais que surgiam<sup>259</sup>. Poderia-se inferir, por exemplo, que era baseado na existência desses consumidores que Beto Stodieck enxergava o término da hegemonia dos artistas ligados à Jovem Guarda na cidade: “*E com isso – todos esperamos ansiosos – acabou-se o reinado cafona e calhorda dos Agnaldos, Wanderleis e Wandecas*”<sup>260</sup>.

Como é possível notar, as palavras do colunista destacadas acima, estavam marcadas em 1972 por uma certa esperança de que a vida noturna de Florianópolis se transformasse. Elas adquirem grande expressão quando comparadas a outras escritas na década de 1980 pelo colunista de variedades Cacau Menezes. Nesse caso, o tom das declarações sobre o tema modifica-se substancialmente e ao que parece a hegemonia anteriormente destacada por Stodieck já não era mais motivo para preocupação:

Não existem dúvidas de que Florianópolis, se tentasse trazer algumas celebridades para passar alguns dias da sua endiabrada temporada de verão, certamente conseguiria fama nacional e até internacional. Como faz Búzios, Porto Seguro, Fernando de Noronha, Guarapari, Punta Del Leste, Fortlauderdale e agora, Paradise Island em Nassau, nas Bahamas, que está hospedado para uma temporada de férias o supercampeão Mike Tyson, com a mulher. Colunistas do mundo todo noticiam a presença de Tyson na Ilha, o que poderia ser feito com Florianópolis, caso viesse para aqui alguém famoso. Pelo menos do Brasil, ou quem sabe um Diego Maradona, já que é dali, da Argentina, vizinho nosso<sup>261</sup>.

Como fica claro nas palavras acima, é uma cidade distinta daquela existente na década de 1970 que se apresenta. Nessa Florianópolis em que as atividades ligadas ao turismo possuíam grande impacto na economia local, são outros os desejos que se manifestam. Como se pode perceber, as atenções voltavam-se, naquele momento, para a possibilidade do município inserir-se no circuito internacional do entretenimento.

---

et Circenses no ano de 1968. Sobre o tropicalismo ver: MOTTA, Nelson. *Noites tropicais*: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 e ainda: VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. A cantora Gal Costa foi promovida por Beto Stodieck em show na cidade em 1972, de acordo com: STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 25 ago. 1972. Anos mais tarde, Beto Stodieck foi responsável pela vinda para Florianópolis dos Doce Bárbaros, grupo em que a cantora participava, conforme: STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 22 jul. 1976. Sobre a presença de artistas em Florianópolis por influência de Beto Stodieck, ver: FONSECA, Jefferson Rafael da. *Nossa Senhora do Aterro*: Florianópolis a partir das crônicas ligeiras de Beto Stodieck (1971 – 1980). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

<sup>259</sup> Tiveram grande reconhecimento desse público as canções de protesto que deram corpo a Música Popular Brasileira (MPB) e a linguagem artística do Tropicalismo que traduziu musicalmente as transformações culturais da década de 1960. De acordo com: NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção*: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959/69). São Paulo: Annablume, FAPESPE, 2001. E ainda: NAPOLITANO, Marcos. *A música popular brasileira (MPB) dos anos 70*: resistência política e consumo cultural. In: Anais do IV Congresso de La Rama Latino Americana del IASPM. Cidade do México, abril, 2002.

<sup>260</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 1 set. 1972.

<sup>261</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 21 jul. 1988.

#### 2.2.4. Os turistas.

A relação entre os visitantes de Florianópolis e a população que nela residia foi tensa desde a década de 1970. Pelo menos é isso o que se apreende das crônicas e colunas de variedades que faziam menção a presença de turistas nos meses de verão na cidade. Em 1976, na crônica *“Excursões à milanesa”*, Beto Stodieck comentava que *“chega a espantar e não posso me calar. Mas, cá entre nós, como essas excursões provenientes dos mais insólitos lugares do Brasil despejam gente feia em Florianópolis!”*<sup>262</sup>. O motivo do comentário do colunista era sua irritação diante do fato de que esses visitantes possuiriam hábitos que destoariam do modo como se comportariam os habituais frequentadores das praias da Ilha. No caso da última das excursões que teve a oportunidade de presenciar, os visitantes *“deitavam e rolavam, que nem bife à milanesa prestes a entrar na frigideira”*. Procedentes de uma cidade *“que minha diplomacia impede que diga daonde (só posso dizer que era das proximidades do Paraguai)”*, teriam desembarcado na praia da Joaquina *“umas quarenta pessoas”*. Os excursionistas teriam saído *“correndo, aos berros, fazendo com que surfistas e gatinhas pulassem, caíssem fora de seu reduto até que a excursão resolvesse mudar de praia”*<sup>263</sup>. Na verdade, os comentários do colunista não eram motivo de surpresa para seus leitores, pois anos antes ele já havia manifestado irritação com o número de visitantes quando observava que: *“são por causa dessas (mal) ditas quarenta e três praias que vem todo mundo para cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória”*<sup>264</sup>.

Para Raul Caldas Filho a presença de turistas no ano de 1979 não seria bem uma novidade, pois *“já havia fortes indícios, em verões anteriores, de que estávamos sendo descobertos”*<sup>265</sup>. Contudo, chamava a atenção do cronista naquele momento seu grande número o que permitia a ele dizer que a Ilha teria sido *“invadida e tomada de assalto por hordas turísticas vindas de todos os estados brasileiros e, mui especialmente, dos platinos países vizinhos”*. As ponderações daquele dia relacionavam-se com a constatação do cronista de que *“a ‘invasão’ tem causado alguns transtornos ao ilhéu, que, de repente, viu que o seu ‘pedacinho de terra perdido no mar’ está sendo devidamente disputado, como deliciosa guloseima por visitantes de outras plagas”*<sup>266</sup>.

<sup>262</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 17 jan. 1976.

<sup>263</sup> Ibidem.

<sup>264</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

<sup>265</sup> CALDAS FILHO, Raul. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 11 fev. 1979.

<sup>266</sup> Ibidem.

Dentre os turistas que recebiam maior atenção dos cronistas e colunistas de variedades eram os argentinos que ocupavam a primeira posição<sup>267</sup>. Eles davam destaque a situações de desavenças na cidade envolvendo a *“inusitada movimentação de gente (e bota gente nisso!) estranha”*. Caldas Filho, por exemplo, descrevia em 1979 ocorrências relacionadas com a circulação de argentinos em trajes de banho pelas ruas do centro da capital catarinense: *“uma delas chegou a causar um tremendo rebu ao chegar num banco da cidade trajando nada mais, nada menos, do que um exíguo biquíni”*. Outro local em que, segundo ele, se desenrolariam conflitos era no trânsito. Devido a falta de sinalização adequada *“os visitantes que chegam pela primeira vez páram aqui, páram ali, como baratas tontas e acabam causando verdadeiros tumultos no já caótico trânsito florianopolitano”*<sup>268</sup>. Outro cronista a fazer menção a atritos era Flávio José Cardozo que cedia espaço a indignação de uma parte dos residentes com o tratamento privilegiado que os argentinos estariam recebendo no comércio local. Na crônica, *“Almoço na Argentina”*, ele retrata a situação de uma família de florianopolitanos que desinformada *“dos mais recentes hábitos de certos restaurantes e certas baiúcas da Ilha”*<sup>269</sup> havia sido explicitamente preterida durante uma confraternização dominical. Na ida a um restaurante, mesmo tendo adentrado ao recinto antes de um grupo de argentinos, a família veria os garçons a eles se dirigiram com diligência: *“Com espanto e raiva, viram todos os garçons correrem para os recém-chegados, canetinha em riste, caderninho pronto para receber suas ordens”*<sup>270</sup>. Ainda sobre atritos no comércio local, Beto Stodieck mencionava situações de crises de abastecimento nos supermercados que não estariam conseguindo suprir a demanda por alguns produtos. No balcão de venda de carne de um deles teria acontecido, segundo o colunista, uma pequena revolta envolvendo um *“exagerado argentino”* que *“lotava carrinho com partes de frango às ordens, porém no final. Enquanto a fila agoniava-se achando que nada mais sobraria, tal a volúpia portenha...”*<sup>271</sup>. Stodieck mencionava que uma das pessoas presentes no local ao perceber que *“o gringo não*

<sup>267</sup> O que não era para menos se for considerado sua presença em grande número na cidade. Em 1980, por exemplo, a *“invasão argentina”*, título da crônica de Raul Caldas Filho antes mencionada, era mensurada pelo jornal O Estado pelo impacto no comércio varejista: *“cheios de dólares, eles compram tudo”*. In: O ESTADO. Florianópolis, 20 jan. 1980. Em período posterior a expressiva presença de argentinos se tornaria explícita nos dados pesquisados pela Santur - Santa Catarina Turismo S/A, empresa de economia mista vinculada a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte do governo de Santa Catarina. Na série de estatísticas de 1993, por exemplo, dos 178.332 turistas que visitaram Florianópolis, 93,62% eram argentinos. Percentual que manteve-se quase estável nos anos seguintes haja vista que no ano de 2000 os turistas provenientes da Argentina representavam 86,34% do total recebido pelo município. No anexo XVIII existe uma tabela com o número de turistas estrangeiros em Florianópolis entre 1993 e 2000.

<sup>268</sup> CALDAS FILHO, Raul. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 11 fev. 1979.

<sup>269</sup> CARDOZO, Flávio José. *Senhora do Meu Desterro*. Fundação Franklin Cascaes, Lunardelli, Florianópolis: 1991. p. 133.

<sup>270</sup> Ibidem. p. 133.

<sup>271</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1989.



*deixou sobrar aos brasileiros” teria colocado “maleducada mão no carrinho argentino, retirando compulsórios pedaços de frangos, soltando irritado: essas partes são minhas – e por que é que vocês comem tanto, hem?”*<sup>272</sup>.

Conforme se percebe acima, a relação com os visitantes da cidade, particularmente no que se refere aos argentinos, mostrava-se tensa aos olhos dos cronistas e colunistas de variedades. Por outro lado, no decorrer dos anos, é possível notar que a forma como elas foram abordadas sofreu algumas modificações. Isso porque passaram a se manifestar outras preocupações que não aquelas relacionadas *“com falares diferentes e hábitos um tanto quanto extravagantes”*. Beto Stodieck, por exemplo, ressaltava a necessidade da criação de uma estrutura que possibilitasse uma recepção satisfatória do turista. Ele destacava, por exemplo, que *“o ‘moderníssimo’ terminal da ‘Rita Maria’ simplesmente não tem uma rampa que leve ao segundo piso os pobres dos paraplégicos a bordo de suas cadeiras de rodas”*<sup>273</sup>. O colunista também ressaltava a importância de que nos locais voltados ao atendimento de turistas houvesse pessoas que dominassem diferentes idiomas. Sobre isso ele comentava: *“turista alemão, em passagem pela ilha, foi pedir informações no Diretur e não pode recebê-las. Motivo: não havia quem falasse, naquele momento, já não digo o alemão, mas inglês ou francês”*<sup>274</sup>. Outro ponto enfatizado por Stodieck estava relacionado ao atendimento prestado nos restaurantes e bares de Florianópolis os quais seriam caracterizados pela *“má educação, a deselegância, além da desinformação (nem sabem o que tem pra servir) é a mais inexplicável da maioria dos garçons ilhéus”*<sup>275</sup>. Quanto a isso ele afirmava que: *“Florianópolis precisa, urgente! De uma escola básica de boas maneiras à manezada desarvorada que se pretende a mesa, servindo”*<sup>276</sup>.

Outra preocupação manifestada por Beto Stodieck estava relacionada com a inexistência de uma infraestrutura urbana capaz de suportar o aumento do número de pessoas em Florianópolis. Sobre a construção de um empreendimento imobiliário na Lagoa da Conceição com *“seis blocos de quatro andares cada, com garagens individuais, não sei quantos apartamentos”*, Stodieck manifestava revolta. Em relação a viabilidade ambiental do projeto questionava: *“aliás, a propósito, e a merd(\*) em geral vai mesmo pra onde? Pois sabe-se de montão que a região (Retiro da Lagoa chama-se), sequer sonha com esgoto...”*<sup>277</sup>.

<sup>272</sup> Ibidem.

<sup>273</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 17 abr. 1986.

<sup>274</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 6 jan. 1976.

<sup>275</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 21 jan. 1986.

<sup>276</sup> Ibidem.

<sup>277</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 7 fev. 1987.

Se for levado em conta os dados sobre o saneamento básico existente em Florianópolis, a preocupação do colunista se justificava. Em comparação com outros municípios brasileiros o número de casas que possuíam rede de esgoto era muito baixo. Em 1980, por exemplo, do total de domicílios existentes no município de Florianópolis, 34,45% possuíam ligação com a rede geral de esgoto. Em Porto Alegre esse percentual era de 47,50% e em Curitiba ultrapassava a metade das residências nele existentes: 51,25%. Onze anos mais tarde, em Florianópolis o número de domicílios nesse quesito diminuiu para 30,54%, movimento também observado no município de Porto Alegre (32,25%). Em Curitiba, ao contrário, o percentual chegou a quase sessenta por cento (59,45%)<sup>278</sup>. Aos olhos do colunista deveria ser motivo de estarecimento o descompasso acima apontado tendo em vista que o município era visitado prioritariamente por suas belezas naturais. Cite-se, por exemplo, que em 1993 essa foi a motivação alegada por 70,77% dos turistas que nele chegaram<sup>279</sup>.

O novo teor das observações realizadas a partir da década de 1980 acerca da presença de visitantes em Florianópolis podem ser vistas como tradutoras da importância que o turismo ia adquirindo na economia do município. Como visto no capítulo 1, boa parte do PIB municipal associava-se a atividades ligadas ao setor e ao efeito em cascata que ele ocasionava. Frente a essa situação, José Flávio Cardozo resumia-se a rogar que o *“turismo seja para nós um bem e não um mal”*<sup>280</sup>.

#### 2.2.5. Novos moradores.

Se a presença de turistas era motivo de tensões na cidade seria de imaginar que, em se tratando de novos moradores, elas fossem bem mais intensas. Isso porque os conflitos *“entre a cidade que vive a sua vida 365 dias ‘por ano’ e o pólo turístico que é uma grande confusão”* durava, conforme lembrava Beto Stodieck, *“dois, três meses pelo verão”*<sup>281</sup>. Contudo, visitantes não votam nem almejam espaço político, não disputam vagas nas universidades ou no mercado de trabalho, e não podem ser responsabilizados pelo aumento da criminalidade pois, a princípio, turistas visitam, mas retornam às suas cidades de origem. Ou seja, em se tratando de novos moradores, o teor dos conflitos que a eles se pode atribuir é bastante diferente.

<sup>278</sup> Percentuais calculados a partir da variável: “só do domicílio com rede geral”. Nos anexos XIX, XX e XXI existem tabelas com o saneamento básico existente em Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre entre 1980 e 1991.

<sup>279</sup> No anexo XXII existe uma tabela sobre as motivações que levaram os turistas a visitar Florianópolis entre 1993 e 2000.

<sup>280</sup> CARDOZO, Flávio José. *Senhora do Meu Desterro*, op. cit. p. 158.

<sup>281</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 12 jan. 1989.

De fato, a diferença acima destacada se manifestava em diversas ambiências na cidade. Nas cartas escritas para os jornais ganhava expressão, por exemplo, a revolta de alguns moradores sobre o *“preconceito que certos florianopolitanos têm contra as pessoas que vem de outros estados para cá, com o objetivo de trabalhar e contribuir para o progresso da terra”*<sup>282</sup>. Nessas cartas, a própria imprensa era alvo de indignação, pois era vista como um veículo que contribuía para a formação de idéias negativas sobre os migrantes. Um dos leitores, por exemplo, se dizia *“mais indignado ainda quando vejo certos jornais enquadrarem bandidos pelo seu estado de nascimento”*<sup>283</sup>. No mesmo sentido, outro leitor ponderava que a cobertura jornalística daria ênfase na identificação de criminosos naturais do Rio Grande do Sul e por isso observava: *“não vejo destaque quando se trata de meliantes paranaenses, paulistas ou de outro estado da federação. Só os gaúchos. Não haveria aí uma forma disfarçada de preconceito?”*<sup>284</sup>. Ao que tudo indica as cartas desses leitores não se constituíam em vozes isoladas, mas seriam expressão de um sentimento compartilhado por vários leitores do jornal O Estado. O que obrigaria a redação do periódico a manifestar-se: *“não se trata de xenofobia. É uma coincidência infeliz, principalmente porque a maioria destes assaltantes presos é constituída de perigosos foragidos do Presídio Central de Porto Alegre”*<sup>285</sup>. Por outro lado, o colunista Beto Stodieck que havia lido *“no noticiário policial que 87,5 por cento dos criminosos de Florianópolis são de fora, inclusive do estrangeiro”*, parecia não se preocupar com essa parcela dos leitores do jornal. Isso porque, frente a incidência de crimes em Florianópolis, ele sugeria que *“ao invés de querer fazer mais e mais pontes ligando a outrora pacatez aos aventureiros de toda a espécie, vamos cortar o mal pelas pontes...”*<sup>286</sup>. No ano anterior, o mesmo colunista já havia manifestado opinião semelhante ao associar o aumento da violência no município ao *marketing* em torno de Florianópolis. Ele mencionava quanto a isso que: *“soltaram com ares de vaidade aos quatro cantos do país que FLN é cidade pacífica, porém atlântica, e que aqui é tranquilo viver porque não temos violência – e a resposta aí está”*<sup>287</sup>.

Tensões envolvendo os novos moradores também se manifestavam, como dito no capítulo 1, quando o assunto era sua presença no mercado de trabalho. Na descrição que realizava do ilhéu, termo que fazia referência ao morador da parte insular de Florianópolis,

<sup>282</sup> O ESTADO. Florianópolis, 25 abr. 1995.

<sup>283</sup> Ibidem.

<sup>284</sup> O ESTADO. Florianópolis, 17 mar. 1995.

<sup>285</sup> Ibidem.

<sup>286</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 9 mar. 1990.

<sup>287</sup> O ESTADO. Florianópolis, 3 mar. 1989.

Aldírio Simões fazia referência as dificuldades de “*disputar com um cidadão do interior o melhor e mais cobiçado cargo político-burocrático*”<sup>288</sup>. Contudo, eram nas colunas de Beto Stodieck que as tensões acerca das disputas por cargos e empregos na cidade tornavam-se mais explícitas. O colunista observava, por exemplo, que os migrantes provenientes do Rio Grande do Sul teriam se instalado na cidade e de maneira sorrateira teriam ocupado os cargos mais valorizados. Ele mencionava sobre isso que o ilhéu “*quando retornou do cafezinho do Ponto Chic, o gaúcho já era seu chefe...*”<sup>289</sup>. Ainda sobre o mesmo tema, o colunista afirmava em outra situação que “*gaúcho adora chefiar ilhéu – é o sonho da vida deles*”<sup>290</sup>. De certa forma as palavras do colunista traduziam um cenário existente ou que pelo menos existiu no seu ambiente de trabalho, ou seja, na redação do jornal O Estado. Valente, por exemplo, ao realizar uma reconstituição histórica da imprensa em Florianópolis na segunda metade do século XX, ressalta a grande presença de profissionais do Rio Grande do Sul nas redações dos principais jornais da cidade. Em 1972 ele trabalhava no jornal O Estado e observava que: “*naturalmente, os postos principais nas principais editorias eram ocupados pelos gaúchos. Eles eram os jornalistas experientes. Nós éramos os iniciantes*”<sup>291</sup>.

No que se refere ao olhar dos cronistas e colunistas de variedades de Florianópolis, os conflitos envolvendo novos moradores que receberam mais atenção relacionaram-se à acusação de que eles estariam contribuindo para a perda dos traços culturais que supostamente caracterizariam os florianopolitanos. E, nessa matéria, era novamente aos migrantes sulriograndenses que se dedicava mais espaço. Beto Stodieck, por exemplo, atribuía a irritação que sentia ao perfil que, segundo ele, uma parte desses novos moradores possuíam. Desde o início da década de 1970 ele realizava ponderações sobre isso: “*eu não tenho nada contra os gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar*”<sup>292</sup>. Anos mais tarde, ele era mais incisivo quando pretendia traçar o perfil dessa parcela de migrantes: “*o gaúcho, de irresistível natureza migratória e arrebatada disposição, chega com tudo – com o hábito do chimarrão, fazendo a boca torta, de botas e bombachas, amarrando cavalo na ponte, aterrissando avião da Varig no aterro da*

<sup>288</sup> SIMÕES, Aldírio. O ESTADO. Florianópolis, 24 de março de 1990.

<sup>289</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 7 set. 1988.

<sup>290</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 8 nov. 1983.

<sup>291</sup> In: VALENTE, César. *A Imprensa na Grande Florianópolis*. p. 75. In: BALDESSAR, Maria José; CRISTOFOLETTI, Rogério. *Jornalismo em perspectiva*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

<sup>292</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 6 dez. 1974.

*Baía Sul...*”<sup>293</sup>. Compartilhando da mesma opinião, o cronista Aldírio Simões declarava, também na década de 1980, em entrevista: “*adotar a cidade é um direito de todos, mas as pessoas devem se adaptar à vida local, com suas marcas de colonização açoriana, que devem ser curtidas como elas são*”<sup>294</sup>. Se for levado em conta a expansão do movimento tradicionalista gaúcho (MTG) em Santa Catarina, as manifestações do cronista e do colunista ressaltadas acima eram compreensíveis. Entre 1986 e 1995, por exemplo, foram criados em média 20 Centros de Tradição Gaúcha (CTG) por ano em Santa Catarina, onde eram promovidos rodeios, bailes e festas que atraíam milhares de pessoas<sup>295</sup>. O presidente de honra do MTG procurava, em 1993, não acirrar os conflitos em Florianópolis observando que seria improvável que fosse criado nesse município um CTG<sup>296</sup>. Contudo, isso não era suficiente para colocar um fim nas preocupações dos colunistas. No mesmo dia da reportagem citada, era Cacau Menezes quem manifestava sua “*preocupação com a massificação da cultura gaúcha na Ilha de Santa Catarina. A cultura açoriana, tão forte, está morrendo e ninguém faz nada*”<sup>297</sup>.

Como se pode perceber, os observadores do cotidiano de Florianópolis deram grande destaque as tensões socioculturais relacionadas com a presença de migrantes. Nos casos acima destacados, boa parte de suas opiniões remetiam a uma identificação surgida em Santa Catarina em um movimento denominado por Flores de *invenção da açorianidade*. Esse movimento, que teve seu auge no Primeiro Congresso Catarinense de História, realizado em Florianópolis no ano de 1948, possuía relação com tensões sociais associadas às imigrações acontecidas em Santa Catarina<sup>298</sup>. Desde o século XIX, em torno de cidades como Blumenau e Joinville, oriundas de áreas de colonização alemã, existia uma visão que as concebia como modelo de desenvolvimento. Nesse olhar, os alemães eram representados como indivíduos com uma grande disposição ao trabalho, e eram contrastados aos moradores do litoral

<sup>293</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 11 dez. 1984.

<sup>294</sup> O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987.

<sup>295</sup> Sobre os conflitos envolvendo a expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina ver: FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da Univali, 2000. CAMPOS, Emerson César de. *O Catarinense de Bombacha: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959 – 1997)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1999. E, ainda: DIAS, Rafael Damaceno. *Que invasão é essa? Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

<sup>296</sup> Para a reportagem do jornal Diário Catarinense ele teria afirmado: “*o MTG não vai autorizar. Para ser criado, o CTG precisa ter cancha de rodeio e local para manter o gado. Não existe terreno na Ilha para isso e se existir é muito caro. No máximo pode ser criado um grupo artístico*”. In: DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

<sup>297</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

<sup>298</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: ed. da UFSC, 1997.

catarinense, tidos como pessoas sem a mesma capacidade<sup>299</sup>. Contudo, visões como essas não eram unânimes, pois existiam percepções bastante negativas sobre os imigrantes as quais alimentavam nacionalmente uma desconfiança em relação aos germânicos<sup>300</sup> que recrudesceu e adquiriu contornos mais concretos a partir da Primeira Guerra Mundial<sup>301</sup>. No estado de Santa Catarina, essa desconfiança se fez acompanhar de uma desqualificação dos imigrantes e uma valorização do povoamento açoriano. Isso acontecia a partir da idéia de que o estabelecimento desse contingente em território catarinense teria possibilitado que a coroa portuguesa assegurasse a posse da costa sul brasileira e, notadamente, da Ilha de Santa Catarina. Em meio a esse movimento, os açorianos surgiram como uma identificação disponível aos moradores de Santa Catarina, em especial aos de Florianópolis<sup>302</sup>. Uma identificação que era acionada com frequência nas abordagens dos conflitos envolvendo novos moradores nesse município nas últimas décadas do século XX.

Como visto no decorrer do presente capítulo, na abordagem dos mencionados conflitos é possível identificar a presença de uma visão binária sobre a população de Florianópolis, haja visto que ela era dividida em dois grupos: florianopolitanos e migrantes. A essa polarização poderiam ser atribuídas duas características. Por um lado, ela era expressão da intensidade das tensões socioculturais existentes. E, por outro, ela negligenciava a existência de outras dinâmicas socioculturais como, por exemplo, o fortalecimento dos vínculos sociais construídos pelos migrantes em Florianópolis, como se verá no próximo capítulo.

---

<sup>299</sup> ARAÚJO, *A invenção do litoral*, op. cit.

<sup>300</sup> FROTSCHER, Méri. *A cultura alemã como “ameaça” à cultura luso-brasileira: nacionalização e conflitos culturais em Santa Catarina*. p. 423-479. In: *O Beijo Através do Atlântico: o lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó, Argos: 2001.

<sup>301</sup> MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *O Estado Novo e a questão da identidade nacional: a elaboração do outro*. In: SZESZ, Christiane Marques et alii (org.). *Portugal-Brasil no século XX: Sociedade, Cultura e Ideologia*. Bauru-São Paulo: EDUSC, 2003.

<sup>302</sup> FLORES, op. cit.

### 3. Uma síntese das transformações socioculturais

Sou ilhéu. Graças a Deus.  
Aldírio Simões. Cronista.

Esse capítulo é dedicado a examinar de que forma as transformações socioculturais acontecidas em Florianópolis nas últimas décadas do século XX foram vistas pelos cronistas e colonistas da cidade. O capítulo inicia-se examinando a percepção existente nas crônicas, colunas de variedades e na imprensa em geral, de que teria havido um aumento da violência urbana no município o qual foi visto como mais um indicativo da nova Florianópolis.

Em meio a essa percepção, é possível identificar uma mudança no foco de atenção dos observadores de Florianópolis. Mais e mais, o desafio dos cronistas e colonistas de variedades parece ter deixado de ser o de interpretar uma cidade na qual migrantes com alto capital cultural ludibriavam antigos moradores. A partir da década de 1980, o alvo principal das reflexões dos cronistas e colonistas parece ter se voltado à maneira de como realizar seu trabalho em um município que havia se tornado mais diversificado socialmente. Em meio a esse movimento, é possível destacar um esforço de coleta e divulgação de histórias inusitadas que supostamente teriam ocorrido no município. Um esforço que deu forma a uma representação de uma Florianópolis que teria se perdido no transcurso das transformações acontecidas nas últimas décadas do século XX.

#### 3.1. Migração e violência urbana.

No dia dois de março de 1989 um assalto causou admiração em Florianópolis pelo modo como foi executado. Um prédio no qual residiam políticos, juízes e outros funcionários de alto escalão da administração pública, localizado em uma das áreas mais valorizadas da cidade, a avenida Beira-Mar Norte, foi invadido. Durante a ação, homens armados fizeram como reféns grande parte dos moradores do edifício e assaltaram seis, dos onze apartamentos que ali existiam. No dia seguinte, nas páginas do jornal O Estado, também eram destacados os valores roubados: *“os assaltantes fugiram com mais de NCz\$ 500 mil em jóias e dinheiro (dólares e cruzados) depois de dominar cerca de 30 pessoas que ficaram trancadas na sauna do prédio durante o tempo em que durou o assalto”*<sup>303</sup>. A audácia dos bandidos, reiterada pelas declarações dos policiais responsáveis pelas investigações, era descrita com detalhes

---

<sup>303</sup> O ESTADO. Florianópolis, 3 mar. 1989.

pela reportagem: “segundo o porteiro, a primeira providência dos assaltantes foi a de cortar os fios dos telefones, impossibilitando, assim, qualquer comunicação externa”<sup>304</sup>. E, em função do número de pessoas envolvidas, e do grau de sofisticação dos criminosos, o mesmo periódico afirmava que aquele havia sido “o primeiro e maior assalto do gênero em Santa Catarina. Nunca ninguém ousou tanto”<sup>305</sup>.

O assalto acontecido no início de março de 1989 também foi comentado pelos observadores do cotidiano de Florianópolis. E, assim como na imprensa em geral, ele também foi visto como indicativo de que o município havia transformado-se radicalmente. O cartoonista Bonson<sup>306</sup>, por exemplo, comentava com ironia que o assalto era prova de que Florianópolis poderia considerar-se uma cidade de grande porte. Em uma de suas charges, que trazia o diálogo entre duas pessoas que caminhavam pelas ruas da cidade, podia-se ler a seguinte afirmação feita por uma delas: “aquele prédio ali foi totalmente assaltado. Igualzinho Rio e São Paulo”<sup>307</sup>. No mesmo sentido, também o colunista Beto Stodieck comentava que “decididamente após o desagradável incidente, Florianópolis não é mais a mesma – e se a polícia não for de fato eficiente, a praça é ‘sua’”<sup>308</sup>.

Era compreensível, diante da complexidade do acontecimento, que a imprensa e seus observadores demonstrassem admiração com o assalto ocorrido em março de 1989. Contudo, se for levado em conta o número de notícias publicadas sobre crimes acontecidos em Florianópolis, torna-se razoável supor que a idéia de que a cidade não mais fosse um lugar pacífico já estivesse presente entre muitos dos leitores dos jornais. Crimes de toda ordem pululavam das páginas dos periódicos desde período anterior ao assalto acontecido em 1989. No dia primeiro de setembro de 1978, por exemplo, um homem com uma extensa ficha criminal, foi preso em posse de um revólver nas imediações da Praça XV de Novembro após tentar assaltar um transeunte<sup>309</sup>. No dia 19 de janeiro de 1980 o jornal O Estado descrevia uma perseguição policial acontecida na rua Fúlvio Aducci, uma das mais movimentadas do bairro Estreito, na parte continental de Florianópolis. A fuga dos envolvidos terminou com o

<sup>304</sup> Ibidem.

<sup>305</sup> Ibidem.

<sup>306</sup> Bonson era a forma com que Sérgio Luiz de Castro Bonson assinava seus mais diferentes trabalhos os quais incluíam a produção de charges para jornais como O Estado, o Jornal de Santa Catarina e o A Notícia. Também realizou trabalhos para jornais de circulação nacional como o O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Bonson nasceu em Florianópolis em 1949 e faleceu em 2005. Era graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e iniciou a publicação de suas charges na imprensa catarinense em 1974. Sobre o autor ver: PETRY, Michele Bete. *Entre desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor: a cidade e o cotidiano de Florianópolis (SC) na obra de Sérgio Bonson*. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2011.

<sup>307</sup> Ibidem.

<sup>308</sup> Ibidem.

<sup>309</sup> O ESTADO. Florianópolis, 1 set. 1978.



motorista do automóvel sendo alvejado por um tiro<sup>310</sup>. Quatro anos mais tarde, o Jornal de Santa Catarina reportava uma recém criada associação de moradores que pretendia reunir os moradores de uma rua do município. A finalidade da agremiação era aumentar a segurança dos habitantes do local pois, conforme seu idealizador destacava, “*quase todas as trinta residências dos aproximadamente 250 metros de extensão de nossa rua, já foram visitadas por ladrões*”<sup>311</sup>. No ano de 1985, era o jornal O Estado que trazia como destaque a fuga de indivíduos da penitenciária estadual de Santa Catarina. Fazendo um retrospecto daquele ano, a reportagem afirmava que: “*o mês de janeiro foi marcado, em Florianópolis, por uma sucessão de fugas que acabou, inclusive, provocando a saída do diretor da Penitenciária Estadual*”<sup>312</sup>.

Entre os colunistas e cronistas de Florianópolis, também é possível encontrar observações sobre crimes de toda ordem, onde ganhava destaque a idéia de que a violência urbana teria alcançado níveis alarmantes no município. Caldas Filho, por exemplo, em crônica publicada em 1975 narrava três assassinatos acontecidos em Florianópolis. O primeiro deles, ocorrido nas imediações do mercado público, localizado no centro da cidade, era sobre o assassinato de um homem por um tiro após uma desavença acontecida dentro de um bar. O segundo assassinato, também uma desavença entre dois homens, terminara com um degolando o outro nas redondezas do Aterro da Baía Sul, no centro da capital. Motivo: um desacordo sobre a quantia paga para ambos manterem relações sexuais. O último dos crimes versava sobre um estupro, seguido de assassinato, de uma garota de seis anos nas imediações de um lugar onde costumava brincar no bairro do Estreito, na parte continental de Florianópolis. Frente aos crimes cometidos, o cronista Caldas Filho manifestava incompreensão, exposta da seguinte maneira:

Os dois primeiros relatos são adaptações livres (onde os detalhes não seguem necessariamente os fatos reais) de dois crimes ocorridos recentemente na nossa outrora pacata cidade. O terceiro texto refere-se a um crime escabroso ocorrido no Estreito na semana passada e que ainda está fresco na memória de todos. Nesse a imaginação ficcionista pouco valeu (só omitiu). A realidade, de fato, muitas vezes, vai bem mais além do que a imaginação.

Explicações? Que se manifestem nossos psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e sei mais lá quem, neste mundo atulhado de racionalidade, mas com pouquíssimas soluções.

Mas de uma coisa tenho certeza: a ilha já não é mais aquela<sup>313</sup>.

De maneira semelhante ao modo como Caldas Filho descrevia a violência urbana na década de 1970, o cronista Cardozo, na década de 1980, também demonstrava admiração com

<sup>310</sup> O ESTADO. Florianópolis, 19 jan. 1980.

<sup>311</sup> JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 21 jul. 1984.

<sup>312</sup> O ESTADO. Florianópolis, 9 jun. 1985.

<sup>313</sup> CALDAS-FILHO, Raul. O ESTADO. Florianópolis, 24 jul 1975.

a ocorrência de crimes violentos na capital catarinense. Nas reflexões desse cronista, o aumento da violência poderia inclusive ser detectado em transformações comportamentais entre os moradores da cidade. Ele narrava, por exemplo, o caso de uma senhora que havia decidido matricular-se em um curso de artes marciais após ter sido alvo de um assalto<sup>314</sup>. Também era motivo de destaque para o cronista o fato de que, como se não bastasse a violência sofrida, a mulher ainda teria sofrido represálias ao ser acusada pelo marido de estar distraída no momento do crime:

Aquilo doeu. Cabeça tonta... Quis dizer que não costumava andar, não senhor, de cabeça tonta quando ia pagar as prestações no fim do mês, mas viu que o marido estava muito atordoado com o acontecimento e o melhor era ficar quieta. Sentia-se arrasada, claro, mas não culpada pelo que houve. Não acontece com qualquer um? Quem é que está livre duma violência assim hoje em dia? Mundo grosseiro o desses homens! De um lado, um ladrão quem vem, puxa, rouba, foge; de outro, essa verdadeira acusação de que entregou quase de propósito o ouro ao bandido<sup>315</sup>.

Segundo o olhar de Cardozo, outra mudança comportamental que também estaria ocorrendo em Florianópolis relacionava-se ao ato de ceder carona. Ele manifestava, nesse sentido, receio de que a prática desaparecesse entre os habitantes do município devido o medo dos assaltos<sup>316</sup>. Diante dessa situação, e tendo em conta que *“no mais das vezes, é um medo ridículo”*, o cronista dedicava-se a defender a carona para seus leitores. E por isso tergiversava: *“o perigo de assalto, sabemos, sempre existe. E existe brincadeira mais boba que uma faca ameaçando o pescoço? Mas o perigo é da vida, poxa! Todo caminho da gente é resbaloso, já não diz Riobaldo? Que o medo de um hipotético assalto não estrague, portanto, a prática dessa rara virtude urbana, a carona”*<sup>317</sup>. Para corroborar suas idéias, o cronista relatava o caso de um homem que teria sido confundido com um assaltante ao receber uma carona. A situação havia acontecido porque o condutor do automóvel, que esquecera os documentos pessoais na residência em que vivia, teria associado o desaparecimento a presença do caroneiro. A desconfiança levou o condutor a ameaçar seu tripulante, obrigando-o a descer do carro e a ceder um objeto que o motorista acreditava ser o recipiente onde guardava os documentos desaparecidos. De acordo com o cronista, a história somente teria sido desvendada dias depois, quando o caroneiro teria recebido pelo correio o objeto roubado e um envergonhado pedido de desculpas. Para Cardoso, mal entendidos como esses demonstravam que mesmo com os riscos que a prática da carona possuía, ele entendia que ela deveria não apenas continuar, mas prosperar. E por isso, concluía: *“a partir do assalto em*

<sup>314</sup> CARDOZO, Flávio José. *Beco da Lamparina*, op. cit., p. 125.

<sup>315</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>316</sup> Ibidem, p. 147.

<sup>317</sup> Ibidem.

*Tijuquinhas, o infeliz caroneiro ficou meio medroso e compreende-se: um revólver, afinal, não é nenhum xarope São João, o amigo do peito. Mas ele já ri do incidente e vai voltando a acreditar que a carona, com todos os riscos que oferece de parte a parte, é mesmo um momento de pureza na fumaceira nossa de cada dia*”<sup>318</sup>.

Apesar de considerações como essas tecidas por Cardozo, a defesa da prática da carona parece ter se tornado mais complicada com o passar dos anos. Pelo menos é o que se apreende das palavras de outro observador do cotidiano de Florianópolis. Com um teor bastante diferente da crônica de Cardozo, o colunista Beto Stodieck narrava, no final da década de 1980, um caso no qual teria sido protagonista. Na situação por ele vivenciada, caso cedesse a pretendida carona, as consequências teriam sido imprevisíveis:

- Ei, tio, me dá uma carona... (com voz mole, arrastada, uma coisa “doente”).  
 Não dei, é claro – ainda bem. E tão logo neguei, o pivete se atracou ao meu braço esquerdo através da janela aberta, tentando arrancar o meu relógio...  
 O sinal estava fechado, mesmo assim arranquei, pôr pouco não arrastando o franzino...  
 Olhei, pelo retrovisor e vi, saindo do mato ao lado da casa do “barão”, mais uns três marmanjos; tudo d’uma gang só, presumi...  
 Frustrrei um assalto. (Quem teria sido a próxima vítima?)<sup>319</sup>.

Excertos como esse escrito pelo colunista Beto Stodieck, vistos em conjunto com outros que foram destacados anteriormente, parecem indicar que havia nas colunas de variedades e nas crônicas um significado bastante preciso de violência urbana. Isso porque, dentro de um universo de situações que poderiam ser caracterizadas como violentas, o olhar dos cronistas e colunistas associava o crescimento da violência em Florianópolis com a ocorrência de crimes como furtos e homicídios. Em 1984, por exemplo, Beto Stodieck destacava que: *“se até há pouco éramos uma Capital inusitada (até assaltos diziam que não tínhamos...) entre as tantas do País, sem os problemas de metrópoles, mas com nível de vida razoável diante do caos instalado, a coisa, agora, parece ter mudado*”<sup>320</sup>. No ano de 1988, era a vez do colunista Cacau Menezes ressaltar que *“nota-se não apenas preocupação, mas um indisfarçável pavor, com a descoberta de que o famoso Comando Vermelho carioca está fincando uma filial em Santa Catarina, mais especificamente em Florianópolis*”<sup>321</sup>. E, em 1999, o mesmo colunista observava que: *“nos bairros, bares e estádios de Florianópolis, de*

<sup>318</sup> CARDOZO, Flávio José. *Beco da Lamparina*, op. cit., p. 149.

<sup>319</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 19 abr. 1989.

<sup>320</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 28 jul. 1984.

<sup>321</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 22 mar. 1994.

*cada 10 carros estacionados, três já foram arrombados este ano. Alguns, muitos, mais de uma vez*”<sup>322</sup>.

Esse sentido particular de violência urbana pode ser evidenciado a partir de uma leitura das crônicas escritas por Aldírio Simões no qual ele aborda um período anterior aos anos setenta. Em suas narrativas sobre as décadas de 1950 e 1960 podem ser encontrados: um estupro envolvendo um oficial da marinha e um soldado recém ingressado nessa corporação, uma pancadaria generalizada no perímetro central de Florianópolis com a participação de marinheiros, taxistas e um futuro advogado, o espancamento de uma pessoa com baixo poder aquisitivo perpetrado por policiais e, ainda, um tiroteio ocorrido no centro da cidade envolvendo um político e o filho de um delegado do município<sup>323</sup>. Em todos esses episódios, que envolviam pessoas de diferentes segmentos sociais, a brutalidade descrita é narrada em tom anedotário. Ou seja, não é associada com a existência de violência urbana em Florianópolis.

### 3.1.1. Homicídios

A partir da observação de alguns dados sobre criminalidade em Florianópolis desde a década de 1970, se pode compreender algumas das razões que levaram cronistas e colonistas de variedades a dedicarem tamanha atenção à violência urbana. O homicídio, por exemplo, considerado por eles como um dos termômetros para mensurar a violência, se fez presente em número cada vez maior nas estatísticas oficiais. Em 1971, por exemplo, nos dados do Ministério da Saúde não existe nenhum homicídio assinalado para Florianópolis<sup>324</sup>. Nove anos mais tarde, em 1980, os dados oficiais anotavam 4,3 mortes por assassinato para cada cem mil habitantes do município<sup>325</sup>. E, no ano de 1990, a cifra registrada foi de 10,9. Segundo as estatísticas oficiais, Florianópolis iniciava a década de 1980 com uma taxa de homicídios semelhante àquelas existentes nos grandes centros urbanos brasileiros, o que pode ser verificado na tabela XVII:

<sup>322</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 2 jul. 1999.

<sup>323</sup> SIMÕES, Aldírio, *Domingueiras*, op. cit.

<sup>324</sup> No ano de 1971, não existe a especificação ‘homicídio’ na tabela que anota as causas de morte externas disponibilizadas pelo IBGE. Contudo, nessa tabela existe um espaço relativo às variáveis E-960 e E-999 as quais, na Classificação Internacional de Doenças, 9ª revisão (CID-9), estão inseridas as mortes por assassinato (E-960). O fato desse espaço não possuir valor algum na tabela disponível pelo IBGE, não significa que não tenha havido nenhum homicídio em Florianópolis, mas, sim, indica que as estatísticas não fazem o registro de nenhum assassinato no município naquele ano. Vale destacar que essa consideração norteia toda a discussão realizada nesse item, o qual entende os dados apresentados como registros oficiais.

<sup>325</sup> Valor obtido a partir da seguinte proporção: se em 1980, o número de homicídios registrados foi de 8 para uma população de 187.880 moradores, então para cada cem mil moradores, anotaram-se 4,3 homicídios. Cálculo realizado a partir dos dados do IBGE.

TABELA XVII - TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS NOS MUNICÍPIOS DE CURITIBA, FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE.

	1980	1990
Curitiba	7,7 <sup>326</sup>	16,6
Florianópolis	4,3	10,9
Porto Alegre	5,7 <sup>327</sup>	24

FONTE: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Estatísticas do Século XX*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/seculoxx>>

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Séries Estatísticas e Séries Históricas*. Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br>>

Segundo os registros contidos na tabela XVII, Florianópolis passou a conviver, na década de 1980, com índices de homicídios semelhantes àqueles de municípios como Curitiba e Porto Alegre. Em Curitiba, entre 1980 e 1990, foi registrado um aumento de 115,6% no número de mortes por assassinato a cada cem mil habitantes. Em Porto Alegre, esse aumento foi de 321,0%, e, em Florianópolis, a elevação observada no período foi de 153,5%. Para esse município, nos anos noventa, é registrado um aumento em relação à década anterior, pois apenas para o ano de 1992 é apresentado um valor igual aquele existente em 1980:

TABELA XVIII - TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS A CADA CEM MIL HABITANTES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS NA DÉCADA DE 1990.

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Florianópolis	10,9	5,1	4,3	7,5	5,5	8,7	10	11,3	9,3	10,3	11,1

FONTE: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Séries Estatísticas e Séries Históricas*. Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br>>

Dentre os fatores responsáveis pelo crescimento da violência urbana no Brasil, Zaluar imprime destaque a três elementos: a urbanização acelerada ocorrida no país na segunda metade do século XX, a falta de uma estrutura social capaz de atenuar suas deficiências e a expansão do tráfico de drogas ilícitas<sup>328</sup>. Associados entre si, esses elementos formaram uma

<sup>326</sup> Valor obtido a partir da seguinte proporção: se em 1980, o número de homicídios foi de 79 para uma população de 1.024.980 moradores, então para cada cem mil moradores, são registrados 7,7 homicídios. Cálculo realizado a partir dos dados do IBGE.

<sup>327</sup> Valor obtido a partir da seguinte proporção: se em 1980, o número de homicídios foi de 64 para uma população de 1.125.478 moradores, então para cada cem mil moradores, são registrados 5,7 homicídios. Cálculo realizado a partir dos dados do IBGE.

<sup>328</sup> ZALUAR, Alba. *Democratização inacabada: fracasso da segurança pública*. *Estud. av.* [online]. 2007, vol.21, n.61, pp. 31-49.

espécie de caldeirão que contribuiu, por exemplo, para o crescimento exponencial do número de homicídios no país<sup>329</sup>.

Apesar dessa multiplicidade de fatores, não é raro encontrar visões reducionistas sobre o crescimento da violência urbana no país. Uma das mais comuns é aquela que associa expansão de criminalidade com elevação do número de migrantes, entendidos nesse caso, como portadores de uma propensão à delinquência. A nível nacional, talvez o caso mais conhecido seja aquele que ocorre na capital paulista e no Rio de Janeiro, onde atribuem-se aos nordestinos a culpa pelos males que acontecem nessas cidades<sup>330</sup>.

Contudo, conforme examinaram Zaluar, Noronha e Albuquerque, a comparação entre os dados sobre o aumento da violência urbana com os números da migração dentro do território brasileiro, contrariam explicações com esse teor e expõem a carga de preconceito que a elas associam-se. Esses autores citam como caso mais contundente, um dos maiores deslocamentos populacionais internos acontecidos no Brasil: aquele caracterizado pela migração de pessoas nascidas em cidades de pequeno porte dos estados do sul do Brasil em direção a região norte. Como ressaltaram os autores, Rondônia, que recebeu entre 1980 e 1986 boa parte dos migrantes do sul, aos quais associavam-se valores ligados ao trabalho e ao desenvolvimento econômico, era na década de 1990 um dos estados mais violentos do país<sup>331</sup>. De maneira semelhante ao movimento observado no estado de Rondônia, também no caso de municípios como Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, os dados empíricos impedem uma associação direta entre violência urbana e migração, conforme se pode observar na tabela XIX:

---

<sup>329</sup> Entre 1977 e 1994, a mortalidade por homicídio no Brasil por cada grupo de cem mil habitantes aumentou 167,1%. Conforme análise realizada por: AIDAR, Tirza. *A face perversa da cidade: configuração sócio- espacial das mortes violentas em Campinas nos anos 90*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/ UNICAMP, nov. 2003. p. 19.

<sup>330</sup> Ver, por exemplo, o discurso sobre os migrantes provenientes da região nordestina residentes em São Paulo examinado em: DAMERGIAN, Sueli. *Migração e referenciais identificados: linguagem e preconceito*. *Psicol. USP* [online]. 2009, vol.20, n.2, pp. 251-268.

<sup>331</sup> ZALUAR, Alba; NORONHA, José C. de e ALBUQUERQUE, Ceres. *Violência: pobreza ou fraqueza institucional?*. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1994, vol.10, suppl.1, pp. S213-S217.

TABELA XIX – NÚMERO DE MIGRANTES E TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS NOS MUNICÍPIOS DE CURITIBA, FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE.

	NÚMERO DE MIGRANTES EM 1980	NÚMERO DE MIGRANTES EM 1991	TAXA DE HOMICÍDIOS A CADA CEM MIL HABITANTES EM 1980	TAXA DE HOMICÍDIOS A CADA CEM MIL HABITANTES EM 1991	AUMENTO PERCENTUAL DE MIGRANTES ENTRE 1980-1991	AUMENTO PERCENTUAL NA TAXA DE HOMICÍDIOS A CADA CEM MIL HABITANTES ENTRE 1980-1991
Curitiba	568.782	626.073	7,7	11,8	10,1%	53,5%
Florianópolis	68.436	99.432	4,3	5,1	45,3%	18,6%
Porto Alegre	539.050	514.361	5,7	19,9	- 4,6%	249,1%

FONTE: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Estatísticas do Século XX*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/seculoxx>>

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Séries Estatísticas e Séries Históricas*. Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br>>

A tabela XIX é bastante ilustrativa quanto as dificuldades de relacionar um grande deslocamento populacional a um crescimento na ocorrência de homicídios. Nos dados apresentados acima, ganha destaque o contraste entre Florianópolis e Porto Alegre. O primeiro desses municípios teve, entre 1980 e 1991, um aumento de 45,3% no número de migrantes, e uma elevação de 18,6% na taxa de homicídios por cem mil habitantes. No caso de Porto Alegre observa-se um movimento bem diferente, pois diante de uma redução no número de migrantes houve um aumento exponencial na taxa de homicídios, a qual chegou a quase 250%.

Em alguns momentos, como visto no capítulo 2, é possível identificar em Florianópolis um discurso de culpabilização dos migrantes pela criminalidade. Por outro lado, também se pode notar que existia uma certa cautela na abordagem dos crimes que aconteciam. O jornal O Estado, como indicado anteriormente, emitiu algumas notas negando que estivesse associando a criminalidade aos migrantes. Explicações bastante compreensíveis se for levado em conta que muitos leitores do jornal eram novos moradores como, por exemplo, eram aqueles que chegaram em Florianópolis para trabalhar na Eletrosul.

### 3.2. Um novo desafio.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro e sem nunca ter saído daquele Estado até o dia em que chegou a Florianópolis, Pedro estava frente a uma decisão importante no ano de 1977. Um ex-chefe da empresa em que trabalhava naquele momento, o havia convidado para ser seu

colega na Eletrosul em Florianópolis. Após várias conversas, o recém formado engenheiro elétrico, com 26 anos, resolveu aceitar o desafio.

Das recordações que possui sobre seus primeiros momentos no município, em dezembro de 1977, ele destaca seu espanto com a pequena quantidade de construções que existiam e com o fluxo pouco intenso de pessoas no perímetro central da cidade. Admirava-o sobremaneira, o fato do comércio local permanecer fechado no horário do almoço. Pedro cita, em relação a essas primeiras impressões, a situação vivenciada na sua chegada ao centro urbano após contratar um serviço de táxi no aeroporto. Segundo ele, *“quando chegou ali no centro, em frente a catedral ele parou o carro. Eu disse, sim, aqui é o centro da cidade? Aqui é centro da cidade. Aqui é o centro da cidade? É, aqui é o centro da cidade. A sensação que eu tinha é que não era um dia de semana. Era um domingo”*<sup>332</sup>. Por outro lado, Pedro deixa claro que apesar dessas impressões iniciais terem lhe causado estranhamento, elas não eram desagradáveis: *“eu gostei da cidade, achei a cidade muito calma, muito tranquila”*.

Após uma semana em Florianópolis, na qual ele pode conhecer algumas praias, restaurantes e outros atrativos da Ilha, chegara o momento de expor a seu futuro colega de trabalho as opiniões que havia formado sobre o município. Era também a hora de responder se aceitaria a proposta de trabalho na Eletrosul. Diante da resposta muito positiva de Pedro, seu interlocutor, demonstrando preocupação, teria se esforçado em deixar claro que, caso ele estivesse mesmo interessado em residir no município, deveria levar em conta outros aspectos. E, nesse sentido, teria ressaltado: *“Pedro, você tem que ver que isso aqui não é o Rio de Janeiro. Isso aqui não tem aquela zoeira que tem de noite, aquelas festas... Isso aqui é uma cidade mais tranquila, calma... Tens que ver... Se tu estás esperando...”*. As advertências de seu futuro colega se justificavam: em 1971, Florianópolis possuía 1 teatro e 8 cinemas. O estado da Guanabara, que posteriormente deu origem ao município do Rio de Janeiro, possuía naquele ano 25 teatros e 137 cinemas<sup>333</sup>. No ano de 1974, havia 1 emissora de televisão em funcionamento em Florianópolis e 7 de radiodifusão, no Rio de Janeiro haviam 3 e 32 respectivamente<sup>334</sup>. Pedro, contudo, procurou deixar claro que a falta de uma vida noturna tão intensa como aquela existente no Rio de Janeiro para ele não era importante. Isso porque eram outras questões que estavam sendo consideradas para a decisão de morar em Florianópolis,

<sup>332</sup> Pedro. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, set. 2012.

<sup>333</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Séries Estatísticas e Séries Históricas*. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/> >.

<sup>334</sup> Ibidem.



em especial o salário que era: *“muito melhor do que eu estava ganhando. Bem mais compensador”*.

Ainda com relação a vida noturna em Florianópolis, Pedro entende que a idéia de que não havia lugares de diversão no município não era adequada pois ela era fruto das comparações que eram feitas com o Rio de Janeiro. Segundo ele, *“Florianópolis era pequena, mas tinha as festas. Não era uma cidade recatada a esse ponto de não ter nada. Tinha as festas, os bares, tinha. Os lugares que você ia a noite para dançar. O que não tinha era em larga escala como no Rio de Janeiro”*. Apesar disso, ele ressalta que essa vida noturna diferente daquela existente no Rio de Janeiro teria sido uma das principais razões para muitas pessoas retornarem para aquela cidade: *“tinha pessoas que voltaram logo a seguir porque elas não se adaptavam e não quiseram permanecer. Teve pessoas que voltaram, dois, três anos depois, já voltaram, não se adaptaram, queriam uma vida mais agitada”*.

Das muitas recordações de Pedro sobre seus primeiros momentos de residência em Florianópolis ficou registrado alguns contrastes culturais que ele percebia em relação ao lugar em que vivia no Rio de Janeiro. Ele destaca, nesse sentido, o dia em que teria causado certo rebuliço por uma ação que era habitual para ele: *“eu estava recente aqui, e uma vez eu estava varrendo, eu morava em uma casa que eu aluguei, e eu estava varrendo a calçada. E as pessoas ficavam estranhando que eu estava de vassoura na mão e não era hábito os homens aqui varrerem, assim. Era mais as mulheres que faziam isso”*. Por outro lado, o contraste especialmente lembrado por Pedro relacionava-se a uma atitude que ele observava em alguns florianopolitanos:

A recepção foi muito boa por parte do pessoal daqui. Evidentemente, por uma tradição, as pessoas tem uma certa restrição, um apego pelo seu local. Então, ela te trata bem, mas te trata com uma certa reserva, ela vê você assim, como uma pessoa amiga, mas como um estranho no ninho. Então, ao mesmo tempo que ela é tua amiga, ela fica meio receosa com você. Que você é uma pessoa de fora, de cidade grande, e as pessoas sentem... Eu percebia isso claramente.

Apesar da existência do receio mencionado acima, Pedro relata que tal comportamento jamais ofuscou qualquer amizade construída em Florianópolis, tampouco tenha gerado algum atrito. Quanto a isso, ele é enfático: *“pelo contrário. Eu fui muito bem tratado. Ninguém me discriminou por eu ser de outra cidade. O que acontecia assim, é que se eu chegasse em um local e abrisse a boca, as pessoas próximas olhavam pra mim percebendo que o meu sotaque não era local”*.

Apesar da hospitalidade, o funcionário da Eletrosul relata que também haviam hostilidades, mas, segundo ele, elas estariam circunscritas aos comentários dos colunistas de

variedades de Florianópolis. E, por isso comenta: *“teve essa parte aí que foi dura. Nós até comentamos, pô, devia ter um pouco mais de bom senso, tal. Foi muito agressivo, muito hostil com a gente, entendeu”*. Sobre essa questão, mesmo discordando das críticas que eram feitas pelos colunistas, ele procura deixar claro que compreende as razões pelas quais surgiram. Para o funcionário da Eletrosul, elas estiveram relacionadas especialmente ao crescimento nos preços de determinados produtos e serviços em Florianópolis, *“principalmente os imóveis”*.

Ainda em relação ao poder de compra dos funcionários da Eletrosul, Pedro acredita que existia, na década de 1970, uma visão equivocada sobre o assunto. Segundo ele, a idéia de que os trabalhadores da empresa receberiam supersalários teria surgido porque a Eletrosul aplicava uma política salarial fora da faixa de renda média que existia no município, mas que era compatível com aquela que recebiam funcionários de empresas do mesmo setor instaladas em outros municípios brasileiros. Tendo isso em conta, Pedro destaca que *“o pessoal tinha esse conceito, esse preconceito, mas não era verdade. Os salários, os salários eram bons sim, realmente eram, mas não eram salários de marajá”*. Para corroborar essa idéia, ele cita a trajetória de construção de sua atual residência nas proximidades da Eletrosul, no bairro do Pantanal. O terreno no qual está localizada a casa foi comprado por volta de 1985 com as economias feitas por ele desde 1977: *“se fosse marajá, eu fazia tudo junto logo. Comprava a casa pronta. Não ia comprar terreno e ter o trabalho de construir. Já comprava tudo pronto”*.

Algumas das recordações e opiniões de Pedro coincidem com aquelas possuídas por Adriano, funcionário da Eletrosul desde 1974, que fixou residência no município a partir de 1976<sup>335</sup>. Sem nunca ter saído da região sudeste, ele esteve em Florianópolis em 1975, juntamente com sua esposa, para uma estadia de três dias a cargo da Eletrosul. Sua primeira impressão foi a de que Florianópolis era *“uma cidade realmente pequena e que se eu viesse teria de me adaptar a essa cidade”*.

Das recordações que Adriano possui dos primeiros momentos de residência em Florianópolis, ele destaca as grandes dificuldades que teve para locar um imóvel: *“quando cheguei aqui, fui procurar uma casa. Só que o mercado imobiliário aqui estava totalmente despreparado para receber a Eletrosul”*. A empresa, segundo ele, havia criado um grupo de trabalho com pessoas responsáveis pelo levantamento de informações sobre o município as quais pudessem servir de suporte para a instalação dos funcionários. Contudo, segundo

---

<sup>335</sup> Adriano, ocupou, desde o momento de sua transferência para Florianópolis, um cargo de direção no serviço de pessoal da Eletrosul. Conforme: Adriano. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, set. 2012.

Adriano, o problema maior e que não pode ser solucionado por essa equipe, era a questão da moradia. De acordo com ele, isso acontecia não apenas porque faltavam imóveis para locação, mas também porque houve um inflacionamento nos preços daqueles que existiam. Recorda o funcionário que transcorridos dois meses, período em que residia em um hotel no centro da cidade, havia se criado um constrangimento frente a esposa que estava no Rio de Janeiro. Situação que, inclusive, teria levado Adriano a procurar imóveis em locais logo descartados: *“O que eu tô fazendo, procurar uma casa aqui, cara... Na beira da subida do morro, cara... Não é bem isso que eu queria e tal... E ficamos naquela expectativa, mas não tinha e o que tinha pra alugar era tremendamente caro porque todo mundo jogou o preço lá para cima. Quem tinha alguma coisa pra alugar, jogou o preço lá em cima”*. O fim da epopéia em busca de uma residência teria acontecido quando, de forma imprevista, durante um almoço no hotel em que estava hospedado, Adriano ficara sabendo que havia *“um prédio ali na rua Deodoro, que tinha recebido o habite-se, e o pessoal já estava alugando apartamento. Aí, naquela mesma hora, saí que saí correndo”*.

Diante da diferença de ritmo de vida urbana existente entre Florianópolis e Rio de Janeiro, Adriano manifestava opiniões semelhantes as de Pedro, seu colega na empresa. Ele também entendia que a percepção da falta de lugares de entretenimento devia-se às comparações que eram realizadas entre Florianópolis e o Rio de Janeiro. Para corroborar essa idéia, cita alguns lugares que frequentava com sua família, como o Lagoa Iate Clube<sup>336</sup>, o Lira Tênis Clube<sup>337</sup>, o Doze de Agosto<sup>338</sup> e a Associação dos Empregados da Eletrosul, a Elase<sup>339</sup>. Dentre esses lugares de divertimento, ficou especialmente registrado em suas recordações os encontros festivos relacionados ao bloco carnavalesco Consulado do Samba: *“assim como a gente sentia falta do que fazer, no primeiro carnaval que surgiu após a nossa chegada, a gente montou um bloco de Carnaval. Que era o Consulado do Samba que hoje é a escola”*<sup>340</sup>.

<sup>336</sup> O clube foi fundado em 1969. Mais informações sobre o clube constam no seu estatuto que pode ser lido em: LAGOA IATE CLUBE. LIC. [SITE]. Disponível em: < <http://www.lic.org.br> >.

<sup>337</sup> Esse clube foi fundado em 1926. Outras informações disponíveis no seu estatuto contido em: LIRA TÊNIS CLUBE. LTC. Disponível em: < <http://www.liratenisclube.com/portal/> >.

<sup>338</sup> O clube foi fundado em 1872. Mais informações sobre o clube podem ser obtidas no seu estatuto disponível em: CLUBE DOZE DE AGOSTO. [SITE]. Disponível em: < <http://www.clubedoze.com.br/site/> >.

<sup>339</sup> A associação foi fundada em 1977. Outras informações disponíveis no seu estatuto contido em: ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DA ELETROSUL. ELASE. [SITE]. Disponível em: < <http://www.elase.com.br/novo/index.php> >.

<sup>340</sup> O Bloco Consulado foi fundado em 1977 e possuía dentre seus fundadores, segundo Santhias, também pessoas não pertencentes ao quadro de funcionários da Eletrosul. Sobre a fundação do bloco ver: SANTHIAS, Paulo Roberto. *Zzzzriguidum! Consulado: o choque do samba em Florianópolis (memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade - 1976 a 2000)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2010.

Assim como Pedro, Adriano também entende que as diferenças entre os ritmos urbanos, especialmente em relação à vida noturna, entre Florianópolis e Rio de Janeiro foram responsáveis pelo retorno de muitos funcionários: *“A noite o pessoal gostava muito era de uma roda de samba, o pessoal que gostava muito de dançar um lesco-lesco, entendeu? Digo assim, nem boate eu posso dizer que era. Um barzinho com música ao vivo que tem muito no Rio de Janeiro. E, uma série de coisas que o pessoal sentiu falta”*. Além disso, segundo ele, o próprio clima existente em Florianópolis, no qual as estações do ano são mais bem delineadas do que no Rio de Janeiro, também teria contribuído para a desistência da moradia: *“o pessoal estava acostumado, que o Rio é verão o ano inteiro. A única coisa que muda é o dia que chove, aí pra nós é inverno, porque choveu, aí é inverno. E aqui não, aqui tinha as estações bem definidas. Então, chegou o verão estava todo mundo satisfeito, acabava o verão, o pessoal botava aquela carapuça: que é horrível, que não tem nada pra fazer, que não sei o quê...”*.

Ainda sobre as motivações que teriam contribuído para o retorno de muitos funcionários ao Rio de Janeiro, Adriano ressalta a falsa idéia de que ao transferirem-se para Florianópolis eles passariam a integrar sua elite social: *“O cara, por exemplo, está acostumado a morar lá em Madureira, Del Castilho, lá pra zona oeste do Rio de Janeiro, que a gente chama subúrbio, né. Chegou aqui e queria morar na Beira-Mar Norte, pô. Aí peraí, aí não dá né, mano, não é bem isso. Ele não media, eles achavam que chegando aqui iam ser a nata, a elite”*. Em relação a esse comportamento observado em alguns de seus ex-colegas de trabalho, o funcionário é bastante crítico e recorda dos casos de pessoas que reclamavam não da falta de moradia, mas de que sua localização não estaria inscrita nos lugares mais valorizados de Florianópolis: *“no Rio você morava onde, cara? Você morava lá no final da baixada fluminense, lá... Pô, tá reclamando de quê? A gente falava mesmo, na cara de pau, para o pessoal. Tá reclamando de quê. Não tem que reclamar...”*

Sobre o período imediato a instalação em Florianópolis, Adriano diz que *“a minha adaptação foi muito boa, muito tranquila”*. E menciona como única dificuldade a comunicação com alguns moradores, pois *“uma coisa que eu achei muito difícil no início foi entender o que o pessoal dizia”*. Além da comunicação verbal, o funcionário menciona que houve algumas dificuldades de interação devido a uma característica que ele observava nos florianopolitanos. De forma semelhante ao seu colega Pedro, ele também percebia certa reserva em uma parte dos moradores com os quais se relacionava: *“o pessoal daqui era muito retraído. Até hoje é. O pessoal até hoje é muito mais casa do que rua. Tá modificando, tem*

*gente que já sai pra correr, na Beira-Mar, faz isso, aquilo outro, pra fazer caminhada. Naquela época não tinha uma viva alma, não tinha nada, cara. Você só via o pessoal na hora dos piques”.* Apesar das diferenças que percebia, Adriano ressalta que em nenhum momento se sentiu hostilizado pelo fato de ter nascido no Rio de Janeiro. Nas suas recordações sobre esse assunto, ficaram especialmente registradas as colunas de variedades de Beto Stodieck: *“O único que não gostava muito da gente era o Beto Stodieck. O Beto Stodieck era jornalista, colunista social. O falecido Beto. Então, o Beto chamava os eletrosuis de não sei o quê... Pegava umas coisinhas... Vi o cara saindo da Eletrosul... E detonava, aquele bicho não deixava passar nada. O que passava na frente dele, ou ele recebia informação, ele detonava”.* Ainda em relação a existência de um sentimento de hostilidade, ele a atribui, de forma semelhante a Pedro, ao poder de compra dos funcionários da Eletrosul. Além do caso de aumento de preço de alguns imóveis, destaca o caso de pessoas que preferiam desenvolver atividades domésticas para funcionários da empresa: *“Empregadas domésticas já de muito tempo em uma determinada casa, saíam e iam trabalhar para o pessoal da Eletrosul, porque pagava mais, entendeu... Isso criou realmente uma certa área de atrito”.*

Do mesmo modo que Pedro e Adriano, também as recordações de Mário, funcionário da Eletrosul desde 1973<sup>341</sup>, versam sobre uma trajetória em que não se percebem traços de hostilidades sofridas em Florianópolis devido sua procedência. Mário chegou no município em dezembro de 1976 para uma estadia de dez dias, sob encargo da Eletrosul. Ele realmente permaneceu em Santa Catarina os dez dias, mas em outro município, Governador Celso Ramos, afastado cerca de cinquenta quilômetros de Florianópolis. O motivo para tal deslocamento foi o convite de um amigo que possuía uma namorada naquele município.

Mesmo tendo permanecido apenas dois dias em Florianópolis, o retorno ao Rio de Janeiro já estava acompanhado da decisão de transferir-se. Para Mário, que havia perdido o pai e por isso tivera de abandonar o juvenil do Botafogo para ingressar no mercado de trabalho, o que importava era o salário que iria receber com a transferência. Com a quantia ganha ele tinha maiores possibilidades de ajudar a mãe e a irmã: *“ajudei eles até minha irmã arranjar emprego, se casar. Sempre sustentei. Isso foi também um dos pontos determinantes. Eu mandava 30% do meu salário. Fazer um cálculo hoje... Se eu ganhasse na época dez mil, eu mandava três. Elas tiveram uma vida, graças a Deus, legal”.* Sobre o valor dos rendimentos que recebia, Mário procura demonstrá-los a partir de uma comparação com

---

<sup>341</sup> Em 1973, Mário possuía um contrato de trabalho com a Eletrosul para a função de mensageiro. Em 1975, ele foi efetivado na empresa como técnico eletricista. Conforme: Mário. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, out. 2012.

técnicos de outras empresas públicas que exerciam função semelhante a sua em Florianópolis: *“dava o dobro. Quando eu comecei a pegar amizade eu vi o pessoal que trabalhava na Celesc, na Telesc... Claro que tinha a comparação, eu sabia que eu ganhava o dobro do que eles”*.

Entre as lembranças mais significativas dos primeiros meses de Mário em Florianópolis, consta as diferenças entre a vida noturna desse município e a aquela existente no Rio de Janeiro: *“Florianópolis era um espetáculo de segunda a sexta feira, porque tu trabalhava com teus amigos. Sábado e domingo isso aqui era um inferno. Não tinha nada, nada, nada. Nós só íamos para as festas, que a gente mesmo fazia”*. Segundo Mário, a situação teria se modificado alguns meses depois, após comprar um automóvel e iniciar uma relação afetiva. Por outro lado, destaca que os maiores motivos para que, ao longo dos primeiros anos em Florianópolis, ele não desejasse regressar ao Rio de Janeiro, foram as rodas de samba e os jogos de futebol. Do mesmo modo que Adriano, Mário também recorda com satisfação dos encontros do bloco Consulado do Samba. Por outro lado, menciona que seu círculo de amizades tornou-se especialmente grande quando começou a jogar futebol amador: *“quando eu fui pra Escola Técnica e comecei a jogar bola, aí comecei a jogar no time de amadores daqui. Joguei no Corinthians, joguei na Portuguesa, joguei em outros times. E no futebol você pega uma amizade muito grande. E o meu fluxo de amizades passou a ser enorme”*. Ainda sobre esse assunto, Mário ressalta que apesar das muitas amizades conquistadas, notava algumas diferenças em comparação com as pessoas com que convivia no Rio de Janeiro. E, nesse aspecto, suas observações são bastante semelhantes aquelas de seus colegas de empresa destacadas anteriormente:

Eles aqui são muito fechados. Eu entrei no meio deles mais pelo futebol e pelo samba. Na época eles não davam oportunidade pra tu entrar. Até sexta feira eles eram teu amigo. Sábado e domingo eles não falavam pra onde iam, pra onde deixavam de ir. As vezes tu encontrava um cara na praia. Até podia falar pra ti: pô, eu vou lá naquela praia, por que tu não vai lá pra me encontrar? E era muito difícil entrar na casa deles. Não é que eles eram mal educados não, é a cultura deles. O carioca é festa. Tu vai no Rio de Janeiro e pega uma amizade. Se brincar, te bota na casa. Hoje não, hoje eles são quase igualzinhos a nós.

Apesar das diferenças que observava, Mário destaca que nunca sofreu hostilidade por ser proveniente do Rio de Janeiro ou por ser funcionário da Eletrosul. Contudo, ressalta que sabia da existência de conflitos, os quais credita a um comportamento que observava em uma parte dos funcionários que migraram: *“claro, tu vem pra uma cidade, metendo o pau nos caras daqui, morando na beira mar, falando mal dos caras”*. Ainda em relação a esse comportamento, ele destaca: *“tinha gente que chegava aqui, alugava um apartamento na*

*Beira-Mar, pagava 50% do seu salário pra morar na Beira-Mar, não trazia nem os móveis, comprava tudo e se achava o rei da batata doce. Querendo passar por cima das pessoas. Pra mim, eu nunca fui assim. Também não critico essas pessoas, cada um é cada um. E essas que faziam isso, que chamavam de marajás, foram embora, depois de dois anos foram embora. Quem gostou da cidade ficou".* Em relação as hostilidades que percebeu, ele recorda em especial dos comentários do colonistas da cidade, especialmente de Cacau Menezes. Em relação às opiniões dos colonistas, sua discordância maior refere-se com as generalizações que, segundo ele, eram produzidas em relação aos funcionários da empresa: *"vieram muitos cariocas para cá, não estou me defendendo, que não foi o meu caso, que ficou falando muita besteira. Gastando acima do que podia, queria ser mais do que o rei. Isso aconteceu aqui. Então é claro que tem o conflito. Você não participando do conflito, mas você passa a... Então, quando ele metia o pau, metia o pau na gente".*

...

As palavras acima destacadas constituem exemplos de algumas das dificuldades e também das alegrias que Pedro, Adriano e Mário tiveram nas suas trajetórias em Florianópolis. Suas recordações versam, de maneira geral, sobre um movimento de deslocamento populacional que foi realizado sem qualquer hostilidade. De acordo com os depoentes, nos momentos em que suas formas de movimentar-se socialmente contrastaram com as de outras pessoas, os impasses foram resolvidos de forma tranquila. Essa tranquilidade é creditada à postura assumida pelos funcionários desde que fixaram residência no município. Para eles, o respeito ao ritmo de vida e aos hábitos culturais que observavam em Florianópolis teria sido o passaporte para uma convivência em que o fato de serem migrantes tivera, de acordo com eles, pouca importância. O que seria equivalente a considerar, em termos sociológicos, que eles tiveram a habilidade de manejar com eficiência instrumentos de navegação social diferentes daqueles que normalmente utilizavam com seus pares sociais do Rio de Janeiro. *"então, o que eu procurava demonstrar para essas pessoas? Que eu era uma pessoa amiga igual a elas, que não ia oferecer nenhum mal"*<sup>342</sup>. Ou então, a dizer que alguns impasses foram resolvidos com a utilização de instrumentos de uso mais generalizado como o samba e o futebol: *"eu entrei no meio deles mais pelo futebol e pelo samba"*<sup>343</sup>.

Como as declarações acima sugerem, os encontros entre os trabalhadores da Eletrosul e uma parte dos moradores de Florianópolis foram acompanhados da atribuição de

<sup>342</sup> Pedro. Depoimento concedido ao autor, op. cit.

<sup>343</sup> Mário. Depoimento concedido ao autor, op. cit.

significados desde um primeiro momento. Nos termos de Barth<sup>344</sup>, essas atribuições de sentido se constituíram no elemento chave conformador das representações sociais que demarcaram fronteiras simbólicas entre os habitantes do município.

Apesar dos depoimentos indicarem o desenvolvimento dessas dinâmicas culturais, as quais acontecem de forma tensa, não há menção a hostilidades vivenciadas. O único incômodo manifestado por Pedro, Adriano e Mário em seus depoimentos, relaciona-se com algumas das descrições que surgiram dos funcionários da empresa. Eles manifestam especial contrariedade àquelas veiculadas pelos colunistas de variedades: Beto Stodieck, por exemplo, é recordado porque “*pegava pesado*”. Nesse caso, seria possível dizer que o descontentamento não se referia particularmente ao conteúdo das descrições realizadas, pois os próprios depoentes muitas vezes concordavam com algumas das idéias veiculadas. O desacordo e o incômodo estava relacionado especialmente com as generalizações das críticas realizadas, o que fazia com que os depoentes fossem albergados por representações com as quais não se identificavam. As palavras de Mário são esclarecedoras nesse sentido. Quando afirma que muitos conflitos foram desencadeados por um comportamento condenável, ele ressalta: “*Então é claro que tem o conflito. Você não participando do conflito, mas você passa a... Então, quando ele metia o pau, metia o pau na gente*”. Interpretados a partir das considerações de Elias, o incômodo de Pedro, Adriano e Mário, estaria relacionado ao fato de que seria necessário a realização de um grande esforço para desvencilhar-se do estigma que recaía sobre eles<sup>345</sup>.

Em relação aos conflitos socioculturais acontecidos em Florianópolis, como é possível perceber, existem contradições nos depoimentos dos funcionários da empresa. Em uma declaração, por exemplo, afirma-se que não foi vivenciada nenhuma situação de conflito. Em outra, ao contrário, indica-se que os conflitos podiam atingir mesmo pessoas que não estivessem ligadas a eles de forma direta.

As contradições existentes nos depoimentos dos funcionários da Eletrosul não retiram sua importância enquanto fontes de pesquisa, apenas indicam a necessidade de compreender esses depoimentos como representações do passado à luz do presente<sup>346</sup>. Ou seja, como representações que também registram um determinado momento vivido pelos depoentes<sup>347</sup>.

---

<sup>344</sup> BARTH, Fredrik, op. cit.

<sup>345</sup> ELIAS, Norbet, op. cit.

<sup>346</sup> BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

<sup>347</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos da história oral contemporânea*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fgv, 2001. p 15-25.



No caso dos funcionários da Eletrosul destacados, seria possível relacionar suas palavras com a ocupação de uma confortável posição social e com o lugar ocupado pelos depoentes no ciclo de vida. Parece evidente que são palavras proferidas por migrantes que adquiriram um certo patrimônio, os quais, diante de uma série de perguntas, realizam um exame de suas trajetórias pessoais. Pelo menos é isso o que se apreende das seguintes declarações em que esses funcionários demonstram satisfação com os anos vividos em Florianópolis. Pedro, por exemplo, afirma que *“em nenhum momento me arrependi da decisão que tomei. Eu acho que se teve decisão certa que eu tomei, foi essa. Momento nenhum eu senti vontade de voltar”*. Do mesmo modo que Pedro, Mário também afirma que Florianópolis *“me acolheu legal”*. E, mesmo Adriano, que enfatiza os vínculos sentimentais que possui em relação a terra natal, afirma que não voltaria a viver no Rio de Janeiro: *“eu moro aqui em Florianópolis, mas vivo no Rio de Janeiro. Ou seja, o meu coração ainda está lá. Mas, o seguinte. Eu não troco a minha vida aqui, como ela é, numa cidade sossegada, calma que ela é, com relação ao que o Rio é hoje”*.

Os depoimentos dos funcionários da Eletrosul indicam o estabelecimento de fortes vínculos sociais no município. Esses laços poderiam ser medidos não somente pelas amizades que conquistaram e círculos sociais que construíram, mas especialmente, pelas relações familiares que constituíram em Florianópolis. Fruto de uma relação amorosa com uma mulher que conheceu no município, Pedro teve uma filha. Mário, casado mais de uma vez com mulheres que conheceu em Florianópolis, também aqui teve filhos. No caso de Adriano, casado no Rio de Janeiro e com dois filhos nascidos naquela cidade, os vínculos em Florianópolis poderiam ser medidos em função do crescimento de seus filhos no município. Destaque-se ainda, em relação à Pedro e Adriano, que a fixação de ambos no município se fez acompanhar da vinda de alguns de seus familiares do Rio de Janeiro. No caso de Adriano, essa migração familiar ocorreu desde o início, pois ele estabeleceu-se em Florianópolis, com a esposa, os filhos e a sogra. Para Pedro, o deslocamento dos familiares foi bem mais recente. Após o falecimento de sua irmã, em 2002, seus pais migraram para Florianópolis para que pudessem ser melhor assistidos pelo filho.

Na constituição de vínculos sociais em Florianópolis, existe uma característica da experiência de Pedro, Adriano e Mário, que também pode ser encontrada na experiência de muitos outros novos moradores do município. Para todos eles, na constituição de vínculos sociais em Florianópolis, se fez presente o consumo de serviços ligados, por exemplo, à restaurantes, casas noturnas, clubes locais e ao trabalho doméstico, assim como a compra de

bens como automóveis, linhas telefônicas, imóveis, utensílios e jornais locais. Nesse último caso, seria razoável considerar que houvesse por parte da imprensa um esforço em diversificar sua produção com vistas a atender uma nova demanda formada com a presença desses moradores. Uma conjectura que pode ser realizada a partir de uma leitura diacrônica das crônicas e colunas de variedades.

### 3.2.1. Florianópolis perdida.

Em 1973, o colunista Beto Stodieck, escrevia que seu trabalho no jornal O Estado se dirigia “*para a classe B, a que realmente lê jornais, a mais intelectualizada*”<sup>348</sup>. Pouco mais de dez anos depois, frente a mesma questão, Stodieck fazia uma afirmação com conteúdo diferente ao dizer que seu colunismo “*voltava-se para a sociedade como um todo, analisando os seus diversos segmentos e não de olho nos defeitos dos outros ou no tal ‘café soçaite’*”<sup>349</sup>. Declarações como estas podem ser entendidas como registros do modo pelo qual um profissional da imprensa organizava seu trabalho dentro do veículo de comunicação em que trabalhava. Nesse caso, os excertos destacados parecem indicar que teria ocorrido uma mudança no foco de preocupações do colunista. Pois, se em 1973 ele dizia escrever para um determinado grupo de leitores, em 1985, a afirmação era outra. Naquele momento, Stodieck mencionava que escrevia para todos os segmentos sociais, o que sugere que nesse intervalo ele teria procurado diversificar sua produção dentro da imprensa. Apesar do Jornal de Santa Catarina, onde foram veiculados os dois excertos destacados, possuir circulação estadual, é possível dizer que suas ponderações eram realizadas especialmente sobre Florianópolis. Pois, conforme o próprio colunista destacava em 1972, “*queiram ou não, Florianópolis é quem lança as modas e a badalação em Santa Catarina*”<sup>350</sup>.

Essa mudança de foco também poderia ser percebida no trabalho de Cacau Menezes quando são considerados dois momentos de sua carreira. Em ambos as declarações são semelhantes em relação a qual público leitor se dirigia suas colunas de variedades. Em 1989, defendendo-se da acusação de que, por ser colunista de variedades não poderia comentar notícias do mundo desportivo, o colunista comentava que: “*como colunista do Suplemento de Variedades (o nome já diz) deste jornal, posso e devo abordar os mais variados assuntos. Cinema, música, shows, sociedade, festas, casamentos, separações, escândalos, mancadadas de*

<sup>348</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 21 fev. 1973.

<sup>349</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 fev. 1985.

<sup>350</sup> STODIECK, Beto. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 9 e 10 abr. 1972.

*figuras públicas, etc*”. Em 2005, de maneira similar, Menezes ressaltava que escrevia visando atingir leitores como “*a socialite, o empresário, os políticos*”<sup>351</sup>.

O esforço em abarcar uma maior quantidade possível de leitores, no caso dos colunistas de variedades, poderia ser associado à diversidade de temas abordados. Em um mesmo dia, por exemplo, podem-se encontrar comentários sobre: cantores, shows, suspeitas de crimes cometidos contra a prefeitura municipal, lançamento de livros, festas em casas noturnas, notícias sobre políticos do município e congressos que iriam acontecer em Florianópolis<sup>352</sup>. Contudo, as possíveis tentativas de ampliação do público alvo por parte dos comentadores do cotidiano do município, poderiam ser percebidas a partir da utilização de uma determinada forma de escrita nas suas colunas de variedades. Pode-se perceber, por exemplo, que paulatinamente os assuntos deixam de ser comentados a partir de um olhar que explora formas de conduzir-se socialmente conhecidas apenas por uma parte dos moradores do município. E, mais e mais, tendem a possuir como ponto de partida, uma perspectiva de maior amplitude, conhecida por todos os brasileiros que possuem vivências em centros urbanos. Ou seja, própria de uma configuração social menos dividida por laços estabelecidos desde longa data e mais segmentada por gostos, estilos, consumos e outros elementos que conduzem as relações sociais nos agrupamentos urbanos em que existe uma grande população diversificada social e culturalmente. Pode ser esclarecedor, nesse sentido, observar de que forma são divididas as crônicas contidas no livro ‘Os Civis precisam Voltar aos Quartéis’<sup>353</sup>, de Sérgio da Costa Ramos. ‘Da Província’, ‘Da Grande República’, ‘Da Vida de Todos os Dias’ e ‘Da Grande Aldeia’, são os títulos das seções do livro. Na primeira seção, nota-se uma grande presença de sutilezas e particularidades nas crônicas ali contidas, que possivelmente seriam percebidas somente por pessoas que residissem em Florianópolis desde algum tempo. Na crônica ‘Retratos da Província’, por exemplo, se pode ler em um trecho: “*A cidade era uma extensão da casa de cada um, como se as famílias pudessem dispô-la como seu quintal. Os muros vestidos de flores identificavam a casa e o seu dono. As camélias de ‘seu’ Carl Hoepcke, as buganvílias de ‘seu’ Carolo Wendhausen, as magnólias do Coronel Raulino Horn*”<sup>354</sup>. Nas partes do livro de Ramos, ‘Da Grande República’ e ‘Da Vida de Todos os Dias’, estão inscritas crônicas que possuem uma forma de escrita na qual estão presentes ironias, comentários e outras observações sobre os mais diferentes assuntos que podiam ser

<sup>351</sup> MENEZES, Cacau. *Depoimento concedido ao autor*, op. cit.

<sup>352</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 30 set. 1989.

<sup>353</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quartéis!*, op. cit.

<sup>354</sup> Ibidem, p.27.

reconhecidas por um público bem mais numeroso. Como era o exemplo da crônica ‘Inculta e bela’ onde é possível ler o seguinte trecho: “*os portugueses andam inconformados com a degradação da língua falada no Brasil. Ameaçam proclamar sua independência idiomática, alegando que o português que aqui se gorjeia não tem mais nada a ver com a sintaxe e a semântica do que se fala na matriz*”<sup>355</sup>. Por fim, a parte do livro intitulada ‘Da Grande Aldeia’, poderia ser localizada no extremo oposto da parte ‘Da Província’. Isso porque, nas crônicas ali contidas, estão presentes anedotas relacionadas com enganos e contratemplos concernentes à viagens internacionais. Ou seja, que somente poderiam ter sido vivenciadas por alguém com um padrão de consumo compatível com esse turismo. Em uma delas, denominada ‘Indecifrável esfinge’, o autor descreve o caso da situação em que, na busca por um frasco de ‘ketchup’ em um supermercado, recebera do atendente um artigo completamente diferente: “ - *Pois não era ‘cat soup’ o que eu queria? - Estende-me, feliz, uma lata de sopa para gatos*”<sup>356</sup>.

A possível ampliação e alteração no foco de preocupação dos cronistas e colunistas de variedades, que a divisão colocada no livro de Sérgio da Costa Ramos pode tão bem exemplificar, também parecia incluir outro movimento. Em alguns de forma mais intensa, em outros com menor frequência, mas em todos os cronistas e colunistas de variedades é possível observar uma espécie de folclorização das recordações de uma parte dos moradores do município. Isso pode ser dito, tendo em conta que nas crônicas e colunas de variedades manifestava-se o entendimento de que um conjunto de histórias, lendas, curiosidade e anedotas que nelas estavam presentes, seriam o substrato de uma cultura compartilhada pelos florianopolitanos. Elementos que muitas vezes eram recolhidos entre pessoas de diferentes localidades do município pelos próprios colunistas e cronistas. Ou então, já por demais conhecidos nos seus círculos sociais, eram divulgados nas colunas de variedades e crônicas.

Em uma parte do trabalho dos cronistas e colunistas de variedades nota-se, por exemplo, que Aldírio Simões registrava histórias concernentes as mais diferentes localidades do município e que seriam pouco conhecidas mesmo pela população residente em Florianópolis desde muito tempo<sup>357</sup>. Raul Caldas fazia um relato biográfico de algumas pessoas que, segundo ele, eram expressões do que culturalmente existia de mais típico no município<sup>358</sup>. Sérgio da Costa Ramos, citava passagens sobre pessoas que já haviam deixado

<sup>355</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quarteis!*, op. cit., p.87.

<sup>356</sup> Ibidem, p.110.

<sup>357</sup> Como é o caso da maior parte das crônicas contidas em: SIMÕES, Domingueiras, op. cit.

<sup>358</sup> Como, por exemplo, aqueles existentes em: CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Que delícia de ilha*, op. cit., p. 56.

de existir e destacava a importância de recordá-las como expressão das peculiaridades de Florianópolis<sup>359</sup>. Flávio José Cardozo, com um sentido semelhante, procurava indicar resquícios do município que teria existido antes das transformações que vivenciou<sup>360</sup>. O colunista Beto Stodieck discorria nas suas colunas de variedades sobre indivíduos de uma Florianópolis que, de acordo ele, seria em diversos aspectos mais interessante do que aquela que existia no início da década de 1990<sup>361</sup>. E o colunista Cacau Menezes citava pessoas com quem havia convivido ou convivia, as quais deveriam ser recordadas por suas realizações em Florianópolis<sup>362</sup>.

Nessa parte do trabalho de cronistas e colunistas de variedades, é possível identificar que manifestava-se a idéia da existência de uma riqueza incomensurável guardada nas lembranças dos florianopolitanos, especialmente naqueles com maior idade. Quanto a essa questão, o esforço dos observadores do cotidiano em divulgá-las poderia ser relacionado ao envelhecimento da população do município. Isso porque, seguindo uma tendência nacional<sup>363</sup>, o número de pessoas com idade elevada em Florianópolis aumentava. O que significava dizer que o próprio tempo ameaçava o acervo que os cronistas e colunistas de variedades defendiam<sup>364</sup>, e por isso a urgência em registrá-lo<sup>365</sup>. Uma vez mais, se poderia notar a alteração de foco de preocupação dos cronistas e colunistas de variedades. Pois, nesse caso, suas produções parecem estar voltadas também para pessoas que possuíam idades semelhantes as suas e que, além disso, entendiam que as recordações registradas atestavam a existência de uma época diferente daquela vivida pela população mais jovem.

E é em meio a divulgação de histórias, curiosidades e anedotas, realizados pelos cronistas e colunistas de variedades, que ganha contorno uma representação sobre o município em que ele surgia como um lugar caracterizado pela cordialidade entre as pessoas, em que inexistiriam conflito sociais e a violência urbana ocorreria apenas esporadicamente. Esse

<sup>359</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Sorrisos meio sacanas*, op. cit., p. 159.

<sup>360</sup> CARDOZO, Flávio José. *Água do pote: crônicas*, op. cit., p. 70.

<sup>361</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 27 jun. 1990.

<sup>362</sup> MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 14 ago. 1989.

<sup>363</sup> CARVALHO, José Alberto Magno de & GARCIA, Ricardo Alexandrino. *O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico*. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2003, vol.19, n.3, pp. 725-733.

<sup>364</sup> No anexo XXIII existe uma tabela com o número de pessoas nas diferentes faixas etárias em Florianópolis.

<sup>365</sup> A morte de pessoas idosas foi um tema recorrente nas crônicas e colunas de variedades. Beto Stodieck, por exemplo, dedicou especial atenção ao falecimento de Franklin Cascaes, um professor de escola primária que dedicou parte de sua vida a construir um acervo sobre histórias que circulavam entre as populações da zona balneária de Florianópolis. Sobre sua morte, Beto Stodieck escreveu: "*Franklin Cascaes morreu! No entanto a sua arte aí está, mais viva do que nunca, à disposição de todos e, principalmente, do futuro*". In: STODIECK, Beto. JORNAL DO BETO. Florianópolis, 3ª semana de mar. 1983.

município, no qual “*as manhãs eram sempre deslumbrantes*”<sup>366</sup>, teria sido atropelado por “*tempos bandidos*”<sup>367</sup>, associados, em alguns casos, a um “*crescimento insano e inosso desta cidade que perdeu a efêmera chance de encantar o mundo*”<sup>368</sup>.

A demanda por produções em que seria possível apontar essa folclorização das recordações de uma parte dos moradores, poderia ser auferida na quantidade de publicações realizadas pelos cronistas de Florianópolis. Entre 1980 e 2000, Aldírio Simões, Flávio José Cardozo, Raul Caldas Filho e Sérgio da Costa Ramos publicaram diversos livros em que essa temática parecia se manifestar. Dentre eles, consta o livro de biografias escrito por Aldírio Simões, ‘Retratos a luz de Pomboca’ publicado em 1997<sup>369</sup>, e os livros de Raul Caldas Filho ‘Oh! Que delícia de ilha’, de 1995<sup>370</sup>, e ‘Oh! Casos e delícias raras’, de 1998<sup>371</sup>. Em ambos os livros, o autor indica, por diferentes prismas, peculiaridades que vislumbrava em Florianópolis. Constam também as coletâneas das produções que os cronistas fizeram para a imprensa periódica escrita. Nesse caso, é possível dizer que o livro ‘Domigueiras’ publicado em 1990<sup>372</sup> e ‘Fala Mané’ de 1998<sup>373</sup> se constituem na expressão maior da temática antes mencionada. Todavia, é possível também encontrá-la em uma parte das crônicas contidas nos livros ‘Água do pote’ de 1982<sup>374</sup>, ‘Beco da Lamparina’ de 1987<sup>375</sup> e ‘Senhora do Meu Desterro’ de 1991<sup>376</sup>, de Flávio José Cardozo. Assim como nos livros ‘Delirante Desterro’, de Raul Caldas Filho, publicado em 1980<sup>377</sup>, e em ‘Os civis precisam voltar aos quartéis’ de 1986<sup>378</sup>, ‘Enfermaria Brasil’ de 1993<sup>379</sup> e ‘Sorriso meio sacanas’ de 1996 de autoria de Sérgio da Costa Ramos<sup>380</sup>.

Sobre essa extensão produção, seria possível realizar uma última consideração a partir das colocações de Veyne. Esse autor entende que muitas vezes o esforço em defender uma cultura é sinal de que ela já não existe na forma pretendida por aqueles que a defendem. “*Uma cultura está bem morta quando a defendem em vez de inventá-la*”, conforme suas

<sup>366</sup> CALDAS FILHO, Raul. O ESTADO. Florianópolis, 16. dez. 1975.

<sup>367</sup> SIMÕES, Aldírio. *Domigueiras*, op. cit., p. 69.

<sup>368</sup> STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 2 fev. 1989.

<sup>369</sup> SIMÕES, Aldírio. *Retratos à luz de pomboca*, op. cit.

<sup>370</sup> CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Que delícia de ilha*, op. cit.

<sup>371</sup> CALDAS FILHO, Raul. *Oh! Casos e delícias raras*, op. cit.

<sup>372</sup> SIMÕES, Aldírio. *Domigueiras: sou ilhéu, graças a Deus*, op. cit.

<sup>373</sup> SIMÕES, Aldírio. *Fala Mané*, op. cit.

<sup>374</sup> CARDOZO, Flávio José. *Água do pote: crônicas*, op. cit.

<sup>375</sup> CARDOZO, Flávio José. *Beco da Lamparina*, op. cit.

<sup>376</sup> CARDOZO, Flávio José. *Senhora do Meu Desterro*, op. cit.

<sup>377</sup> CALDAS FILHO, Raul. *Delirante Desterro*, op. cit.

<sup>378</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quartéis!* Crônicas, op. cit.

<sup>379</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Enfermaria Brasil: crônicas de um país crônico*, op. cit.

<sup>380</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Sorrisos meio sacanas*, op. cit.

palavras<sup>381</sup>. Com base nesse entendimento seria possível considerar a intensidade do esforço em registrar peculiaridades sobre Florianópolis, presente nas produções de cronistas e colonistas de variedades, como indício da radicalidade das transformações acontecidas nesse município nas últimas décadas do século XX.

---

<sup>381</sup> VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 10.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorridas algumas décadas do início das transformações discutidas na presente tese, evidencia-se para um leitor da imprensa periódica de Florianópolis que as representações sobre essa cidade se modificaram ao longo dos anos. Uma cidade representada como provinciana na década de 1970, na qual os comportamentos mais valorizados localmente perderiam brilho quando inseridos em outros contextos, cedeu lugar a uma representação cosmopolita de Florianópolis. Hábitos antes descritos de forma negativa, paulatinamente foram ressignificados, e passaram a ser vistos como marcas registradas de Florianópolis em meio a homogeneização cultural que a globalização muitas vezes promove.

As comparações com os grandes centros urbanos do país continuam existindo. Contudo, ao invés do surgimento de uma Florianópolis atrasada culturalmente, adquiriu forma uma cidade entendida como refúgio com qualidade de vida em meio ao caos de outros centros urbanos. Nessa Florianópolis, a busca pelo cosmopolitismo deixou de ser importante, pois, da forma como é compreendido, ele tornou-se uma realidade. Nas praias do município, endinheirados dividem o espaço com celebridades, e, durante o verão, para aqueles que possuem recursos para tanto, existem helicópteros que fazem a ligação do aeroporto Hercílio Luz com a praia de Jurerê Internacional. Associada nessas representações a um balneário que faz frente aos mais famosos do mundo, Florianópolis não corre mais o risco de se ver confundida com uma cidade do Rio Grande do Sul. Na previsão do tempo dos telejornais de amplitude nacional, a capital catarinense apresenta-se com frequência.

Tendo em conta que as representações são formadas a partir do mundo que é dado a ler, não é motivo para admiração que aquelas relativas à Florianópolis tenham se modificado. As referências culturais presentes no município multiplicaram-se. Migrantes de toda parte, que já eram presença marcante em 1970, aumentaram maciçamente. Com esse aumento, mais e mais, desenvolveram-se formas culturais híbridas, e não é raro encontrar, por exemplo, filhos de migrantes e, mesmo migrantes, a manifestarem grande paixão pelos times locais os quais, por sua vez, são defendidos por jogadores nascidos em outros estados brasileiros. Economicamente, o município viu o número de empregos nos mais diversos setores aumentar. Em que pese o tamanho da burocracia estatal enquanto empregadora em Florianópolis, o crescimento do setor de serviços, do comércio e das atividades industriais, abalou os alicerces que fundamentavam a representação de uma cidade que oferecia apenas como horizonte de expectativa para sua população uma “boca” em uma repartição pública. As “bocas”



continuam existindo, mas muitas delas desapareceram em função da terceirização do serviço público e pela expansão das contratações mediante concurso e seleções públicas. Do ponto de vista da distribuição populacional nas diferentes faixas de rendimento, os dados indicam que o número de pessoas pertencentes aos diferentes segmentos sociais ampliou-se expressivamente em Florianópolis nas duas últimas décadas do século XX. Para as camadas médias e altas isso traduziu-se em uma sofisticação dos bens de consumo disponíveis na cidade e solapou algumas das bases nas quais se sustentavam representações de uma Florianópolis na qual ela surgia associada a um lugar “onde não tem nada para fazer”. Enfim, os cronistas e colunistas de variedades acompanharam uma quantidade bastante grande de transformações e seria de esperar que suas representações sobre o município se transformassem.

Por outro lado, como a história é pródiga em demonstrar, mesmo decorridas várias gerações, as representações de um coletivo muitas vezes permanecem semelhantes, o que evidencia seu caráter enquanto referência simbólica para as pessoas interpretarem e se localizarem no mundo<sup>382</sup>. Por isso mesmo, existem grandes dificuldades para que determinadas representações coletivas se modifiquem, tendo em conta que sobre elas atuam forças poderosas, como a tradição, que pretendem mantê-las intactas mesmo diante de profundas transformações sociais.

Ao longo das últimas décadas do século XX, é possível observar nas crônicas e colunas de variedades sobre Florianópolis a ação de forças de manutenção e de dissolução das representações coletivas. Por um lado, referências culturais foram questionadas porque eram entendidas como sinônimo de atraso. E, por outro, diferentes comportamentos, ideias e valores foram aceitos por serem compatíveis com o município que os cronistas e colunistas de variedades almejavam representar. Ao atribuírem determinados significados sobre tradições e comportamentos existentes em Florianópolis, as crônicas e colunas de variedades contribuíram para a constituição de algumas das representações coletivas desse município.

...

Não é apenas o cotidiano que incide sobre as representações coletivas. Na medida em que são utilizadas por homens e mulheres para localizar-se no mundo, elas também ajudam a construí-los como são. As representações, por isso mesmo, podem estimular a produção de identidades porque diante das referências culturais a elas associadas as pessoas são

---

<sup>382</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das Delícias: estudo de um grupo de imigrante Ucraniano 1895 – 1995*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 1996.

impingidas a posicionarem-se. E, conforme a posição assumida, atribuições de sentido acontecem dando origem a classificações, divisões e agrupamentos entre as pessoas<sup>383</sup>.

Enquanto delineadoras de identidades, as representações despertam paixões. E, como tal, são bastante instáveis, o que faz com que de um momento para o outro elas possam modificar-se profundamente. As crônicas e colunas de variedades escritas sobre Florianópolis indicam essa instabilidade de forma nítida. Ao longo dos anos, as fronteiras identitárias que adquiriram forma nesses espaços da imprensa periódica sofreram modificações que podem ser percebidas pelos diferentes coletivos enunciados: eletrosuis, gaúchos, paulistas e argentinos, por exemplo. Essa grande quantidade, longe de indicar uma tendência local em encontrar bodes expiatórios para problemas urbanos existentes em Florianópolis, aponta mais do que nunca, para uma característica geral das fronteiras identitárias constituídas a partir de contrastes culturais. Qual seja: a de que existem forças que impelem a todo momento reinterpretções dos discursos que promovem divisões das pessoas em grupos<sup>384</sup>.

Uma força que certamente permite essa ocorrência é o próprio cotidiano, pois ele está repleto de situações que a todo momento colocam a prova os limites identitários. Em Florianópolis, por exemplo, é mais do que comum encontrar pessoas nascidas na cidade que identificam-se muito mais com seus amigos provenientes de outros lugares do que com aqueles naturais do município. Não é raro encontrar também entre os florianopolitanos aqueles que trocam um final de semana na beira da praia por um churrasco ao som de músicas típicas no Rio Grande do Sul. Entre os migrantes residentes em Florianópolis, muitos aprenderam a arte da pesca com pescadores residentes nas praias do município. Existem ainda, novos moradores provenientes de grandes centros urbanos que, melhor do que muitos florianopolitanos, conseguem distinguir quando um peixe exposto nas vitrines do mercado público está fresco ou não. Situações saturadas de significados como essas são as responsáveis por retirar a eficácia de muitas representações identitárias, pois a complexidade a elas associadas negam incisivamente qualquer pretensão de homogeneidade cultural.

...

A quantidade de transformações acontecidas em Florianópolis nas últimas décadas do século XX não pode ser negada, pois é fato que são inumeráveis. Contudo, sua intensidade sim. Isso porque termos como profundas, radicais, fundamentais ou intensas são adjetivos

<sup>383</sup> HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

<sup>384</sup> BARTH, op. cit.

que, como tal, são significações atribuídas a acontecimentos e, portanto, dependem do olhar daqueles que os emitem.

A constatação acima poderia ser utilizada para retirar importância heurística das crônicas e das colunas de variedades enquanto registros de algumas formas de pensar de uma época. Isso porque elas poderiam ser entendidas simplesmente como reações sem maior importância perante os acontecimentos que tinham lugar em Florianópolis.

Entretanto, justamente por serem reflexões realizadas no calor dos acontecimentos é que as crônicas e colunas de variedades se constituem em fontes tão ricas de pesquisa. Devido a urgência de serem escritas para a publicação diária nos periódicos, não havia muito tempo para o medo de ferir suscetibilidades ou para que as considerações fossem escritas de uma forma politicamente correta. Sendo assim, se não é possível dizer que a admiração, o entusiasmo e a indignação presentes nesses espaços eram mais verdadeiros do que aqueles presentes em outros locais da imprensa periódica, pelo menos pode-se dizer que nas crônicas e colunas de variedades sua presença possuía contornos mais intensos.

Tendo em conta que os sentimentos também são uma expressão cultural, a intensidade com que eles se manifestam nas crônicas e colunas de variedades também as enriquece enquanto fontes de pesquisa. Pois indicam, mais uma vez, que dependendo do coletivo que se toma como referência para a análise social, diferentes significados são atribuídos para os acontecimentos.

...

Intimamente associadas com seleções, as representações sociais focam determinados acontecimentos em detrimento de outros. Nas crônicas e colunas de variedades sobre Florianópolis essas seleções são bastante perceptíveis, haja vista que dentro de um universo de assuntos a serem comentados, alguns ganhavam maior destaque. Ao recordarem para seus leitores que existia a pessoa jurídica e a pessoa física, os colunistas de variedades, por exemplo, deixavam claro que a grande atenção dada a alguns assuntos estava estreitamente relacionada com seu público leitor.

Por outro lado, não é porque os dados dos institutos de pesquisa sejam números que eles deixem de ser, como as crônicas e colunas de variedades, também uma representação. Isso porque, dentro de um universo enorme de variáveis, os institutos de pesquisa selecionam um certo número para criar suas representações.

Todavia, entre os dois conjuntos relativos por um lado, às crônicas e colunas de variedades e, por outro, aos dados quantitativos, existem diferenças. A principal delas reside no fato de que, ao contrário dos cronistas e colunistas de variedades, os institutos de pesquisa necessitam fundamentar suas representações em documentos. Seu compromisso é a apresentação de um quadro quantitativo afinado com um método de pesquisa. Os cronistas e colunistas de variedades não possuem a mesma preocupação, isso porque seu compromisso é com seus leitores.

São exatamente essas diferenças que tornam bastante produtiva uma metodologia que contrasta representações culturais com dados quantitativos como forma de compreensão das formas de pensar de um determinado coletivo. As pessoas, de maneira geral, não levam em conta na formação de suas representações a leitura de dados quantitativos, mas elas as produzem no calor dos acontecimentos e em meio as suas relações sociais. Sendo assim, as convergências e as disparidades existentes entre as duas fontes de pesquisa dão mostras do que é considerado importante ou não para um coletivo.

No caso de Florianópolis, o contraste entre os dados quantitativos e as representações presentes nas crônicas e colunas sociais indica que o coletivo mais proximamente relacionado aos assuntos tratados pelos cronistas e colunistas de variedades era bastante heterogêneo. Não se constituía em um coletivo que poderia simplesmente ser associado à profissionais liberais, empresários, funcionários públicos bem remunerados, comerciantes e estudantes universitários. Isso porque, mais do que distinguir-se por sua faixa de ganho, esse coletivo distinguia-se por seus hábitos culturais como viagens, leitura e lazer noturno.

...

Dentre outros aspectos, as crônicas e colunas de variedades registraram a experiência de um conjunto de pessoas que, herdando de seus antepassados uma cidade para elas bastante reconhecível, estiveram diante de novas sociabilidades nas quais referências culturais compartilhadas entre elas desde longa data não tinham importância. Uma experiência que foi entendida em diversos momentos de forma negativa, pois foi associada a diminuição do protagonismo que essas pessoas possuíam até então devido ao surgimento de outras forças sociais.

São conflitos vivenciados diariamente em todas as partes do mundo onde ocorrem transformações socioculturais. Ao provocar modificações em modos de ser e de viver, esses

movimentos incidem no estatuto que determinadas referências sociais possuem. E, como tal, se desenvolvem sempre de forma tensa.

## REFERÊNCIAS

### a) Dados quantitativos

#### Censos demográficos

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1960. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1970. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1982. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>.

#### Dados econômicos sobre os municípios catarinenses

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <[www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)>.

#### Dados relativos ao turismo em Florianópolis

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE DO GOVERNO DE SANTA CATARINA. Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR). Dados gentilmente cedidos ao autor.

#### Dados sobre a Universidade Federal de Santa Catarina

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Informática e Estatística (DIE). Disponível em <[http://www.die.ufsc.br/arquivos/BOLETIM\\_DADOS\\_2007.pdf](http://www.die.ufsc.br/arquivos/BOLETIM_DADOS_2007.pdf)>.

#### Dados sobre o número de homicídios em Florianópolis

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Séries Estatísticas e Séries Históricas*. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>

#### Dados sobre o número de cinemas, teatros, emissoras de televisão e de radiodifusão em Florianópolis

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Séries Estatísticas e Séries Históricas*. Disponível em: < <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br> >

## **b) Fontes bibliográficas**

### **Livros de crônicas**

CALDAS FILHO, Raul. *Delirante Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1980.

\_\_\_\_\_. *Oh! Que delícia de ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli: Paralelo 27, 1995.

\_\_\_\_\_. *Oh! Casos e delícias raras*. Florianópolis: Insular, 1998.

CARDOZO, Flávio José. *Singradura*. Porto Alegre: Globo, 1970. CARDOZO, Flávio José. *Zelica e outros*. Rio de Janeiro, Francisco Alves: 1978.

\_\_\_\_\_. *Água do pote: crônicas*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1982.

\_\_\_\_\_. *Beco da Lamparina*. Florianópolis. Ed. Lunardelli/Diário Catarinense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Senhora do Meu Desterro*. Fundação Franklin Cascaes, Lunardelli, Florianópolis: 1991.

CARDOZO, Flávio José et al. *Cambada de mentiroso*. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1985.

HAMMS, Jair Francisco. *O Detetive de Florianópolis*. Florianópolis, Ed. da UFSC: 1983.

MIGUEL, Salim & SOUZA, Silveira de (org.). *Este humor catarina*. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1985.

\_\_\_\_\_. *Este mar catarina*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983.

RAMOS, Sérgio da Costa. *Os civis precisam voltar aos quartéis! Crônicas*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: O Estado, 1986.

\_\_\_\_\_. *Enfermaria Brasil: crônicas de um país crônico*. Porto Alegre: L&PM, 1993.

\_\_\_\_\_. *Sorrisos meio sacanas*. Porto Alegre: Mercado Aberto: EDUFSCAR, 1996.

SIMÕES, Aldirio. *Domingueiras: sou ilhéu, graças a Deus*. Florianópolis: Papa-Livro, 1990.

\_\_\_\_\_. *Retratos à luz de pomboca*. Florianópolis: IOESC, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fala Mané*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1998.

### **Livros de memórias**

AMANTE, Francisco Hegidio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.

\_\_\_\_\_. *Somos todos Manezinhos 2*. Florianópolis: Papa-livro, 2007.

MENEZES, Manoel de. *Retalhos do Tempo*. Florianópolis: Edeme, 1977.

PORTO, Bea e LAGO, Fernanda (Org.). *É Tudo Mentira*. A história segundo Beto Stodieck. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

### **c) Fontes de imprensa**

#### **Reportagens**

AFINAL. Florianópolis, mai. 1980.

A NOTÍCIA. Florianópolis, 02 mai. 1999.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 15 out. 1993.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 17 jan. 2006.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 5 jun. 2008.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 21 jul. 1984.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 10 jul. 1986.

O ESTADO. Florianópolis, 26 mai. 1974.

O ESTADO. Florianópolis, 1 set. 1978.

O ESTADO. Florianópolis, 17 jan. 1980.

O ESTADO. Florianópolis, 19 jan. 1980.

O ESTADO. Florianópolis, 20 jan. 1980.

O ESTADO. Florianópolis, 9 jun. 1985.

O ESTADO. Florianópolis, 19 jul. 1987.

O ESTADO. Florianópolis, 17 jul. 1987.

O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1988.

O ESTADO. Florianópolis, 3 mar. 1989.



O ESTADO. Florianópolis, 17 mar. 1995.

O ESTADO. Florianópolis, 25 abr. 1995.

O ESTADO. Florianópolis, 13 e 14 mai. 1995.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 21 nov. 2004.

### **Crônicas**

CALDAS FILHO, Raul. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 11 fev. 1979.

Crônicas de CALDAS FILHO, Raul. O ESTADO. Florianópolis, (1970 – 1975).

SIMÕES, Aldório. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 08 mai. 1988.

SIMÕES, Aldório. O ESTADO. Florianópolis, 24 de mar. de 1990.

### **Colunas de variedades:**

Colunas de variedades de Beto Stodieck publicadas no JORNAL DE SANTA CATARINA e no O ESTADO. (1971 – 1990).

Colunas de variedades de Cacau Menezes publicadas no DIÁRIO CATARINENSE. (1988 – 2011).

STODIECK, Beto. JORNAL DO BETO. Florianópolis, 3ª semana de mar. 1983.

### **d) Fontes orais:**

Adriano. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, set. 2012.

Augusto. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, abr. 2011.

Claudia. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, out. 2010.

Hilda. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, out. 2009.

Jairo. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, set. 2006.

João. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, abr. 2010.

Luiz. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, mar. 2011.

Mário. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, out. 2012.

MENEZES, Cacau. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, nov. 2005.

Miguel. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, abr. 2011.

Pedro. *Depoimento concedido ao autor*. Florianópolis, set. 2012.

#### e) Sites

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. ALESC. *[SITE]*. Apresenta as leis estaduais promulgadas. Disponível em: < <http://200.192.66.20/ALESC/PesquisaDocumentos.asp> >

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DA ELETROSUL. ELASE. *[SITE]*. Apresenta informações sobre a associação. Disponível em: < <http://www.elase.com.br/novo/index.php> >.

CLUBE DOZE DE AGOSTO. *[SITE]*. Apresenta informações sobre o clube. Disponível em: < <http://www.clubedoze.com.br/site/> >.

COSTÃO DO SANTINHO. *[SITE]*. Apresenta informações sobre o empreendimento. Disponível em: <<http://www.costao.com.br/>>

HABITASUL. *[SITE]*. Apresenta informações sobre a empresa. Disponível em: <<http://www.habitasul.com.br/>>

LAGOA IATE CLUBE. LIC. *[SITE]*. Apresenta informações sobre o clube. Disponível em: < <http://www.lic.org.br> >.

LEIS MUNICIPAIS.COM.BR. *[SITE]*. Apresenta as leis do município de Florianópolis. Disponível em: < <http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-municipal-da-prefeitura/4571/leis-de-florianopolis.html> >.

LIRA TÊNIS CLUBE. LTC. *[SITE]*. Apresenta informações sobre o clube. Disponível em: < <http://www.liratenisclube.com/portal/> >.

PORTAL DO PLANALTO. *[SITE]*. Apresenta as leis promulgadas pela Presidência da República. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br> >.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. UFRJ. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. IPPUR. Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal. *[SITE]*. Apresenta estudos de diversos pesquisadores. Disponível em: <<http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br>>.

#### f) Referências bibliográficas

##### Sobre Santa Catarina:

ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. *Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no

Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.

ARAÚJO, Hermes dos Reis. *A invenção do litoral*. Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. *Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20*. p.102-113. In: *História de Santa Catarina*. Estudos Contemporâneos. BRANCHER, Ana (org.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BEZERRA, Romeu Augusto de Albuquerque. *A terra urbana em Florianópolis (SC): loteamentos e desmembramentos de 1940 a 2001*. Dissertação (mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 2002.

BOSSLE, Ondina Pereira. *História da industrialização catarinense: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: CNI; Florianópolis: FIESC, 1988.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: ed. Lunardeli, 1970.

CAMPIGOTO, José Adilçom. *Roças empresas e sonhos: jogos e discursos*. (A CPT em Santa Catarina). Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, 1996.

CAMPOS, Edson Telê. *A expansão urbana na região metropolitana de Florianópolis e a dinâmica da indústria da construção civil*. Tese (Doutorado em Geografia) – UFSC, 2009.

CAMPOS, Emerson César de. *O Catarinense de Bombacha: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959 – 1997)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1999.

CECCA (Centro de Estudos Cultura e Cidadania). *Uma cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1996.

\_\_\_\_\_. *Qualidade de vida e cidadania*. A construção de indicadores socioambientais da qualidade de vida em Florianópolis. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

CÓRDOVA, Raquel Vieira de. *Ficar em Terra*. O processo de migração de profissionais da pesca. 1 v. Dissertação (mestrado) – UFSC, Florianópolis, 1986.

COSTA, Gláucia Dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis*. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

COSTA, Sandro da Silveira. *Os transportes motorizados em Florianópolis: percepções e sensibilidades cotidianas (1920-1941)*. Tese (Doutorado em História) – Florianópolis, UFSC, 2010.

DIAS, Rafael Damaceno. *Que invasão é essa? Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

FACCIO, Maria da Graça Agostinho. *O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da Univali, 2000.

FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FÁVERI, Marlene de & TANAKA, Teresa Adami. *Divorciados, na forma da lei: discursos jurídicos nas ações judiciais de divórcio em Florianópolis (1977 a 1985)*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010.

FERRARO, Jaqueline Lumena. *Florianópolis re-contada sob os olhos de Sérgio da Costa Ramos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2007.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: ed. da UFSC, 1997.

FONSECA, Jefferson Rafael da. *Nossa Senhora do Aterro: Florianópolis a partir das crônicas ligeiras de Beto Stodieck (1971 – 1980)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FROTSCHER, Méri. *A cultura alemã como “ameaça” à cultura luso-brasileira: nacionalização e conflitos culturais em Santa Catarina*. p. 423-479. In: *O Beijo Através do Atlântico: o lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó, Argos: 2001.

GEBARA, Marila Filártiga. *A difusão espacial dos condomínios residenciais horizontais fechados em Florianópolis - SC*. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Florianópolis, UFSC, 2008.

GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Cidade Futura, 2002.

HAYGERT, Maria Lúcia Lemos. *De pai para filho: tecendo um novo território familiar - uma etnografia sobre as relações geracionais na agricultura familiar do Município de Quilombo/SC*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Florianópolis, UFSC, 2000.

HÜBENER, Laura Machado. *O Comércio da Cidade de Desterro no Século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

KÖRBES, Aline Schaefer. *Os condomínios fechados horizontais de Cacupé no contexto urbano de Florianópolis: os lugares fora do lugar*. Dissertação (mestrado em Geografia) – Florianópolis, UFSC, 2008.

LENZI, Maria Helena. *Das imagens, a ausência: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis*. Dissertação (mestrado em Geografia). Florianópolis, UFSC, 2010.

LIMA, João David Ferreira. *UFSC: sonho e realidade*. Florianópolis: UFSC, 1980.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis 1950 a 1970*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002.

\_\_\_\_\_. *Espaço urbano brasileiro: entre a ditadura e a democracia - o caso de Florianópolis, SC (1964-1990)*. *Estud. hist. (Rio J.)* [online]. 2011, vol.24, n.47, pp. 162-181.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos da história oral contemporânea*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fgv, 2001. p 15-25

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: UNICAMP, 2004.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *O Estado Novo e a questão da identidade nacional: a elaboração do outro*. In: SZESZ, Christiane Marques et alii (org.). *Portugal-Brasil no século XX: Sociedade, Cultura e Ideologia*. Bauru-São Paulo: EDUSC, 2003.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

MEZZOMO, Melissa. *Uma contribuição a análise de espaços urbanos: estudo sobre a dinâmica de Jurerê (1950-2007)*. Dissertação (mestrado em Engenharia Civil) – Florianópolis, UFSC, 2009.

NEUMANN, Clóvis. *Quadra nuclear multiuso: uma proposta de projeto de quadra: objeto de estudo: centro urbano de Florianópolis/SC*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Florianópolis, UFSC, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica a "indústria pós-moderna"*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1998.

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1991.

PEREIRA, Fernando O. R.; PEREIRA, Alice T. Cybis; SZUCS, Carolina P., PERES, Lino Fernando B.; SILVEIRA, Luís Roberto M. da. *Características da habitação de interesse social na Região de Florianópolis: desenvolvimento de indicadores para melhoria do setor*. In: *Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social*. ABIKO, Alex Kenya & ORNSTEIN, Sheila Walbe (ed). São Paulo: FAUUSP, 2002.

PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e Modernização* (Um estudo de Modernização em Florianópolis). Florianópolis: Lunardelli, [19- ].

PETRY, Michele Bete. *Entre desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor: a cidade e o cotidiano de Florianópolis (SC) na obra de Sérgio Bonson*. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2011.

REZENDE, Vera F. *Planos e regulação urbanística: a dimensão normativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970*. Tese (doutorado em História). Porto Alegre, UFRGS, 2005.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: Edeme, 1973.

SILVA, F. C. A.; HEIDEN, F. C.; AGUIAR, V. V. P.; PAUL, J. M. *Migração rural e estrutura agrária no oeste catarinense*. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2003.

SIQUEIRA, Marina Toneli. *Entre a prática e o discurso: a formação de espaços simbólicos na Florianópolis contemporânea*. Tese (doutorado em Arquitetura) – São Paulo, USP, 2008.

SUGAI, Maria Inês. *As intervenções viárias e as transformações do espaço urbano. A via de contorno norte-Ilha*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – São Paulo, USP, 1994. Volume 1.

VALENTE, César. *A Imprensa na Grande Florianópolis*. p. 75. In: BALDESSAR, Maria José; CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Jornalismo em perspectiva*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

VEIGA, Eliane Veras da. *Transporte coletivo em Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira-mar*. Insular, Florianópolis, 2004.

VIANA, Alice de Oliveira. *A persistência dos rastros: manifestações da art déco na arquitetura de Florianópolis*. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Florianópolis, UDESC, 2008.

## Geral

ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

AIDAR, Tirza. *A face perversa da cidade: configuração sócio-espacial das mortes violentas em Campinas nos anos 90*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, nov. 2003.

ARCHANJO, Daniela Resende. *Um debate sem embate: a discussão sobre o divórcio no congresso nacional (Brasil, 1951 – 1977)*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica*. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das Delícias: estudo de um grupo de imigrante Ucraniano 1895 – 1995*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 1996.

ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. *O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período 1970/2000*. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (Orgs.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ARANHA, Valmir. *Mobilidade pendular na metrópole paulista*. *São Paulo Perspec.* [online]. 2005, vol.19, n.4, pp. 96-109.

ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. 4. ed., rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990. 2v.

BARTH, Fredrick. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe &

STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* de Fredrick Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 2. ed. - São Paulo: Pioneira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

BONDUKI, Nabil. *Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula*. Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n.1, p. 71-104, set. 2008.

BOSCHILIA, Roseli. *Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos* (Curitiba 1925-1965). Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

BOSI, Eclea . *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas, Papirus: 1996.

\_\_\_\_\_. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Capital Social: notas provisórias*. In: NOGUEIRA, Maria Alice &

CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis, 1998: Vozes.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRITO, Fausto. *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*. Estud. av. [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 221-236.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP: Ed. 34, 2000.

CAMARANO, Ana Amélia & ABRAMOVAY, Ricardo. *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo, Rio de Janeiro: Unicamp, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARNEIRO, MARIA JOSÉ. *Herança e gênero entre agricultores familiares*. Rev. Estud. Fem. [online]. 2001, vol.9, n.1, pp. 22-55.

CARVALHO, José Alberto Magno de & GARCIA, Ricardo Alexandrino. *O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico*. Cad. Saúde Pública [online]. 2003, vol.19, n.3, pp. 725-733.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1996.

CODATO, Adriano Nervo & OLIVEIRA, Marcus Roberto de. *A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. Rev. Bras. Hist. [online]. 2004, vol.24, n.47, pp. 271-302.

COOPER, Chris et al. *Turismo: princípios e práticas*. São Paulo: Bookman, 2001.

DAMERGIAN, Sueli. *Migração e referenciais identificatórios: linguagem e preconceito*. Psicol. USP [online]. 2009, vol.20, n.2, pp. 251-268.



DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_.; ROCHE, Daniel. *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1996.

DUARTE, Fábio; CZAJKOWSKI JUNIOR, Sérgio. *Cidade à venda: reflexões éticas sobre o marketing urbano*. *Rev. Adm. Pública*. 2007, vol.41, n.2, pp. 273-282.

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 4a edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

FERRARO, Alceu Ravanello. *Analfabetismo e letramento no Brasil: o que dizem os censos?* *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

GÁRCIA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro (RJ): Ed. da UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

GUANCHE, Jesús. *Os estudos sobre as limitações do folclore e o alcance da cultura popular tradicional em Cuba*. *Estud. av.* [online]. 2011, vol.25, n.72, pp. 117-130.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da "Cultura": Espaço, Identidade e Política da Diferença*. p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

JACOB, César Romero et. al. *A diversificação religiosa*. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

LOBO, Carlos e MATOS, Ralfo. *Migrações e a dispersão espacial da população nas regiões de Influência das principais metrópoles Brasileiras*. *Rev. bras. estud. popul.* [online]. 2011, vol.28, n.1, pp. 81-101.

MAFESOLLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARICATO, Erminia. *As idéias fora do lugar e o lugar fora das ideias*. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3.ed Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metrópole, legislação e desigualdade*. Estud. av.[online]. 2003, vol.17, n.48, pp. 151-166.

MATTOS, Luiz Fernando Rojo. *Vivendo “nu” paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. *Regime constitucional dos servidores da administração direta e indireta*. São Paulo: R. dos Tribunais, 1990.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MERRICK, Thomas W. *A população da América Latina, 1930 – 1990*. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP 1997. V.6.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

MOTTA, Nelson. *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959/69)*. São Paulo: Annablume, FAPESPE, 2001.

\_\_\_\_\_. *A música popular brasileira (MPB) dos anos 70: resistência política e consumo cultural*. In: Anais do IV Congresso de La Rama Latino Americana del IASPM. Cidade do México, abril, 2002.

NETO, Jaime Bernardo. *Pequenas propriedades rurais e estrutura fundiária no Espírito Santo*. Uma tentativa de entendimento das particularidades capixabas. Monografia (bacharelado em Geografia) – Vitória, UFES, 2009.

NEVES, Maurício dos Santos. *O Setor de Telecomunicações*. BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento. Disponível em:  
[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro\\_setorial/setorial13.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_setorial/setorial13.pdf)

OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. *O Plano Cruzado: balanço e perspectivas*. *Lua Nova* [online]. 1987, vol.3, n.3, pp. 13-19.

PALMEIRA, Moacir. *Modernização, Estado e questão agrária*. Estud. av. [online]. 1989, vol.3, n.7, pp. 87-108.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. *Violência por armas de fogo no Brasil - Relatório Nacional*. São Paulo. Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo, 2004.

POLANAH, Luís. *Mexerico e maldizer no meio rural*. Revista de Guimarães, n.º 103, 1993, pp. 111-128.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira. *Diásporas, culturas e coesão social*. In: *Eu e o outro*. Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais. BIZARRO, R. (org.). Porto: Areal Editores, 2007. p. 78-95.

\_\_\_\_\_. *Impactos demográficos e sociais das migrações internacionais em Portugal*. In: *Saúde, Migração e Interculturalidade*. Perspectivas teóricas e práticas. RAMOS, Natália (org.). João Pessoa: EDUEPB, 2008. p. 11-44.

SANTHIAS, Paulo Roberto. *Zzzzriguidum! Consulado: o choque do samba em Florianópolis* (memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade - 1976 a 2000). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2010.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

SALIS, Carmem Lúcia Gomes de. *Estatuto da Terra: origem e (des)caminhos da proposta de reforma agrária nos governos militares*. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

SOUZA, Edinilsa Ramos de & LIMA, Maria Luiza Carvalho de. *Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais*. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2006, vol.11, suppl., pp. 1211-1222.

SOUZA, Lynn Mário T. Menezes de. *Hibridismo e tradução cultural em Bhabha*. In:

TIMOTEO ÁLVAREZ, Jesus. *Historia y modelos de la comunicación en el siglo XX*. El nuevo orden informativo. 2ª edición. Barcelona: Ariel, 1992.

TOLEDO, Caio Navarro de. *1964: o golpe contra as reformas e a democracia*. Rev. Bras. Hist. [online]. 2004, vol.24, n.47, pp. 13-28.

TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico*. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf> Acesso em: 15 abril de 2008.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 10.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012*. Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil. São Paulo. Instituto Sangari, 2011.

WELLER, Wivian. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. Soc. estado. [online]. 2010, vol.25, n.2, pp. 205-224.

ZALUAR, Alba. *Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. Estud. av.* [online]. 2007, vol.21, n.61, pp. 31-49.

\_\_\_\_\_; NORONHA, José C. de e ALBUQUERQUE, Ceres. *Violência: pobreza ou fraqueza institucional?. Cad. Saúde Pública* [online]. 1994, vol.10, suppl.1, pp. S213-S217.

## ANEXOS

ANEXO I - NÚMERO DE RESIDENTES DOS DISTRITOS DE FLORIANÓPOLIS E PERCENTUAL DE AUMENTO POPULACIONAL E DE URBANIZAÇÃO, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 2000.

		1950	1960	1970	1980	1991	2000
Fpolis	Tot <sup>385</sup>	51.317	78.752 (53,5%)	115.547 (46,7%)	153.652 (32,9%)	191.664 (24,7%)	228.869 (19,4%)
	Urb <sup>386</sup>	39.087	40.963 (4,8%)	115.547 (182,1%)	153.652 (33,0%)	191.664 (24,7%)	228.869 (19,4%)
	Sub <sup>387</sup>	9.177	32.926	-	-	-	-
	Rur <sup>388</sup>	3.053	4.863	-	-	-	-
Cachoeira do Bom Jesus	Tot	1.518	2.169 (42,8%)	2.116 (-2,4%)	3.070 (45,1%)	4.473 (45,7%)	12.808 (186,3%)
	Urb	147	140 (4,8%)	701 (400,7%)	634 (-9,6%)	3.219 (407,3%)	10.855 (237,2%)
	Sub	112	88	-	-	-	-
	Rur	1.259	1.941	1.415	2.436	1.254	1.953
Canasvieiras	Tot	1.550	1.723 (11,2%)	1.996 (15,8%)	2.431 (21,8%)	4.096 (68,5%)	10.129 (147,3%)
	Urb	130	127 (2,3%)	791 (522,8%)	488 (-38,3%)	2.819	9.459
	Sub	234	257	-	-	-	-
	Rur	1.186	1.339	1.205	1.943	1.277	670
Ingleses	Tot	2.726	2.994 (9,83%)	2.016 (-32,7%)	2.695 (33,7%)	5.865 (97,8%)	16.514 (181,6%)
	Urb	165	142	781	825	4.494	15.875
	Sub	119	258	-	-	-	-
	Rur	2.442	2.594	1.235	1.870	1.371	639
Lagoa	Tot	3.589	3.613 (0,67%)	4.985 (38,0%)	7.821 (56,9%)	14.784 (89,0%)	9.849 (-33,4%)
	Urb	128	136	746	1.772	10.768	9.051
	Sub	301	284	-	-	-	-
	Rur	3.160	3.193	4.239	6.049	4.016	798
Pântano do Sul	Tot	-	-	2.102	2.379 (13,2%)	3.974 (67,0%)	5.824 (46,6%)
	Urb	-	-	493	856	3.172	5.089
	Sub	-	-	-	-	-	-
	Rur	-	-	1.609	1.523	802	735
Ratones	Tot	666	862 (29,4%)	795 (-7,8%)	902 (13,5%)	1.080 (19,7%)	2.871 (165,8%)
	Urb	55	115	350	406	525	1.441
	Sub	204	243	-	-	-	-
	Rur	407	504	445	496	555	1.430
Ribeirão da Ilha	Tot	4.365	5.261 (20,5%)	4.229 (-19,6%)	6.404 (51,4%)	14.229 (122,2%)	20.392 (43,3%)
	Urb	426	709 (66,4%)	857 (20,9%)	1.768 (106,6%)	9.399 (431,6%)	20.340 (116,4%)
	Sub	549	678	-	-	-	-
	Rur	3.390	3.874	3.372	4.636	4.830	52
São João do Rio Vermelho	Tot	-	-	981	1.223 (24,7%)	1.867 (52,7%)	6.791 (263,7%)
	Urb	-	-	335	755 (125,4%)	1.086 (43,8%)	5.571 (413,0%)
	Sub	-	-	-	-	-	-
	Rur	-	-	646	468	781	1.220
Santo Antônio	Tot	1.899	2.453 (29,2%)	3.570 (45,5%)	7.294 (104,3%)	12.925 (77,2%)	5.367 (- 140,8%)
	Urb	173	332 (91,9%)	425 (28,0%)	617 (45,2%)	12.420 (1913,0%)	4.723 (62,0%)
	Sub	108	187	-	-	-	-
	Rur	1.593	1.934	3.145	6.677	489	644
Campeche	Tot	-	-	-	-	-	18.570
Barra da Lagoa	Tot	-	-	-	-	-	4.331

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

<sup>385</sup> Total.<sup>386</sup> População urbana.<sup>387</sup> População suburbana.<sup>388</sup> População rural.

## ANEXO II - AUMENTO DA POPULAÇÃO URBANA NAS GRANDES REGIÕES BRASILEIRAS.

GRANDE REGIÃO	SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Norte	Total	2.048.696	2.930.005	4.188.313	6.767.249	10.257.266	12.893.561
	Urbana	607.164	1.041.213	1.784.223	3.398.897	5.931.567	9.002.962
	Rural	1.441.532	1.888.792	2.404.090	3.368.352	4.325.699	3.890.599
Nordeste	Total	17.973.413	22.428.873	28.675.110	35.419.156	42.470.225	47.693.253
	Urbana	4.744.808	7.680.681	11.980.937	17.959.640	25.753.355	32.929.318
	Rural	13.228.605	14.748.192	16.694.173	17.459.516	16.716.870	14.763.935
Sudeste	Total	22.548.494	31.062.978	40.331.969	52.580.527	62.660.700	72.297.351
	Urbana	10.720.734	17.818.649	29.347.170	43.550.664	55.149.437	65.441.516
	Rural	11.827.760	13.244.329	10.984.799	9.029.863	7.511.263	6.855.835
Sul	Total	7.840.870	11.892.107	16.683.551	19.380.126	22.117.026	25.089.783
	Urbana	2.312.985	4.469.103	7.434.196	12.153.971	16.392.710	20.306.542
	Rural	5.527.885	7.423.004	9.249.355	7.226.155	5.724.316	4.783.241
Centro-Oeste	Total	1.532.924	2.678.380	4.629.640	7.003.515	9.412.242	11.616.745
	Urbana	397.200	995.171	2.358.218	4.950.203	7.648.757	10.075.212
	Rural	1.135.724	1.683.209	2.271.422	2.053.312	1.763.485	1.541.533

FONTE: Tabela número 1.288 do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

## ANEXO III - MUNICÍPIOS CATARINENSES COM POPULAÇÃO MAIOR QUE 100 MIL HABITANTES (1970 – 2000).

	1970	1980	1991	2000
Blumenau - SC	100.275	157.251	212.025	261.808
Chapecó - SC	49.865	83.772	123.050	146.967
Criciúma - SC	81.452	110.597	146.320	170.420
Florianópolis - SC	138.337	187.880	255.390	342.315
Joinville - SC	126.058	235.803	347.151	429.604
Lages - SC	128.728	155.295	151.235	157.682
São José - SC	42.535	87.822	139.493	173.559

FONTE: Tabela número 202 do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

ANEXO IV - PIB NO SETOR DE INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA MINERAL  
(VALOR ADICIONADO - PREÇOS BÁSICOS) NAS CIDADES MAIS POPULOSAS DE SANTA CATARINA. EM REAIS (R\$) DE 2000.

	1970	1975	1980	1985	1996
Blumenau	336.335,03	861.951,80	1.823.341,34	1.842.906,33	1.424.696,69
Chapecó	24.504,08	79.843,30	230.016,64	277.305,41	332.606,42
Criciúma	103.003,12	230.817,35	528.444,26	484.491,87	322.493,01
Florianópolis	29.662,23	69.561,56	66.304,46	62.357,76	121.423,72
Joinville	525.463,47	1.334.644,07	2.079.912,73	1.946.342,10	2.571.169,63
Lages	162.512,79	272.131,85	335.482,89	151.848,05	168.214,15
São José	10.787,73	32.848,43	84.063,14	68.101,49	143.253,55

FONTE: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <www.ipea.gov.br >.

ANEXO V - PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA EM ALGUNS DOS MAIS POPULOSOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA (1970 – 1995).

	1970	1980	1995
Blumenau	16.392	40.508	35.855
Chapecó	1.127	4.523	10.354
Florianópolis	2.301	3.800	5.882
Lages	5.868	9.143	6.774
Joinville	17.535	47.278	52.897
São José	565	2.985	5.739

FONTE: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), op. cit.

ANEXO VI - PIB NO SETOR DE SERVIÇOS (VALOR ADICIONADO - PREÇOS BÁSICOS) NOS MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS DE SANTA CATARINA. EM REAIS (R\$) DE 2000.

	1970	1975	1980	1985	1996
Blumenau	321.557,18	524.137,20	804.412,93	1.010.034,36	1.298.838,73
Chapecó	74.595,70	133.321,93	268.931,22	276.337,94	466.296,79
Criciúma	97.222,47	141.899,22	265.910,97	366.616,66	567.465,69
Florianópolis	491.733,46	735.946,20	1.435.658,23	1.643.346,60	3.783.681,21
Joinville	327.139,85	396.224,47	922.087,46	859.827,64	1.545.304,52
Lages	209.236,75	288.623,52	377.552,50	328.963,32	515.641,55
São José	46.868,05	106.050,80	239.926,99	360.731,01	809.892,39

FONTE: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), op. cit.

ANEXO VII - RECEITA ESTIMADA EM DÓLARES DOS TURISTAS EM FLORIANÓPOLIS NOS MESES DE JANEIRO E FEVEREIRO.

	Nacionais	Estrangeiros	Total
1993	58.492.141,29	117.598.913,49	176.091.054,78
1994	56.303.396,00	108.468.513,66	164.771.909,66
1995	61.862.861,51	48.000.590,33	109.863.451,84
1996	74.220.255,14	46.741.261,77	120.961.516,91
1997	123.423.372,01	92.085.236,90	215.508.608,92
1998	97.820.358,74	38.286.035,70	136.106.394,44
1999	61.946.957,87	67.573.568,15	129.520.526,02
2000	75.256.126,37	69.661.673,60	144.917.799,97

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE DO GOVERNO DE SANTA CATARINA. Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR). Dados gentilmente cedidos ao autor.

ANEXO VIII - NÚMERO ESTIMADO DE TURISTAS EM FLORIANÓPOLIS NOS MESES DE JANEIRO E FEVEREIRO.

	NACIONAIS	ESTRANGEIROS	TOTAIS
1993	238.282	178.332	416.614
1994	170.679	186.196	356.875
1995	172.623	83.105	255.728
1996	215.835	84.815	300.650
1997	270.189	154.591	424.780
1998	272.643	85.815	358.458
1999	287.859	147.631	435.490
2000	335.132	171.109	506.241

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE DO GOVERNO DE SANTA CATARINA, Op. cit.

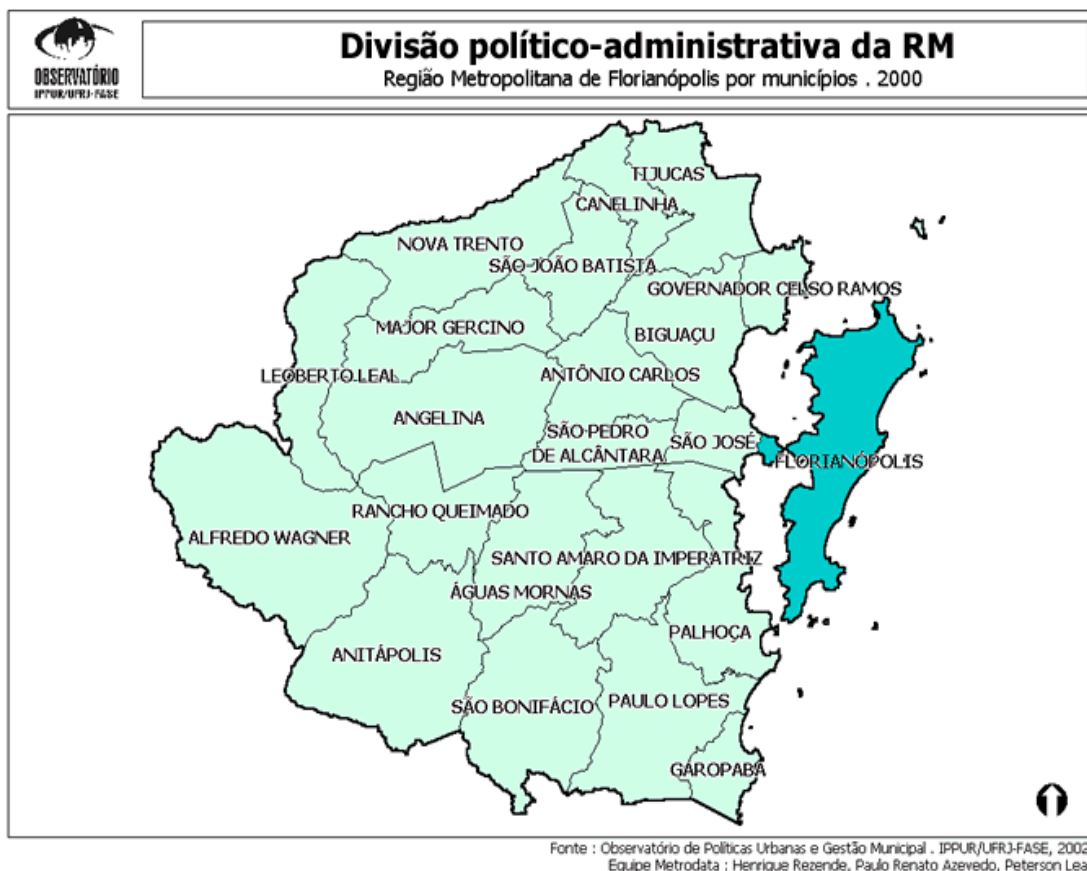
ANEXO IX - NÚMERO DE PESSOAS EMPREGADAS NAS ATIVIDADES DE ALOJAMENTO E DE ALIMENTAÇÃO EM FLORIANÓPOLIS.

	1970	1980	1991	2000
Serviço de alojamento	195	393	864	1.711
Serviço de alimentação	287	1.427	4.155	5.072

FONTE: Tabela construída a partir dos microdados do IBGE. Gentilmente cedidos ao autor por Anael Cintra.



## ANEXO X - REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS.



FONTE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. UFRJ. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. IPPUR. Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal. [SITE]. *Mapa da região metropolitana de Florianópolis*. Disponível em:  
[http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/imagens/rm\\_floripa.gif](http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/imagens/rm_floripa.gif)

## ANEXO XI – POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS.

	1970	1980	1991	2000
Águas Mornas - SC	4.675	4.626	4.611	5.390
Antônio Carlos - SC	5.624	5.412	5.613	6.434
Biguaçu - SC	15.337	21.441	34.063	48.077
Florianópolis - SC	138.337	187.880	255.390	342.315
Governador Celso Ramos - SC	7.521	7.814	9.629	11.598
Palhoça - SC	20.652	38.023	68.430	102.742
Santo Amaro da Imperatriz - SC	10.362	11.316	13.392	15.708
São José - SC	42.535	87.822	139.493	173.559
São Pedro de Alcântara - SC	-	-	-	3.584

FONTE: Tabela número 202 do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

ANEXO XII - PIB NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL (VALOR ADICIONADO - PREÇOS BÁSICOS) NAS CIDADES MAIS POPULOSAS DE SANTA CATARINA. EM REAIS (R\$) DE 2000.

	1970	1975	1980	1985	1996
Blumenau	26.888,83	78.050,76	159.956,26	124.085,85	195.411,55
Chapecó	8.972,28	25.923,74	52.882,38	38.537,70	55.816,27
Criciúma	13.122,82	38.302,63	78.931,23	70.241,97	83.466,93
Florianópolis	51.352,20	107.819,36	159.828,12	120.802,66	304.001,26
Joinville	25.064,39	76.914,67	166.640,27	138.922,65	223.155,84
Lages	38.498,05	68.487,24	86.019,98	42.161,79	52.024,44
São José	19.088,44	56.910,35	119.792,83	90.679,63	158.257,92

FONTE: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), op. cit.

ANEXO XIII - PIB TOTAL DAS CIDADES MAIS POPULOSAS DE SANTA CATARINA. EM REAIS (R\$) DE 2000.

	1970	1975	1980	1985	1996
Blumenau	720.866,29	1.510.603,79	2.853.044,63	3.054.417,74	2.962.834,26
Chapecó	152.156,66	316.430,18	665.337,30	691.125,13	909.050,88
Criciúma	235.860,05	441.266,85	927.524,91	996.730,11	1.002.337,13
Florianópolis	591.522,77	944.929,77	1.699.174,49	1.867.227,25	4.231.018,13
Joinville	915.355,50	1.867.071,82	3.257.590,00	3.035.977,44	4.418.173,98
São José	81.854,35	207.550,33	479.372,85	529.062,90	1.099.174,43
Lages	476.640,03	714.302,55	929.032,45	586.809,85	799.200,69

FONTE: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), op. cit.

ANEXO XIV - TABELA COM O PIB NO SETOR DE ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL (VALOR ADICIONADO - PREÇOS BÁSICOS) NAS CIDADES MAIS POPULOSAS DE SANTA CATARINA. EM REAIS (R\$) DE 2000.

	1970	1975	1980	1985	1996
Blumenau	34.801,01	49.202,12	102.826,66	85.908,42	304.536,59
Chapecó	10.919,94	15.180,84	28.888,69	18.911,16	80.989,58
Criciúma	14.850,24	23.243,43	45.904,24	45.190,82	136.487,31
Florianópolis	63.325,96	88.049,20	179.157,13	111.160,53	492.190,85
Joinville	38.983,09	56.384,18	116.202,73	88.042,20	428.368,10
Lages	36.730,05	30.729,27	41.144,54	18.614,24	112.275,65
São José	8.144,57	20.579,69	43.991,96	29.300,65	175.811,33

FONTE: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), op. cit.

## ANEXO XV - TITULAÇÃO DOS PROFESSORES DA UFSC POR ANO.

	Docentes			
	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
1980	354	581	418	179
1981	275	559	506	188
1982	259	595	588	207
1983	246	582	653	230
1984	251	574	671	233
1985	256	548	691	254
1986	249	546	748	273
1987	235	544	769	277
1988	201	523	780	300
1989	199	482	795	316
1990	190	488	774	347
1991	196	390	714	334
1992	203	327	729	403
1993	140	324	759	434
1994	125	316	760	480
1995	113	246	755	530
1996	111	239	745	608
1997	89	231	685	708
1998	80	208	635	748
1999	71	189	610	790
2000	99	122	560	877

FONTE: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Informática e Estatística (DIE). Disponível em <[http://www.die.ufsc.br/arquivos/BOLETIM\\_DADOS\\_2007.pdf](http://www.die.ufsc.br/arquivos/BOLETIM_DADOS_2007.pdf)>.

## ANEXO XVI - PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE COM VALOR DO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL NO MUNICÍPIO DE JOINVILLE.

	1980	1991	2000
Total	108.058	157.180	217.536
Até 3 salários mínimos	81.880	98.976	114.239
Mais de 3 a 10	21.970	48.309	81.894
Mais de 10 a 20	3.092	7.048	14.321
Mais de 20	1.116	2.847	7.082

FONTE: BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

## ANEXO XVII - ESTADO CONJUGAL DAS PESSOAS COM 15 ANOS E MAIS.

				1950	1960	1970	1980	1991 <sup>389</sup>	2000
Total			Total		57.343		127.639	205.361	290.047
			Homens	19.763	27.045	39.336	60.986	98.111	139.142
			Mulheres	22.824	30.298	44.624	66.653	107.250	150.905
Casados	Total		Homens	11.214	16.756	23.032	35.714	-	54.512
			Mulheres	11.413	16.872	22.926	35.414	-	54.641
	Tipo da união	Civil e religiosa	Homens	-	11.081	17.481	28.461	37.181	-
			Mulheres	-	11.092	17.355	28.265	37.181	-
		Somente civil	Homens	-	3.458	3.682	3.977	6.116	-
			Mulheres	-	3.496	3.667	3.922	6.116	-
		Somente religiosa	Homens	-	1.199	694	496	787	-
			Mulheres	-	1.236	687	484	787	-
		Consensual	Homens	-	1.018	1.175	-	8.807	-
	Mulheres	-	1.048	1.217	-	8.807	-		
Outra			Homens	-	-	-	2.780	-	-
			Mulheres	-	-	-	2.743	-	-
Solteiros			Homens	7.834	9.343	15.124	23.111	41.397	75.078
			Mulheres	8.173	9.121	15.972	22.780		
Separados			Homens	-	288	567 <sup>390</sup>	414	1.552	-
			Mulheres	-	777	1.332 <sup>391</sup>	1.344	3.387	-
Desquitados e divorciados			Homens	48	30	-	235	1.005	7.641
			Mulheres	57	60	-	678	2.808	10.892
Viúvos			Homens	626	608	605	664	716	1.911
			Mulheres	3.110	3.452	4.382	5.474	7.048	10.864
Sem declaração			Homens	-	20	-	848	550	-
			Mulheres	-	16	-	963	834	

FONTE: BRASIL, 1955, op. cit.; BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.

## ANEXO XVIII - PERCENTUAL DOS DIFERENTES TURISTAS ESTRANGEIROS EM FLORIANÓPOLIS NOS MESES DE VERÃO.

PAÍS	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Argentina	93,62%	92,16%	84,23%	84,33%	84,60%	77,47%	83,04%	86,34%
Chile	2,13 %	0,49 %	4,70 %	1,49%	3,13%	1,98%	2,17%	2,80%
Paraguai	-	1,96 %	3,02 %	3,73%	2,46%	7,11%	4,78%	0,88%
Uruguai	3,83 %	3,19 %	5,03 %	6,72%	6,70%	9,09%	4,78%	7,01%

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE DO GOVERNO DE SANTA CATARINA, Op. cit.

<sup>389</sup> Nesse censo foram computadas as pessoas com mais de dez anos de idade.

<sup>390</sup> Número de separados, desquitados e divorciados.

<sup>391</sup> Número de separados, desquitados e divorciados.

## ANEXO XIX - SANEAMENTO BÁSICO EM FLORIANÓPOLIS.

	1980	1991
Total	42.631	68.425
Só do domicílio	-	63.794
Só do domicílio com rede geral	14.687	20.896
Só do domicílio com fossa séptica	16.007	35.881
Só do domicílio com fossa séptica ligada à rede pluvial	-	17.569
Só do domicílio com fossa séptica sem escoadouro	-	18.312
Só do domicílio com fossa rudimentar	5.616	4.766
Só do domicílio com vala negra	-	1.159
Só do domicílio com outro tipo de escoadouro	655	674
Só do domicílio mas não sabe o tipo de escoadouro	-	418
Comum a mais de um domicílio	-	2.144
Comum a mais de um domicílio com rede geral	259	312
Comum a mais de um com fossa séptica	733	1.261
Comum a mais de um domicílio com fossa séptica ligada à rede pluvial	-	770
Comum a mais de um domicílio com fossa séptica sem escoadouro	-	491
Comum a mais de um domicílio com fossa rudimentar	886	350
Comum a mais de um domicílio com vala negra	-	172
Comum a mais de um domicílio com outro tipo de escoadouro	102	40
Comum a mais de um domicílio mas não sabe o tipo de escoadouro	-	9
Não tem instalação sanitária	2.196	2.487
Sem declaração	1.490	-

FONTE: BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.

## ANEXO XX - SANEAMENTO BÁSICO EM CURITIBA.

	1980	1991
Total	240.932	350.604
Só do domicílio	-	324.341
Só do domicílio com rede geral	123.469	208.421
Só do domicílio com fossa séptica	51.328	83.811
Só do domicílio com fossa séptica ligada à rede pluvial	-	55.860
Só do domicílio com fossa séptica sem escoadouro	-	27.951
Só do domicílio com fossa rudimentar	28.992	18.353
Só do domicílio com vala negra	-	10.166
Só do domicílio com outro tipo de escoadouro	2.525	1.637
Só do domicílio mas não sabe o tipo de escoadouro	-	1.953
Comum a mais de um domicílio	-	15.604
Comum a mais de um domicílio com rede geral	5.269	5.551
Comum a mais de um com fossa séptica	5.670	4.848
Comum a mais de um domicílio com fossa séptica ligada à rede pluvial	-	3.463
Comum a mais de um domicílio com fossa séptica sem escoadouro	-	1.385
Comum a mais de um domicílio com fossa rudimentar	14.275	3.365
Comum a mais de um domicílio com vala negra	-	1.486
Comum a mais de um domicílio com outro tipo de escoadouro	1.098	214
Comum a mais de um domicílio mas não sabe o tipo de escoadouro	-	140
Não tem instalação sanitária	2.590	10.659
Sem declaração	5.716	-

FONTE: BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.

## ANEXO XXI - SANEAMENTO BÁSICO EM PORTO ALEGRE.

	1980	1991
Total	299.368	379.734
Só do domicílio	-	355.470
Só do domicílio com rede geral	142.199	122.485
Só do domicílio com fossa séptica	81.381	202.311
Só do domicílio com fossa séptica ligada à rede pluvial	-	183.802
Só do domicílio com fossa séptica sem escoadouro	-	18.509
Só do domicílio com fossa rudimentar	27.835	16.412
Só do domicílio com vala negra	-	11.035
Só do domicílio com outro tipo de escoadouro	2.703	2.816
Só do domicílio mas não sabe o tipo de escoadouro	-	411
Comum a mais de um domicílio	-	14.546
Comum a mais de um domicílio com rede geral	9.398	1.776
Comum a mais de um com fossa séptica	11.661	7.938
Comum a mais de um domicílio com fossa séptica ligada à rede pluvial	-	6.735
Comum a mais de um domicílio com fossa séptica sem escoadouro	-	1.203
Comum a mais de um domicílio com fossa rudimentar	13.189	2.357
Comum a mais de um domicílio com vala negra	-	2.117
Comum a mais de um domicílio com outro tipo de escoadouro	1.098	333
Comum a mais de um domicílio mas não sabe o tipo de escoadouro	-	25
Não tem instalação sanitária	5.418	9.718
Sem declaração	4.486	-

FONTE: BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit

## ANEXO XXII - MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM OS TURISTAS A VISITAR FLORIANÓPOLIS.

TIPO	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Atrativos Naturais (Praias, ilhas, etc.)	70,77%	78,59%	83,82%	83,33%	86,77%	69,59%	78,56%	81,91%
Atrativos Histórico-Culturais e Científicos	25,44%	16,38%	4,41%	3,56%	4,14%	4,25%	3,61%	3,62%
Manifestações Populares (Folclore, etc.)	2,03 %	1,28 %	1,79 %	0,67%	1,30%	0,90%	0,49%	0,23%
Eventos (Congressos, Convenções, etc.)	0,54 %	1,07 %	0,74 %	1,33%	1,14%	2,96%	1,32%	1,13%
Outros	1,22 %	2,68 %	9,24 %	11,11%	6,66%	22,30%	16,02%	13,11%

FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE DO GOVERNO DE SANTA CATARINA, Op. cit.

## ANEXO XXIII - IDADE DOS MORADORES DE FLORIANÓPOLIS.

	1960	1970	1980	1991	2000
Menos de 1 ano a 14 anos	40.584	54.377	60.241	75.499	81.721
15 a 19 anos	10.097	16.785	23.546	24.767	34.869
20 a 24 anos	8.382	13.623	22.115	24.484	35.120
25 a 29 anos	7.228	9.418	17.925	25.422	30.352
30 a 34 anos	6.377	8.236	13.939	22.823	27.875
35 a 39 anos	5.247	7.366	10.177	19.409	28.785
40 a 49 anos	8.487	11.987	16.340	27.765	46.615
50 a 59 anos	5.748	8.379	11.773	16.615	28.162
60 a 69 anos	3.764	5.130	7.155	11.224	16.275
70 anos ou mais	1.926	2.896	4.456	7.432	12.541
Idade ignorada	87	140	213	-	-

FONTE: BRASIL, 1960, op. cit.; BRASIL, 1970, op. cit.; BRASIL, 1982, op. cit.; BRASIL, 1991, op. cit.; BRASIL, 2000, op. cit.